

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS



ABIM | REGISTRO N° 083-J

ANO 5 – NÚMERO 15

JANEIRO / FEVEREIRO 2023

GOIÂNIA-GO

editorial

AINDA HÁ IDEAIS. AINDA EXISTEM IDEALISTAS!

Que seria do mundo, que seria de nós se os ideais tivessem todos ido apagados e sepultados todos os idealistas? Esta pergunta inquietante freme, de vez em quando e a cada dia mais fortemente, à medida em que vamos constatando a coisificação dos seres humanos e a materialização dos sentimentos que saem coloridos da alma mas vão se petrificando, à medida em que se expõem à atmosfera escura dos interesses, das tendências da carne que envolvem e arrastam a tudo e a todos com seus princípios e projetos calcados na ambição, no poder, no egoísmo, na vaidade e, principalmente, turbinados com a moderna medicação da falta de amor.

E a luta contra este desconcertante evento, embora aparentemente projetada para os outros, começa em nós mesmos, pois esta atmosfera escura rodeia a todos nós. Graças a Deus podemos observar que, enquanto muitos se deixam levar pelo passageiro e enganador momento de glória e exposição, com o afago de suas inclinações menos elogiáveis, há ainda os que cultivam a brisa suave do ideal, sem preocupações de ganho ou vantagem. Há os que têm vencido esta batalha e conseguido preservar imune ao imediatismo, ao retorno ou ao ganho no mais recôndito de seus corações, o mais puro ambiente para o cultivo de projetos e ações que visem, prioritariamente, o bem geral, o patrimônio imaterial, aquele que alimenta imperecivelmente a verdadeira vida.

É bem assim que nitidamente aparecem fatos e comportamentos, embora escassos, na rotina da vida, que mostram ainda existirem ideais, ainda permanecerem vivos e atuantes puros idealistas.

E é assim que observo, quando homens e mulheres denodados se unem para uma obra silenciosa mas de alto significado para o meio circundante.

É assim que sinto, quando vejo pessoas buscando edificar templos em seus corações, com o mesmo ou até muito maior ardor do que quando edificando templos de pedra.

Vi e vejo assim a fundação de nossa Academia Goiana Maçônica de Letras, agora comemorando seu quarto aniversário de vida profícua, ativa e proveitosa. Parecia, ao ser imaginada, uma quimera, uma utopia irrealizável. E mesmo depois de criada, eram tão grandes as barreiras e tão colossais os obstáculos que a impressão primeira era de uma irremediável perda de tempo. Mas não foi assim sob a Presidência do confrade João Batista Fagundes. Acreditava que obstáculos existem para serem ultrapassados, vencidos. E os ultrapassou e venceu, regularizando a Casa de Letras

e fazendo-a produzir frutos dignos, com a ajuda indispensável de toda a sua diretoria e, em especial, do Secretário, confrade José Mariano Fonseca, entusiasta deste jornal e das publicações literárias do Sodalício, inclusive o portentoso ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS – História e Antologia, que já serve de paradigma para inúmeras coirmãs.

E vamos seguindo em frente. Com o mesmo entusiasmo.

Recentemente, realizou o nosso Sodalício sessão solene para posse da nova Diretoria e de novos Acadêmicos, eleitos para ocuparem Cadeiras vagas com o falecimento de alguns companheiros desta Caminhada cultural.

Para quem pensou que seria apenas mais uma sessão solene de posse, a surpresa foi grande, pois deu-se um evento maravilhoso, com direito a audição do Coro Italiano, com um finíssimo repertório no qual se destacou a peça de Giuseppe Verdi “Va Pensiero”.

Assumiu o comando da Academia o confrade José Mariano Fonseca e tomaram posse nas Cadeiras números 07, 11 e 36, respectivamente, os irmãos e agora confrades José Eduardo Souza de Miranda, Flávio Roldão e Célio César de Moura Gonçalves.

Troca de comando... preenchimento de postos, dirão alguns.

Eu, todavia, direi: Muito mais do que isto!

Primeiro, compromisso do novo Presidente em manter o ritmo acelerado e de comprometimento, adotado pelo anterior, feito publicamente, no momento em que exaltava as qualidades maçônicas de nosso ex-Presidente. Certamente isto será cumprido à risca.

Segundo, quando se está em guerra, qualquer baixa preocupa e preencher a lacuna é indispensável para que se mantenham incólumes as peças de ataque e as de defesa neste imenso campo de batalha.

Sim. Cenário de batalha, como nas antigas guerras, onde se dava um confronto corpo a corpo. E é este que teremos que enfrentar dia após dia, na luta pela conscientização da necessidade do belo, da arte, da elevação espiritual.

Os novos confrades empunharam a bandeira do ideal maçônico e literário da verdade (que é sempre útil) e da beleza literária quer se contém nas mensagens do bem, da paz e do amor, que encontram eco nas abóbadas das Academias Maçônicas, tempos de culto ao belo e ao útil, até porque já compreendemos que, na verdadeira vida, só é belo o que é útil e só é útil o que é belo e o bem deve ser a finalidade última de nossas atitudes. – Equipe editorial



BRENO CAIADO
ADVOCACIA

Rua 10, nº 250, Ed. Trade Center, Sala 304, setor Oeste

(62)3932-2237

www.brenocaiado.com.br



fala do presidente

NOITE MEMORÁVEL

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Saúdo efusivamente toda diretoria, os membros dos núcleos, os novos membros empossados no dia 09 de fevereiro 2023, demais acadêmicos que presenciaram por meio virtual a cerimonia e todos convidados que abrilhantaram e deram significado à magna noite. A solenidade da posse foi mais um marco histórico na Academia Goiana Maçonica de Letras – AGML, justo e merecido, além do ingresso de três novos membros nesta memorável instituição.

Sobretudo, foi uma noite inesquecível, para Academia Goiana Maçonica de Letras pela erudição conseguida ao longo de quatro anos de atividade dos confrades, esquadrihado a partir do amor pelos livros, pela boa leitura, pela publicação de variados gêneros literários, unindo o conhecimento filosófico maçônico e intelectual. Parabéns! Recebam todos o meu fraternal abraço.

Saudações culturais!

DIRETORIA – BIÊNIO 2022/2024



CADEIRA Nº 06

Presidente
José Mariano
L. Fonseca



CADEIRA Nº 21

Vice – Presidente
Adegmar José
Ferreira



CADEIRA Nº 24

1º Secretário
Isaias Costa Dias



CADEIRA Nº 37

2º Secretário
Hamilton Rios
de Araújo



CADEIRA Nº 33

1º Tesoureiro
Carlos A. B.
de Castro



CADEIRA Nº 32

2º Tesoureiro
Anestor Porfirio
da Silva



CADEIRA Nº 29

Diretora de
Patrimônio
Joás de Franca Barros



CADEIRA Nº 02

Diretoria Cultural
Anderson Lima
da Silveira



CADEIRA Nº 16

Diretor de Divulgação
João Batista
Fagundes



CADEIRA Nº 26

Bibliotecário
Aírton B. de Andrade



CADEIRA Nº 18

Orador
Absai Gomes Brito



CADEIRA Nº 04

Diretoria Jurídica
Breno Boss C. Caiado

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Titulares



CADEIRA Nº 20

Gesmar José
Vieira



CADEIRA Nº 25

Parahyba
Santana



CADEIRA Nº 14

Castro Filho



CADEIRA Nº 23

Genserico B.
de Siqueira



CADEIRA Nº 13

Getúlio Targino
Lima



CADEIRA Nº 15

Jefferson S.
de Carvalho

Conselheiros Suplentes



sinalização

A SABEDORIA CONSIDERADA MAIOR DO QUE A BONDADÉ

Tito Souza do Amaral | Colaborador

“Nenhuma sabedoria pode ser considerada maior que a bondade”, Jean Jacques Rousseau. Vencemos com galhardia o ano de 2022, o ano da retomada de nossas plenas atividades no mundo profano e que reiniciamos a plenitude de nossos trabalhos maçônicos. Chegamos ao final de mais essa jornada anual sabendo respeitar os limites do corpo e a grandeza da alma que precisamos praticar diariamente.

O ano de 2022 marcou a ascensão da parábola da humanidade sobre o flagelo da pandemia de Covid-19 em que a ciência deixou patente seu papel de catalisadora do bem para a humanidade, de disponibilizar uma maciça campanha de vacinação que venceu a contaminação e parou de ceifar vidas injustamente. Nós, maçons, filhos da mesma escola de pensadores de Rousseau e amantes da ciência sabemos que o Grande Arquiteto do Universo nos dá inteligência e discernimento para construirmos soluções

e caminhos de forma raciocinada e levando experiência para as gerações futuras. Nossa Sereníssima Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás pode comemorar a alegria do retorno às nossas sessões econômicas, aos estudos, mas principalmente às sessões magnas, com ênfase para as iniciações.

Após dois anos de represamento nossa fraternidade cresceu em número e qualidade, com a admissão de novos irmãos que muito irão abrilhantar a maçonaria goiana. A Colmeia da Grande Loja e suas filhas de cada loja puderam recomeçar as ações de benemerência e filantropia que tanto marcam de forma positiva, mostrando que a bondade de nossas esposas transcende nossos lares e irradia o bem para pessoas necessitadas.

Somos abençoados por termos companheiras tão abnegadas e bondosas e zelarem por nossos lares com a mesma bondade que distribuem auxílios

para quem necessita. Tivemos muitas realizações importantes e de grande significado para a Grande Loja. Nesse ano conseguimos realizar novamente o Encontro de Veneráveis Mestres Eleitos e Reeitos em nossa pousada de Aruanã.

O sentido firme desse encontro é interagir os Veneráveis Mestres de várias regiões, prepará-los para a melhor prática de administração de suas lojas e criar um colegiado coeso, fraterno e interativo. Tivemos momentos de tristeza também, com a perda de nosso amado irmão e eterno Grão Mestre, Adolfo Ribeiro Valadares. A comoção tomou conta de nós com a ausência de um dos mais amados e admirados irmãos e a ausência dói mais que a perda.

Fica o vazio do amado irmão com sua presença marcante. Mas, fica igualmente o legado de inúmeros ensinamentos e exemplos que ele nos legou de fé, superação, tolerância, da mão

sempre estendida, da bondade no olhar, da serenidade no diálogo e da confiança em Deus. Teremos para sempre na memória a imagem do sorriso sincero e dos valores que ele nos ensinou a cultivar.

Para 2023 sabemos que será mais um ano de dividir as águas, de fecharmos ciclos e de promover a salutar renovação que nossa Sublime Ordem precisa para se perpetuar. Sabemos que temos irmãos valorosos e de brilhantismo dentro da maçonaria e no mundo profano. Sabemos que ainda há muito o que construir. Vencemos batalhas, superamos obstáculos e galgamos degraus importantes, tudo isso mantendo o nosso compromisso com o progresso e união.

Agora é preciso pensarmos de forma positiva e convergente com nossos ideais de fraternidade e comprometidos com a edificação de uma sociedade feliz e um mundo mais justo e fraterno. Sigamos nessa senda, porque a evolução continua.

Que assim seja!



reconhecimento

ENTÃO NA CADEIRA 07

José Eduardo Miranda | Cadeira nº 07

No pináculo da magnitude de entender-me como um homem de bem, que luta diariamente contra os vícios da existência, combatendo, a miúde, a vaidade e o orgulho, não posso ocultar a alacridade pela minha nomeação, no último dia 09 de fevereiro, como Neoacadêmico da Academia Goiana Maçônica de Letras. Foi lindo, mágico e seráfico...

Imerso em um fenômeno metamorfose, assumi a Cadeira nº 07, transformando-me num imortal... Foi transcendente!

E a transcendência justifica-se pela deferência de ingressar no seletivo Grupo dos ‘Homens das Letras’ da Maçonaria do Estado de Goiás, alcançando a certeza de que passo a ocupar a condição daqueles cuja obra jamais será esquecida.

Distante da ironia de Olavo Bilac, quem sutilmente dizia que “os escritores eram imortais porque

não tinham onde cair mortos”, a imortalidade do membro de uma Academia de Letras, mais do que simbólica, perfaz o epíteto atribuído àquele cuja vida permanece latente, selada na eternidade da produção literária.

Este é o mote da imortalidade de um Acadêmico: se os livros não duram para sempre, as histórias repousam definitivamente na alma dos leitores, que se renovam de forma transgeracional.

Fenomenologicamente, é incontestável que as histórias, lidas e relidas, perenizam a vida de quem as escreveu. Sou, portanto, imortal!

Acontece que entre a posse na AGML, e o deleite da ‘imortalidade’, sobressalta a responsabilidade de assumir a Cadeira nº 07, cujo predecessor foi o Prodigioso Irmão Adolfo Ribeiro Valadares.

Entre o deleite da posse na AGML e a supremacia do predecessor

Imortalizado em sua obra, e eternizado na sua história, tudo o que falar sobre o Grão-Mestre, que nos ampara desde o Oriente Eterno, é pouco, diante da grandeza do homem de luz e de fé que enterneceu a alma daqueles que o conheceram. Durante sua vida, foi um encantador de gentes, semeou a paz e a felicidade, elevando diuturnamente seu voto de gratidão ao Grande Arquiteto do Universo.

O Irmão Adolfo Ribeiro Valadares, IMORTAL, e meu Patrono na Academia Goiana Maçônica de Letras, segue um exemplo de Maçom, e continua um verdadeiro paradigma de homem justo e perfeito.

Por isso, subscrevo, em letras garrafais, que assumir a Cadeira nº 07, que sempre será de Adolfo, evoca o encargo etéreo daquele que será incansável para além de prosseguir publicando livros. Continuarei dando vida à obra que meu Patrono delegou aos Maçons deste Estado, e seguirei, dia após dia, seu exemplo de Maçom infatigável, de homem perseverante, com fé inabalável, coragem incessante e trabalho fraterno.

Imortalizarei, na Cadeira nº 7, minha condição de agente do bem, da paz, do amor e da felicidade, como sempre fez Adolfo Ribeiro Valadares.

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS
Registro na ABIN nº 083-J

Palácio Maçônico “Násseri Gabriel” – GOB-GO
Goiânia-Goiás – Fone: (62) 3211-1010

Presidente: José Mariano L. Fonseca – Cadeira nº 06

Editor/design: Guilherme Fonseca – Colaborador

Revisor: Flávio Roldão de Carvalho Leles

Colaboradores: Absai Gomes Brito / Guilherme Freire Fonseca

Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira / Getúlio Targino Lima

Luiz Antônio Signates Freitas / Alexandre A. Giffoni Júnior

Programação/editoração: Adriana Almeida

Coordenação gráfica: Gráfica Poder – 62. 98190-5857

Tiragem desta edição: 500 exemplares

Divulgação: Físico / Digital [http://agml.com.br/]

A direção do Jornal não se responsabiliza por conceitos emitidos em matérias publicadas.

expediente



sensibilização

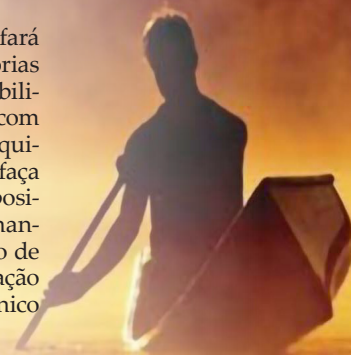
SERENIDADE

Mauro Marcondes | Cadeira nº 19

O ser humano, em suas múltiplas tarefas e funções, muitas vezes não age com a tranquilidade necessária diante de situações complicadas ou traumáticas.

Para que o encanto da tranquilidade se efetive, se faz necessário que nós, como seres energéticos que somos, possamos emanar do consciente e subconsciente as energias que nos envolvem, depurando-as com a nossa vontade esclarecida, o que permitirá, além do controle a se estabelecer, o permear com tudo e com todos que nos rodeiam.

Esta prática que deve ser cotidiana fará com que nossas emoções internas e vibratórias crie a serenidade com a supremacia da estabilidade de relacionamento. Assim devemos com consciência pensar, meditar e propiciar o equilíbrio necessário para que a serenidade faça parte das nossas vidas, impedindo que posicionamentos desairosos nos impeçam de mantermos a paz necessária e um existir pleno de harmonia e felicidade, e que a transformação em gotas pacificadoras do ambiente maçônico seja uma constante em nosso meio.





artigo

AS INTERFACES DA AGML

Adegmar José Ferreira | Cadeira nº 21

Academia Goiana Maçônica de Letras [História e Antologia]

O título que dá nome a esta grandiosa obra acadêmica, de pronto, nos instiga indagar: 1º. Em que consiste uma academia de letras? Particularmente, letras maçônicas? 2º. O que é uma antologia?

Academia de letras corresponde a um locus de estudo e pesquisa, que se abriga numa entidade de caráter cívico-cultural e literário composta por importantes nomes integrantes da literatura em determinada área do conhecimento.

No mesmo sentido, numa academia maçônica de letras, naturalmente, estuda e pesquisa de forma verticalizada elementos de cultura afetos a Arte Real e sua interface a outras áreas transversais do conhecimento.

Mas, e o termo antologia? Corresponde a que exatamente? Penso que o termo nos sugere, no mínimo, dois significados, um no campo do conhecimento literário, e outro, no campo da botânica. Vejamos:

No primeiro (o literário), significa um conjunto de textos produzidos por diversos autores e consequentemente por mãos, ideias e pensamentos diferentes;

No segundo, (campo da botânica), significa plantar, cultivar, amearhar, colecionar, (juntar, colher) e estudar as flores.

Pelo que se vê de cada página desta obra muito bem organizada pelo incansável Confrade José Mariano Lopes Fonseca, não é difícil perceber que ali está registrado o contributo de todos os Confrades, no plantio, no cultivo e na colheita de “flores acadêmicas”, literárias e culturais, num esforço comum na consolidação da nossa Academia Goiana Maçônica de Letras, AGML.

Winston Churchill (1940) O ex-primeiro ministro da Inglaterra foi um dos grandes oradores da história. Seu primeiro discurso no cargo foi aberto com uma frase que ficaria marcada: “Não tenho nada a oferecer senão sangue, trabalho árduo, suor e lágrimas”. O discurso foi o primeiro de três poderosas pronunciações de Churchill durante a Batalha da França, pela 2ª Guerra Mundial. O poder de oratória do estadista foi essencial para convencer o povo a pegar em armas enquanto Hitler e suas tropas avançavam pela Europa.

Aqui em Goiás, Adolfo Ribeiro Valadares (de saudosa memória), Luiz Carlos de Castro Coêlho. João Batista Fagundes, Mauro Marcondes da Costa e José Mariano Lopes Fonseca, capitaneados por outros valorosos irmãos das duas Potências Maçônicas (GOB e GLEG), na mais perfeita união e no afã de cultivar o solo e nos ensinar PLANTAR, CULTIVAR E COLHER FLORES, simbolicamente, empunharam suas espadas, vestiram seus paramentos, puseram seus aventais e com muita coragem e determinação, tal qual fizera o primeiro ministro inglês conclamando o povo para a luta, estes grandes irmãos ofereceram à Maçonaria muita dedicação, trabalho, perseverança, e naturalmente, com muito suor reergueram e reestruturaram a AGML, fazendo com isso, brotar em nossos corações a alegria de pertencer a esse locus de pesquisa, debates de ideias e de pensamentos, hoje ostentando ótima produção acadêmica com edição do Jornal “O CONFRADE” com várias edições e E-BOOKS com inúmeros trabalhos publicados, de circulação não só no território nacional, mas também, no estrangeiro.

Sem exagero, todavia, guardadas as devidas proporções à realidade do discurso de CHURCHILL

(frente à realidade da Segunda Guerra Mundial que combatia tenazmente o fascismo, nazismo e ódio aos judeus, ciganos e minorias), ao contrário, aqui, no seio da AGML esses grandes irmãos da Maçonaria Goiana nos ensinam e estimulam pensar criticamente a partir de muito estudo, pesquisa, dedicação e perseverança, sopesando sempre os valores humanos do SER, do TER e do DEVER SER maçônicos e profanos, almejando sempre o bem estar da humanidade.

Engendrada por esses GIGANTES DA MAÇONARIA, nossa AGML nasceu com seus objetivos pensados, estudados e muito bem definidos. Vejamos a este respeito o que ficou estabelecido nos artigos 3º e 4º do seu estatuto:

Art. 3º – A ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS tem por objetivos:

I – Congregar intelectuais membros de Lojas Maçônicas, sem discriminação da potência maçônica a que estejam jurisdicionadas, desde que estejam comprovadamente em situação de regularidade, eles e elas, e, de consequência, em pleno gozo de seus direitos maçônicos;

II – Promover palestras, conferências, reuniões e simpósios literários e atividades afins, principalmente de cunho maçônico;

III – associar-se e manter intercâmbio com entidades congêneres do país ou do exterior;

IV – Editar, por conta própria ou de terceiros, sem fins lucrativos, obras literárias maçônicas, monografias e um jornal ou revista, cuja periodicidade será objeto de resolução da Diretoria;

V – Divulgar, em jornais e periódicos, as atividades e programas da Academia.

Art. 4º – A ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS não se envolverá em questões político-religiosas ou político-partidárias, nem em divergências entre corpos maçônicos de diferentes tendências, mantendo sempre escrupulosa imparcialidade em quaisquer pendências dessa natureza.

I – Estimular redes de pesquisas, arte e cultura, e produção do conhecimento.

Parágrafo único – A ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS não cederá suas dependências para quaisquer fins estranhos à sua destinação e finalidade.

Prosseguindo, na SESSÃO II do referido Estatuto, o artigo 15, ao cuidar dos deveres de seus confrades, assim estabelece:

Art. 15 – São deveres dos associados:

I – Colaborar com o jornal e a revista da Academia, a serem editados segundo normas baixadas pelo Regimento Interno;

II – Colaborar com a Administração na divulgação da Academia nos meios maçônicos que frequentar;

III – Destinar à biblioteca da Academia exemplares de obras, artigos, escritos, conferências e palestras de sua autoria;

IV – Participar regularmente das sessões da academia e possuir no mínimo de 75% de frequência das sessões na Academia durante o ano;

V – Justificar por escrito a sua ausência no período de cinco dias uteis após a sessão, com aceite da Diretoria;

VI – Comparecer e participar das reuniões para as quais for designado pelo Presidente.

§ 1º. Quando o associado for designado para representar a Academia em localidade diversa daquela em que reside ou tem domicílio, ser-lhe-ão reembolsadas as despesas que realizar no cumprimento da missão, observados os limites que o Regimento Interno da Academia fixar.

§ 2º. O Acadêmico que não possuir 75% de frequência nas sessões da Academia, poderá ser excluído.

Ao prefaciar esta magnífica obra, o ilustre confrade Professor Getúlio Targino Lima, com muita sapiência e clareza, assim se expressou:

“...Pois bem, esta obra (...), quer perpetuar um acontecimento grandioso para o mundo maçônico e para o mundo das letras, que foi a criação da Academia Goiana Maçônica de Letras, imortalizando e tornando lembrados, nesta e nas gerações futuras, os homens que se juntaram para alcançar esse objetivo magnífico.

Não ficará num passado, que poderia ser esquecido até por novas gerações de acadêmicos que venham suceder a atual e outras que tenham imediatamente sucedido. Haverá sempre uma fonte para pesquisa à sociedade, e sempre, seja quando for, mesmo num futuro distante, será possível saber quem foram estes homens, qual a história e o contributo social, cultural e literário que ofereceram, em seu tempo, à sociedade, porque esta obra traz os traços biográficos de cada um deles e a sua história se confundirá com a história da Academia que idealizaram, com qual sonharam e que fizeram se tornar realidade. Nele consta o que são ou foram ou que fizeram ou estão hoje fazendo”.

Como disse Targino “...esta obra quer perpetuar um acontecimento grandioso para o mundo maçônico e para o mundo das letras”, disso não tenho dúvidas, grande intelectual Targino! Prova de sua feliz afirmação está em Adolfo Ribeiro Valadares, João Asmar e Carlos Augusto Ferreira de Viveiro, que partiram para o Oriente Eterno, e no entanto, seus grandes feitos na AGML, na vida maçônica e profana, estão muito vivos entre nós. São, verdadeiramente, imortais!

Mas, a vida é mesmo assim, simbolicamente, uma gangorra de perdas e ganhos! Vejam que perdemos três grandes irmãos confrades, mas logo, ganhamos mais três que são, José Eduardo Souza de Miranda, Cadeira 7, tendo como patrono Adolfo Ribeiro Valadares; Flávio Roldão de Carvalho Lelis, Cadeira 11, tendo como patrono Moacyr Salles e Célio Cezar de Moura Gomes, Cadeira, 36, tendo como patrono Chafic Gabriel.

Vejam que em 20 de julho 1897, criou-se a Academia Brasileira de Letras, (sediada no Rio de Janeiro), capitaneada por Machado de Assis, que elegeu naquela oportunidade, como um de seus principais objetivos o reconhecimento da língua portuguesa e da literatura nacional, além de contribuir como principal responsável na unificação da língua e na edição de obras literárias relevantes, incluindo dicionários

Desse mesmo modo, tal qual perpetua a vetusta e grandiosa ABL, não tenho dúvida de que o prognóstico de Targino se confirmará no que tange a Academia Goiana Maçônica de Letras, AGML.

Vida longa à AGML e boa leitura desta magnífica Antologia! Continuemos plantando, cultivando e colhendo flores!

João Batista Fagundes Filho
OAB/GO 14.295
fagundesadvgo@gmail.com

62. 3215-2293

Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO

ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA
OAB-GO 35

Eni Cabral
ADVOCADO

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973
Fax: 3215-1838
e-mail: enicabral@terra.com.br



artigo

HOMENS LIVRES E DE BONS COSTUMES?

Anderson Lima da Silveira | Cadeira nº 02 – Edição: Lara Satler

Ser um homem livre e de bons costumes é uma pré-condição para que alguém ingresse na Ordem Maçônica e nela permaneça. Além disso, é uma das colunas morais que balizam a Carta de Princípios Universais, que apresenta os pedreiros e suas oficinas à sociedade e ao mundo. Podemos inclusive afirmar que esse dueto de virtudes anima o espírito de nossos landmarks (antigas obrigações, usos, costumes e tradições, considerados pela maioria dos autores maçônicos como as mais antigas leis).

Pensando estrategicamente, essa sugestiva sentença encontra-se em sintonia com o modus operandi (expressão em latim que significa modo de operação) e modus vivendi (frase latina que significa modo de vida ou meio de viver) que a maçonaria especulativa vem celebrando ad intra (por dentro, interiormente) e ad extra (por fora, exteriormente), nos últimos dois séculos.

Por não ser uma instituição doutrinária, a maçonaria não é signatária de nenhuma ideologia, credo, código moral, prática social, modelo jurídico, sistema educacional e outras formas de vínculos socioculturais. Todos estes, preceptores, por sua vez, de condutas e verdades consensuais, que cimentam nossa malha social. Lugar comum de sobrevivência da imensa maioria das grandes instituições mundiais, destacadamente as mais antigas e cosmopolitas.

Fizemos essa breve reflexão, que já é do conhecimento de muitos, apenas para darmos continuidade

a provocação que o parágrafo inicial nos propõe, que diz respeito a necessárias indagações sobre nosso status quo (expressão do latim que significa estado atual) maçônico.

Podemos começar nos perguntando, a partir de quais referências e sob qual contexto definimos o homem livre e de bons costumes, que se enquadra no perfil maçônico? O que significa ser esse homem? Esse perfil ainda existe? É consensual? Responde a contento ao que se espera do maçom nos dias de hoje?

Por outro lado, para que se evite subjetividades, podemos nos contentar com a ficha limpa do maçom como garantia de suas virtudes? Se não existem pendências civis e criminais, esse homem está pronto para a Ordem? É possível, por exemplo, ser maçom e não ser cidadão? Ser maçom e não exercitar a cidadania no seu sentido mais amplo e profundo?

Isto posto, fazemos novamente um pequeno recorte histórico: a visão iluminista sobre o homem, o mundo e a natureza, que edificou a maçonaria especulativa, no século XVIII consegue responder as exigências da sociedade atual? É possível continuarmos assumindo o marco histórico grego do sofista Protágoras que afirma ser o homem a medida de todas as coisas? Podemos continuar tomando o homem pela humanidade, desconsiderando as mulheres, a diversidade de minorias, o meio ambiente, incluindo animais e a vida vegetal, etc.? E assim, ao usarmos o homem livre e de bons costumes na pergunta, nossas respostas de

ontem conseguem iluminar e orientar nossos desafios de hoje, respondendo-os satisfatoriamente?

Destacamos esses dois aspectos da nossa reflexão por entendermos serem os que têm uma visibilidade de mais acessível. No entanto, irradiam-se do centro dessas proposições inúmeros questionamentos importantíssimos, alguns bem pouco debatidos por nós ou até mesmo propositalmente ignorados. Supostamente, por não entendermos e/ou não percebermos o nosso descompasso frente ao multifacetado rosto do mundo que habitamos.

É por isso, portanto, que sugerimos, neste breve tempo de estudos, que iniciemos sem demora esse polêmico debate. Dando um passo, ainda mais entredido do que estamos acostumados a dar, talvez valha a pena trazer para dentro dessa conversa algumas preocupações que se encontram no coração humanista e progressista da nossa Ordem, todavia, desaquecidos pela desatualização.

Quem sabe, o território das invisibilidades deva ser atentamente frequentado por nós, mediante a formulação de algumas perguntas: o que não estamos vendo e por quê? O que não estamos ouvindo e por quê? Quem estamos excluindo e por quê? Todas essas perguntas são dirigidas, é claro, a nós mesmos, enquanto partícipes de uma instituição que existe no mundo, com o mundo e para o mundo. Mesmo que esta instituição se refira a este mesmo mundo e aos que o habitam, chamando-os, arbitrariamente, de profanos. Será que esta expressão e o que ela carrega ainda se sustenta nos dias atuais?

Entendemos que um bom tempo de estudos nos entrega mais perguntas do que respostas, encruzilhadas do que caminhos lineares. Mas, acima de tudo, nos permite olhar para o que está posto, dado e comprovado por outros ângulos, partindo de outras referências e, principalmente, nos alertando para os sinais, avisos e exigências que o aqui e o agora nos exige.



saúde & psicologia

ENTENDENDO O QUE É ALIENAÇÃO MENTAL

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

A Alienação Mental se caracteriza quando (em razão de uma doença psíquica) ocorre a diminuição de processos cognitivos, ou seja, quando ocorre a perda significativa da aquisição de conhecimento nos fatores como o pensamento, a linguagem, a percepção (da realidade), a memória, o raciocínio e demais fatores relacionados ao desenvolvimento intelectual.

Assim, se esse estado mental/psíquico for de caráter transitório ou de caráter permanente, de maneira que o indivíduo acometido por essa moléstia torne-se incapaz total ou parcialmente de gerenciar sua vida social, este indivíduo está classificado como portador de alienação mental.

Um indivíduo nessas condições tem sua personalidade parcial ou completamente alterada, perdendo a capacidade de responder legalmente por seus atos sociais. Desta forma, o mesmo fica impedido de realizar qualquer atividade funcional devido à sua condição. Em diversos casos, o indivíduo desenvolve dependência de terceiros no tocante a diversas responsabilidades exigidas no convívio social e, não raramente, este pode vir a representar riscos para outros e até para si mesmo. Nestas circunstâncias, torna-se necessário a interdição judicial ou a internação em hospitais especializados, de modo que se garanta a sua proteção e a dos demais a sua volta, tamanho o risco que passa a representar.

Juridicamente, conforme descreve a Portaria Normativa nº – 1174/MD de 06 de setembro de 2006: “... todo caso de distúrbio mental ou neuromental grave e persistente, o qual, esgotados os meios habituais de tratamento, haja alteração completa ou considerável da personalidade, comprometendo gravemente os juízos de valor e realidade, destruindo

a autodeterminação do pragmatismo e tornando o indivíduo total e permanentemente inválido para qualquer trabalho”, é consider do Alienação Mental.

Assim, caso o indivíduo tenha adquirido esta incapacidade mental TOTAL E PERMANENTE em decorrência da prestação de serviço militar (temporário ou de carreira), seus direitos estarão protegidos e amparados pelo Estatuto dos Militares fazendo jus à reforma com proventos integrais e posto acima, e até indenizações a depender do caso específico, assim como em qualquer atividade civil.

No texto de hoje falaremos um pouco sobre o Transtorno de Personalidade Limítrofe – TBP, Transtorno de Personalidade Emocionalmente Instável, ou mais comumente conhecida como Síndrome de Borderline (Border).

Reconhecidamente, o Borderline é um dos transtornos mais lesivos ao ser humano, uma vez que pode levar a episódios de automutilação, abusos de substâncias e até agressões físicas.

O termo Borderline, em inglês, significa “fronteiriço/fronteira”. A terminologia se originou na psicanálise, já que os portadores dessa moléstia não podem ser classificados como neuróticos (exagerados e ansiosos), tampouco como psicóticos (aqueles que enxergam a realidade de forma distorcida), mas transitam entre os extremos desses dois aspectos.

Essa doença se manifesta, basicamente, por alterações da personalidade, onde predominam a impulsividade, a instabilidade dos afetos, dos relacionamentos interpessoais, a auto-imagem negativa, além de tendências autodestrutivas, sentimentos de vazio crônicos, sentimento de rejeição e abandono, não importando se os mesmos são reais ou não.

Esse transtorno é de difícil diagnóstico, já que não é raro que o border desenvolva outros transtornos que camuflam sua real condição, dentre eles podemos citar: bipolaridade, depressão, transtornos alimentares (em especial a bulimia), estresse pós-traumático, déficit de atenção/hiperatividade, além de desenvolver forte tendência ao uso abusivo de álcool, remédios e drogas ilícitas.

Alterações do humor ao longo do dia, variando entre momentos de euforia e de profunda tristeza; Sentimentos de raiva, desespero e pânico; Irritabilidade e ansiedade que pode provocar agressividade; Dificuldade em controlar as emoções, podendo variar de tristeza extrema a episódios de euforia; Medo de ser abandonado por amigos e familiares; Instabilidade nas relações, podendo causar distanciamento; Impulsividade e dependência por jogos, gasto de dinheiro descontrolado, consumo exagerado de comida, uso de substâncias e, em alguns casos, não cumprindo regras ou leis; Baixa auto-estima; Insegurança em si próprio e nos outros; Dificuldade em aceitar críticas; Sensação de solidão e de vazio interior.

O tratamento deste transtorno geralmente (e na maioria dos casos) é feito através de psicoterapia (interpessoal, cognitivo-comportamental e treinamento de habilidades sociais) juntamente com medicamentos para as comorbidades (ou seja, os outros problemas associados).

Dependendo dos sinais e sintomas apresentados por cada pessoa, o médico psiquiatra pode estabelecer o melhor tipo de terapia a ser empregada no tratamento no caso concreto, podendo ser: comportamental dialética (que é geralmente usada com aquelas pessoas que tentaram suicídio); cognitivo comportamental; familiar ou psicoterapia individual. A terapia pode durar de meses a anos e depende sempre do paciente e de sua resposta.

Este tratamento é fundamental para o paciente se manter controlado, mas requer paciência e força de vontade do indivíduo e principalmente o apoio e ajuda familiar.

Não deixe pra depois buscar o profissional médico e ou psicólogo, pode ser tarde, quanto antes prevenir, pode-se tentar uma cura.



artigo

VENCER MINHAS PAIXÕES – I

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

Certa noite do verão passado, na grandiosa e bucólica Porto Velho, capital de Rondônia, em visita a diletos companheiros, amigos e irmãos cognominados de “Nobre Promotor”, entremeios a longos papos, comes e bebes do melhor paladar, fui indagado se me disporia escrever algo sobre as expressões maçônicas “vencer as paixões”.

Por evidente já o carregar em si mesmo emoções, sentimentos e dogmas variados, aliás, tão ou quão amplos como a infinita dimensão do Horizonte, o certo é que o “vencer as paixões” ganha corpo, contornos e dimensão quase sobre-humano, porque a um só tempo revela sentido: individual e introspectivo; coletivo e exógeno. Desse modo, por meio desta singela peroração, tentarei entregar o que me fora solicitado.

02 – Parece inexorável, a meu sentir, a ligação, o vínculo, o liame do tema com um outro de igual amplitude e complexidade e do qual é originário, que é o de saber o que é “felicidade”, aliás, esta bem-aventurança cantada em prosa e verso em todas as ordens sociais e nos quatro cantos do mundo.

Falando de outro modo, no desbastar desta pedra bruta que se me apresentava torna forçoso a perquirir o nexo causal do “vencer as paixões” com a crença religiosa; com o senso ético-moral encarnado no tecido social; e com os avatares da vida animal. Assim, frente a este plexo de dogmas, emoções e sentimentos, de que forma posso “vencer as paixões” para colher novos progressos na Maçonaria ou noutros campos do conhecimento?

Pois bem. Em linha de princípio a temática deita raízes na doutrina

maçônica de São João Batista e também de São João Evangelista, ambos patronos da Maçonaria, cuja filosofia tem por alvo o Ser, ou seja, o Irmão, o homem de carne e osso dotado de alma e espírito, e porque não dizer também filho do Pai, que acredita na existência de um Deus; que seja livre e de bons costumes; e por deliberação própria tenha ingressado nos ofícios maçônicos.

Todavia, o mero preenchimento de tais requisitos não responde à indagação dos “Nobres Promotores”.

Por indispensável registro a suma do Racionalismo, por meio do qual a razão humana seria a única forma de conhecimento da verdade, ou meio de aprimoramento das ciências e das pesquisas. Quer dizer, o racionalismo seria uma teoria de caráter filosófico centrado prioritariamente na razão humana, aliás, como faculdade de conhecimento em todos sentidos.

Registro igualmente para clarear o ponto, que em todas as civilizações (A.C/D.C), o homem sempre teve a compreensão de ser dotado de corpo, alma e espírito e daí sua preocupação quanto ao seu destino no seu pós-morte. Isto é, o evento morte seria encarado como mera decomposição do corpo, da matéria? Embora imortal, o espírito iria habitar um outro corpo na terra, no céu, no inferno, no purgatório ou outro lugar no largo espaço sideral? Questões, portanto, a serem respondidas.

03 – Consoante a mais abalizada literatura, o Homem sempre buscou o seu objetivo de alcançar a felicidade. Sem embargo de outros argumentos políticos, religiosos e sociais, aquele alvo

racionalmente preconcebido a “felicidade” poderia ser alcançado sob triplo sentir: a) pela superstição das convicções subtraídas da superstição; b) pelo senso de religiosidade por temor às coisas da natureza; c) por veneração irrestrita a um Deus incorpóreo, invisível.

De fato. Quadro agonizante teria se instalado na alma do Homem no incessante desvendamento de tal mistério, obrigando-o a refugiar-se na superstição, na religiosidade a um Deus físico, ou mesmo na veneração a um Deus incorpóreo.

Nesse passo, tem-se por prevalente o entendimento, segundo o qual, somente através da fé o homem poderia, com sabedoria, “vencer as paixões” e nesse agir querido e desejado, somente dois caminhos se revelariam cristalinos: pela doutrina da reencarnação, ou através da doutrina cristã.

Até aqui sem problemas. Contudo, algo igualmente precisa ser dito com a devida clareza. Até o surgimento da teoria do racionalismo, a dominância no chamado período das trevas era a Teologia, que se positivava com acurado vigor através do cristianismo, judaísmo, hinduísmo, budismo, taoísmo, confucionismo, espiritismo, ou seja, pelas doutrinas que se estribavam na fé e só na fé.

04 Em apertado resumo vejamos essas pontuações.

04. a) pela superação das convicções subtraídas da superstição;

Ignorância e Superstição.

Reza a literatura que a cultura medieval se fundamentava na religião através da qual duas grandes forças espirituais estavam em luta permanente: Deus e seus Anjos e Querubins (o lado do Bem) e o Lúcifer e seus Demônios (o lado do Mal). Além disso, o Rei (O então Senhor dos Mundos no seu espaço territorial de reinado) e a Igreja (representada na figura do Papa), sem nenhuma piedade, impingiam ao homem toda sorte de horrores e terror, sendo certo

que para alcançar tal desiderato, ambos (Rei e Igreja) fizeram propagar a crença, a superstição representado pela bruxaria, com especial destaque na existência do chamado homem selvagem nu (misto de peixe-homem); o Martelo das Bruxas (criado para desmascarar as bruxarias); os Caçadores Espetrais, inclusive a lenda do Deus ODIN, de origem nórdica, considerado o principal do clã dos deuses, o Deus Criador da Humanidade, o Deus Detentor Supremo do Conhecimento; o Deus dos Mortos, da Guerra e da Sabedoria. O Deus Soberano que às quartas-feiras, no período do Solstício de inverno (ao Norte), montado no seu cavalo de 8 patas, percorria todo o seu território para ter o completo domínio dos Nove Mundos.

Portanto, através das superstições que os donos do Poder (Rei e a Igreja) mantinham a população sob absoluto controle. De fato, o homem vivia sob permanente tensão, pois a sua luta entre as duas grandes forças do Bem e do Mal, inevitavelmente, se refletia no seu mundo real, no seu mundo físico, no seu cotidiano e, no afã de proteger-se do sobrenatural e da magia, o homem lançava mão dos amuletos, crucifixos, escapulários.

Todavia, sem êxito seu intento contra a tirania do Rei e da Igreja, aliás, de que serve como milhares de exemplos, as horrendas mortes em fogueira de Joana D’arc, – porque acusada de bruxaria –, e igualmente de Giordano Bruno, este por contrariar as ideias da Igreja mormente no que tange ao chamado mistério da transubstanciação (*mudança da substância do pão e do vinho no corpo e sangue de Jesus Cristo, na Eucaristia*).

Diante, pois, do sinistro quadro de terror imposto à população, evidente que o propósito de “vencer as paixões” dar-se-ia unicamente sob os reflexos das superstições.

Continua na próxima edição...



educação&cidadania

O ENTRELAÇAMENTO DE EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS - I

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Inicialmente essa abordagem permite promover uma reflexão acerca da relevância da educação para a conquista da cidadania e para consolidação dos direitos humanos. Ao viver em sociedade, cada cidadão participa de diversos grupos com suas tradições, simbolismos, e é por intermédio dessas relações que os indivíduos experimentam os sentimentos de inclusão ou exclusão.

Educar para a cidadania e direitos humanos demanda a revisão crítica dos pressupostos que norteiam a prática social de cada indivíduo imerso em um espaço onde convive a pluralidade ética, social, cultural, ideológica, religiosa, sexual, etária, entre tantas outras. As pessoas estão inseridas em um meio social e na vivência do cotidiano, nesse meio, as distorções do exercício da cidadania se revelam, pois a educação é um instrumento que favorece a cidadania e direitos.

A escolha em abordar esse tema deve ao fato, da educação constituir-se o principal instrumento de transformação de qualquer sociedade e do indivíduo a partir da trilogia da fraternidade, igualdade e liberdade. A educação sem dúvida nenhuma possibilita o ser humano desenvolver sua consciência crítica, a sua emancipação, enquanto cidadão consciente de seus direitos e deveres.

As educações para a cidadania para os direitos humanos e os conhecimentos simbólicos da maçonaria possibilitam o sujeito a se mobilizar e exigir do Poder Público seu direito de cidadão tais como: trabalho, educação, saúde e outros. Por fim, este trabalho não teve a pretensão de esgotar esse assunto devido sua enorme complexidade, mas certamente proporciona subsídios teóricos relevantes para quem propuser realizar uma pesquisa semelhante a essa ou simplesmente aprofundar seus conhecimentos a cerca da temática.

Educação

A educação de uma pessoa tem início nos seus primeiros anos de vida; na verdade, tão logo a criança é concebida, começa a receber influências do meio externo e, conseqüentemente, o processo de sociabilização já se inicia, enquanto a relação com a maçonaria acontece naturalmente, em virtude da formação, para isso, esses pilares são utilizados como ensinamentos durante suas atividades e ou ações sociais e políticas em benefício da sociedade em que vivemos, por considerar os seres humanos são livres e iguais em direitos, expressão de pensamento.

Desde o nascimento, o ser humano começa a receber orientação e treinamento, aprende a reagir perante

situações criadas pela natureza ou pela sociedade, adquire hábitos e vai criando novos valores que farão parte de seu modo de ser, daí a necessidade de recorrer ao Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (HOLANDA, 1986, p. 619) a definição de Educação é a seguinte:

Ato ou efeito de educar, processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social. Aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas. Conhecimento e prática dos usos da sociedade; civilidade delicadeza, polidez, cortesia e orientação.

Diante de tal definição e conceito acima, observa-se que a educação é um processo de aprendizagem e aperfeiçoamento por meio do qual as pessoas se preparam para a vida. A educação torna as pessoas mais preparadas para a vida e também para a convivência. É evidente a importância da educação na vida de todos os seres humanos.

Dessa forma, a criança, pela observação do meio em que está vivendo, tem a possibilidade de tomar decisões e iniciar seu processo de integração na vida social. Daí por diante, cada fato e cada situação exercerão influência sobre a definição de sua personalidade: “O ser humano é um ser social e tem necessidade de viver em sociedade” (SILVA, 1992 apud PINSKY, 1999, p. 33).

A pessoa adulta será, em grande parte, o resultado da educação recebida desde os primeiros instantes de vida. Como é sabida toda pessoa tem suas características pessoais, sua individualidade, que, em parte, é herdada de seus pais. Ao lado disso, existe a liberdade, igualdade e a fraternidade que são inerentes à condição humana, dando a cada um a possibilidade de fazer suas escolhas. Conforme o Artigo 19 a Declaração Universal dos Direitos Humanos, (1948 apud NUNES, 1998, p. 68).

Continua na próxima edição...



artigo

MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS

João Batista Fagundes | Cadeira nº 16

Licínio Leal Barbosa nasceu no dia 24/03/35, em Bom Jesus-PI. Filho de Júlio Barbosa de Araújo e Luzia Borges Leal. Casado com Abadia Elizete Silva Leal Barbosa, de cujo enlace nasceram os filhos Licínio Júnior, Renata e Grace.

Fez os estudos primários em sua terra natal, tendo concluído o curso ginásial em Anápolis, onde também fez o segundo grau. Foi professor de Português.

Bacharel em direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás, sendo o orador da sua turma.

É Doutor em Direito Penal e Advogado. Professor Universitário por mais de três décadas. Foi Diretor da Faculdade de Direito da UFG por dois mandatos.

Bancário do Banco do Brasil, nomeado após aprovação em concurso público e aposentado como Chefe do Departamento Jurídico do Banco do Brasil em todo o Estado de Goiás, que na época abrangia também o Estado do Tocantins,

Iniciado dia 8 de junho de 1958 na Loja Roosevelt nº 1, de Anápolis, onde foi Orador, no ano de 1960, seu primeiro cargo em Loja. Filiado na Loja Educação e Moral nº 8 de Goiânia, a convite do irmão José Duarte, então 1º vigilante da Loja.

Na Loja Educação e Moral nº 8 exerceu os cargos de Orador, 1º Vigilante e Venerável Mestre por cinco mandatos, nos anos de 68/69, 69/70, 70/71, 73/74 e 74/75. No segundo mandato de Venerável Mestre foi construída, com a ajuda de todos os irmãos, a Loja Educação e Moral nº 8, inaugurado dia 7 de julho de 1970.

Na campanha rumo ao Grão-Mestrado teve o apoio de uma grande plêiade de irmãos, em especial dos Ex-Grão-Mestre Lafaiete Teixeira França e Carlos Viera da Silva e muitos outros valorosos irmãos. Promulgou a nova Constituição da Grande Loja (a quarta Constituição), novo Regulamento Geral e novos códigos Maçônicos: Penal, Processo Penal, Eleitoral e Tributário.

O Grão-Mestre Adjunto continuou sendo José Quinha de Sousa, depois substituído por José Duarte. O Grande 1º Vigilante foi Hildebrando Alves de Assis; o Grande 2º Vigilante Raimundo Cardoso; Grande Orador Lutgard Nobre; Grande Secretário Chanceler Guarda Selos Urias de Oliveira Filho; Grande



Secretário de Relações Exteriores Amphilóphio de Alencar Filho; Grande Tesoureiro João Carneiro e Grande Mestre de Cerimônias Fernando Selani.

A Constituição encontra-se registrada no 2º Tabelionato de Protestos e Registro de Pessoas Jurídicas, Títulos e Documentos de Goiânia sob o número 130, pelo então, Grão-Mestre Licínio Leal.

Quando Grão-Mestre adquiriu o terreno, no alto do Setor Jaó, destinado a construção da sede da Grande Loja, doado pela Prefeitura de Goiânia, quando era prefeito o Doutor Francisco de Freitas Castro.

Licínio Leal Barbosa – nono grão-mestre – período de 1975/1978.

Iniciado no Grau 4 em 30 de julho de 1966, na Loja de Perfeição “Segredo e Virtude”, quando era Inspetor Litúrgico Lafaiete Teixeira França. Investido no grau 33 em 12/11/70, na administração do Soberano Grande Comendador Daniel Correia Trindade.

Assumiu o cargo de Inspetor Litúrgico para a região de Goiás, em março de 1980.

Foi eleito para compor o Sacro Colégio do Supremo Conselho em 12/11/80, na gestão do Soberano Grande Comendador Alberto Mansur. É Membro Efetivo do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês para a República Federativa do Brasil, cujo cargo foi confirmado nas gestões dos Soberanos Grandes Comendadores Venâncio Igrejas, Luiz Fernando Rodrigues Torres e Jorge Luiz de Andrade Lins. Licínio recebeu das mãos do Soberano Comendador Jorge Luiz de Andrade Lins o título de Soberano Grande Comendador de Honra do Supremo Conselho no Brasil. É o único do Brasil que tem esse título. O irmão Licínio é hoje o membro mais antigo do Supremo Conselho.

Como Grande Inspetor Litúrgico Licínio construiu a sede da Inspeção Litúrgica da Região de Goiás, no alto do Setor Jaó, sendo a área construída de 3026 m², um edifício de sete pavimentos, seis Templos, todos já terminados e devidamente sagrados, destinados a Loja de Perfeição, Capítulo Rosa Cruz, Kadosch e Consistório, estes dois últimos sagrados nos dias 08 e 09 de agosto de 2008, pelo Comendador Luiz Fernando Rodrigues Torres. Construiu também mais um Templo destinado ao simbolismo.

Como especial estímulo à juventude, Licínio trouxe para o Estado de Goiás a Internacional Ordem DeMolay, instalando no dia 07/09/1982 o Capítulo “Guimarães Natal nº 06”, célula-mater dos Capítulos DeMolays do Centro-Oeste, sendo o primeiro Oficial Executivo da ordem em Goiás. No dia da instalação, ocorrido no terraço do Hotel Umarama, a qual ocorreu num domingo e na parte da manhã, foram iniciados em torno de 80 jovens na Ordem DeMolay. Esteve presente na instalação o irmão e Governador de Goiás Ari Ribeiro Valadão. Terminada a instalação o Governador convidou todos os presentes e seus familiares, para um almoço no Palácio das Esmeraldas. Foi a maior festividade e iniciação da Ordem em Goiás.



artigo

A VERDADE – II

José A. Fraga | Colaborador

Decodificando as alegorias, as correntes que aprisionam são nossos medos, preconceitos, a maneira habitual a qual vemos o mundo; a escuridão da caverna é a ignorância humana; em contrapartida, a Luz que cega o liberto é o conhecimento real das coisas; as sombras projetadas é o mundo que de alguma forma nos foi imposto, e que acreditamos ser o real. O prisioneiro fica por um tempo cego ao sair da caverna, porque o novo é muito difícil de ser assimilado, ainda mais se sua mente já está fechada. Você só tem certezas, nenhuma dúvida. Muitas pessoas acabam se acostumando tanto com a realidade imposta, pois seus pais, escola, religião, televisão e as demais mídias, lhe dizem como pensar, no que acreditar, e que não se deve questionar alguns dogmas. Muitas pessoas crescem e ficam satisfeitas com o mundo que lhes fora imposto, por isso há tanta dificuldade de compreender o novo, Einstein resume isso na frase: a ignorância é uma bênção; Raul Seixas diria: pena que eu não sou burro, não sofreria

tanto. Ainda, é Einstein quem nos diz: Uma vez liberto, adquirido qualquer tipo de conhecimento, é impossível voltar ao pensamento anterior uma mente expandida pelo conhecimento; ela jamais retornará ao seu estado original. Vemos isso quando crianças, com histórias sobre Papai Noel, fada dos duendes, loira do banheiro, homem do saco, coelho da páscoa, etc... Ao crescermos vamos adquirindo gradativamente mais conhecimento, e percebemos que as crenças de outrora, eram-nos impostas com alguma finalidade, entreter ou assustar, ou qualquer outra e que não passam de alegorias, sombras no fundo da caverna, que ao descobriremos só sombras, não real, não conseguimos voltar a acreditar.

Voltemos a Sócrates. Com seus questionamentos, logo começou a incomodar muitas pessoas, políticos e outras importantes. Foi acusado de não acreditar nos costumes e nos deuses gregos; unir-se a deuses malignos que gostam de destruir as cidades e corromper jovens com suas ideias, tudo explicitamente com motivos políticos. Como um homem poderia ensinar de graça e pregar que não se precisavam de professores como eles tinham? Os acusadores não concordavam com os pensamentos de Sócrates, que dizia que para se acreditar em algo, era preciso verificar se aquilo realmente era verdade. Sócrates, por não abrir mão de suas convicções, foi condenado e sentenciado a morte, confinado em prisão de segurança mínima, negou-se a fugir, pois acreditava e respeitava as leis, e cumpriu sua sentença

bebendo cicuta, líquido mortal. (Fonte: Sociedade Olho de Hórus, 13/04/2013).

Mundo das Trevas: A caverna é o mundo ao nosso redor, físico, sensível em que as imagens prevalecem sobre os conceitos, formando em nós opiniões por vezes errôneas e equivocadas, (pré-conceitos, pré-juízos). Quando começamos a descobrir a verdade, temos dificuldade para entender e apanhar o real (ofuscamento da visão ao sair da caverna) e para isso, precisamos nos esforçar, estudar, aprender, querer saber. O mundo fora da caverna representa o mundo real, que para Platão é o mundo inteligível por possuir formas ou Ideias que guardam consigo uma identidade indestrutível e imóvel, garantindo o conhecimento dos seres sensíveis. O inteligível é o reino das matemáticas que são o modo como apreendemos o mundo e construímos o saber humano. A descida é a vontade ou a obrigação moral que o homem esclarecido tem de ajudar os seus semelhantes a saírem do mundo da ignorância e do mal para construir um mundo (Estado) mais justo, com sabedoria. O Sol representa a Ideia suprema de Bem, ente supremo que governa o inteligível, permite ao homem conhecer e de onde deriva toda a realidade (o cristianismo o confundiu com Deus). Portanto, a alegoria da caverna é um modo de contar imagetivamente o que conceitualmente os homens teriam dificuldade para entenderem, já que, pela própria narrativa, o sábio nem sempre se faz ouvir pela maioria ignorante. (João Francisco P. Cabral).



artigo

DO LAÇO AO SENADO

Breno Boss Cachapuz Caiado | Cadeira nº 04

Resolvi apresentar (e antecipar!) o prefácio da autobiografia do meu pai, o ex-senador Emival Caiado, que contribuí com uma boa parte dos estudos e redação. Acredito que em breve, após as revisões e formatações, finalmente publicarei a obra.

Nele faço uma explicação resumida sobre o trabalho e nas próximas edições deste jornal, divulgarei alguns capítulos para instigar a curiosidade do leitor:



O livro "Emival Caiado - Do laço ao Senado", do ex-deputado estadual, ex-deputado federal e ex-senador Emival Caiado, pode ser classificado como autobiografia.

Nos anos de 2003 e 2004, Emival Ramos Caiado começou a escrever, em laudas manuscritas, lembrando suas memórias, fatos históricos e a política que vivenciou, complementando com pesquisas.

Recebi de meu pai Emival a incumbência de publicar este livro, tão logo ele concluísse seu texto, que foi prematuramente interrompido ao final do capítulo 44, quando infelizmente adoeceu e poucos meses depois faleceu, deixando a obra inacabada.

Depois de tanto tempo, tive de atender sua vontade. Mas como fazer se a biografia estava incompleta? Restou-me complementá-la por meio dos relatos que ouvi durante a vida do próprio biografado e através de entrevistas com o primo Leão di Ramos Caiado Filho, meu tio Antônio Ramos Caiado Filho, meu irmão Sergio Ramos Caiado e do escritor Luiz Alberto de Queiroz, entre vários outros que viveram aquela época, além, obviamente, de vasta pesquisa em livros sobre história de Goiás e biografias de grandes políticos de outrora.

Biografia do senador Emival Caiado

Para facilitar o entendimento do leitor, valho-me deste prefácio, esclarecendo que a partir do capítulo 46 o texto é exclusivamente escrito por mim. Também é de minha autoria os capítulos 34, 38 e alguns outros trechos deste livro.

Para diferenciar o que eu escrevi, do que foi redigido pelo próprio biografado, o meu texto possui letras (fontes) do tipo "Calibri (Corpo)", de tamanho 12, tal qual escrito neste Prefácio. Quando Emival escreve, o tipo de letra é "Times New Roman", de tamanho 14, como no trecho a seguir:

"Apertando o passo, sai em uma praça antes do carro, com os jagunços, apontar logo atrás, de tal forma que, na troca dos primeiros tiros, pudesse eu entrincheirar por trás de um banheiro de tijolos, no centro do largo. Dalí já possibilitava distância para o nosso pessoal da "casa forte" combater com carabina" (trecho escrito por Emival Caiado).

Procuramos com essa obra narrar alguns episódios da vida de Emival Caiado, que se misturaram com a história de Goiás e do Brasil. Tempos de perseguições, ausência de liberdade

de expressão e coações na política. A epopeia da construção de Brasília, com suas leis, debates e articulações. Além de fatos pitorescos e da cultura goiana da década de 1.930 em diante, cujos costumes das lides do campo e do interior do Brasil Central, não podem ser esquecidos pelas novas gerações.

Este é um livro para ser lido com os olhos da época, com os valores e tradições daquele tempo. Não estamos presos às amarras do "politicamente correto". Contamos os fatos na forma como foram vividos pelo biografado, sob a perspectiva de alguém que nasceu no ano de 1918.

Valores que hoje alguns pensam ser demérito ou vergonhosos, como a coragem pessoal, a valentia, a obstinação, a lealdade, a vindita de pais ou irmãos, a glória de se morrer em combate por um ideal, entre outros, são derramados abundantemente nesta obra e fizeram parte da personalidade do biografado e daquele período.

Pensem o que for. Tirem as conclusões que acharem por bem. Julguem se quiserem. Mas, essa obra não procurou agradar, especialmente os inimigos ou suas famílias, buscou esclarecer e desmistificar. São relatos de fatos reais. Doa a quem doer. Emival não era homem de agradar a todos.

Sua obra não agradará muitos!



crônica

A SABEDORIA DE NAPOLEÃO

Rogério Safatle | Cadeira nº 34

Napoleão nasceu em Ajaccio, na ilha de Córsega, no mar Mediterrâneo e distante 20 km da costa da Itália, no dia 15 de agosto de 1.769. Antes de seu nascimento o território pertencera à cidade-estado italiana de Gênova e era alvo de constantes agressões de insurgentes locais que atacavam as cidades muradas da costa. Em 1.768 a Córsega foi vendida à França por ínfima quantia. Assim, ao nascer Napoleão tornou-se cidadão francês.

Segundo o historiador Paul Johnson, com exceção de Jesus Cristo, Napoleão Bonaparte é o indivíduo sobre quem existe o maior número de livros publicados. Com nove anos de idade foi enviado a um colégio militar e antes do vinte anos tornara-se um soldado profissional francês. Sua estatura era de apenas 1,65 m, pálido, magro e sombrio com cabelos negros cobrindo-lhe a frente. Tinha grande habilidade para analisar mapas e excelente memória sobre distâncias. Desenvolveu capacidades estratégicas que lhe trouxeram inúmeras vitórias como comandante de exércitos. Há uma lenda sobre como

Napoleão Bonaparte classificava seus recursos humanos. O interessante era a forma com que ele classificava os seus soldados, o que nos traz uma lição atualizada sobre a realidade nas organizações de hoje, identificando os potenciais dos seus colaboradores.

Napoleão classificava seus soldados em 4 tipos:

1º – O INTELIGENTE COM INICIATIVA: o soldado inteligente com iniciativa era aquele que ele colocava no comando geral, os seus generais, pois tinham inteligência e virtudes que eram necessárias para um líder. Esse soldado era inteligente, aceitava mudanças, era carismático, liderava com ponderação, era positivo, planejava, organizava e controlava seus resultados com maestria, trabalhava de forma pró-ativa, enxergando na frente dificuldades que poderiam existir e pensando nas soluções das mesmas, com menor custo e melhor resultado, nunca entrava num campo de batalha para perder, e sempre tinha o positivismo como seu aliado, travava as batalhas como se elas pertencessem

a ele próprio, absorvendo ao máximo os valores imputados pela sua organização.

2º – O INTELIGENTE SEM INICIATIVA: o soldado inteligente sem iniciativa era aquele que ele colocava no comando de pequenas unidades, seus tenentes, sargentos, cabos, etc., pois precisavam ser comandados, afinal não tinham iniciativa, mas assimilavam bem as ordens e as cumpriam perfeitamente, tinham que ser orientados e cobrados com constância, e tinham as características necessárias, similares a dos generais para comandar seus grupos. Eram soldados excelentes, mas não tinham luz própria, precisavam da luz dos outros para sobreviverem.

3º – O IGNORANTE SEM INICIATIVA: o soldado ignorante sem iniciativa era aquele que Napoleão colocava na infantaria, na frente de batalha, para enfrentar o inimigo e dar sua vida, se necessário. Era um bom soldado, pois absorvia o que era ordenado, porém tinha que ser mandado o tempo todo, tinha medo de tomar a iniciativa e de se arriscar perante o grupo, era neutro, não questionava nem debatia sobre qualquer assunto, aceitava mudanças por ser a nova ordem e simplesmente por isso, tinha os valores que lhe colocavam e dançava conforme a música e pronto. Esse soldado cumpria sua função, mas só servia para isso.

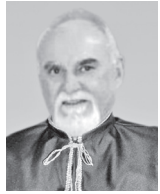
4º – O IGNORANTE COM INICIATIVA: esse era o soldado que

Napoleão quando identificava o eliminava, pois não existe nada mais perigoso do que um IGNORANTE COM INICIATIVA em uma organização! Esse soldado faz tudo pelo que ele acha que é certo (e achar custa caro), somente aplica os valores que ele acha que é certo, não aceita mudanças, apenas as que ele acha que é bom para ele (e não para sua organização), é acomodado e geralmente do contra, porque acha que só ele sabe o que é bom.

Realmente o ignorante com iniciativa é muito perigoso, é dissimulado, não respeita sua equipe (ele enxerga somente o seu umbigo), não aceita novas formas de processo, pois ele acha que sempre fez assim e não deve mudar (afinal é mais cômodo!)

Então, você se identificou ou identifica alguém de sua equipe com estas características, ou você ACHA que não é bem assim!!!! Reflita, melhore constantemente, seja um INTELIGENTE COM INICIATIVA, e serás imprescindível na tua organização!!!!

Um ignorante com iniciativa é portanto um grande risco para o desenvolvimento e o progresso de qualquer sociedade, empresa e governo. " HÁ TANTO BURRO MANDANDO EM HOMENS COM INTELIGENCIA, QUE AS VEZES CHEGO A PENSAR QUE BURRICE É UMA CIÊNCIA! – Rui Barbosa (1849–1923).



opinião

UMA QUESTÃO ÉTICA E MORAL

Alexandre Avelino Giffoni Júnior | Cadeira nº 12

A grave questão humanitária que envolve os povos indígenas no Brasil é essencialmente moral/ética, uma das áreas da Filosofia, além de exigir estudos transdisciplinares nos campos do Direito, da Política, Economia, Sociologia, Antropologia, História, Geografia, dentre outras disciplinas.

Ethos é o “conjunto de costumes, hábitos e valores de uma determinada sociedade ou cultura”, em grego. Deu origem ao conceito Ética. A tradução latina de *ethos* é *mos*, raiz de *moralis*, ou moral em português. Segundo Marcondes, em “Textos básicos de Ética: de Platão a Foucault” (2007, p. 9), “[Ética] diz respeito à determinação do que é certo ou errado, bom ou mau, permitido ou proibido, de acordo com um conjunto de normas ou valores adotados historicamente por uma sociedade.” Mas essa é, ainda, uma perspectiva da idade moderna, a partir dos filósofos gregos, passando pelos pensadores da idade média, para os quais Deus e a religião cristã deveriam ditar as normas ético-morais. As noções de eticidade e moralidade chegam à pós-modernidade, através da modernidade, com diversas nuances e pontos de vista contraditórios.

Os pensadores da idade pós-moderna olham com desconfiança as certezas da modernidade, como por exemplo, a do sentido de universalidade, definida pelos filósofos como “... aquele traço das prescrições éticas que compelia toda criatura humana...”, bem como das fundamentações dos legisladores: “... os poderes coercitivos do estado que tornavam a obediência às regras expectativa sensata...”; ou das fundamentações dos filósofos, que esperam que as pessoas sigam tais regras, nelas acreditando ou “convencidas de que por uma razão ou outra segui-las era a coisa certa a fazer...”

– explica Z. Bauman, em *Ética Pós-Moderna* (São Paulo, Paulus: 1997, pp. 18 e 22).

Bauman demonstra, ainda que a ambiguidade presente na legislação ética, por ser “para o Outro antes de poder ser com o Outro” coloca a ênfase da responsabilidade moral no eu, e não como produto social com o eu. “Precede a todo o comprometimento com o Outro, seja mediante conhecimento, avaliação, sofrimento ou ação.” (id., *ibid.*, p. 24). Assim, segundo ele, a perspectiva Pós-Moderna examina criticamente a visão Moral-Ética Moderna. Isso não faz com que a vida moral seja “mais fácil”, mas pode “torná-la um pouco mais moral”. É esse o nosso objetivo no presente trabalho.

Uma fala franca: “Eles são muitos... Morreu metade do meu povo”. (Davi Kopenawa Yanomami. Globo: Valor Econômico, 30/01/2023).

É tarefa difícil para o parresiasta – “aquele que diz tudo” – analisar de forma breve, nos espaços deste jornal, o problema humanitário do genocídio dos povos indígenas no Brasil, desde o descobrimento até os nossos dias. Mas podemos refletir aqui sobre o genocídio recente do povo Yanomami, em nosso país. A noção de “*parresia* (a fala franca)” é prática essencialmente política ligada à democracia, “... derivada depois para a esfera da ética pessoal e da constituição do sujeito moral, [possibilitou] colocar a questão do sujeito e da verdade do ponto de vista da prática do que se pode chamar de governo de si mesmo e dos outros”. (M. Foucault, *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 3-21).

A tragédia milenar dos povos indígenas é global, histórica e cultural. E, claro, é um desastre social ético e moral.

Envolve e responsabiliza, como uma unidade inseparável, todos os envolvidos: o social, as instituições e as pessoas. O mesmo ocorre com a crise humanitária nos territórios do povo Yanomami, amplamente divulgada pela imprensa brasileira neste início de ano.

As ações político-administrativas nos quatro anos do último governo brasileiro (e a falta delas) sugerem e estão sendo investigadas pelos órgãos competentes, um planejamento imoral/antiético e ilegal – pois fere a Constituição brasileira – para a extinção dos povos indígenas brasileiros (genocídio), em especial a dos Yanomamis, que apresentam aumento exacerbado de mortes, inclusive crianças, desnutrição e doenças infectocontagiosas, durante o ano das eleições presidenciais (2022).

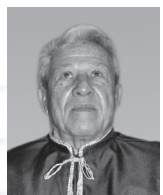
Podem-se assistir, em diferentes órgãos de imprensa (brasileiros e internacionais), às cenas de terror que antecedem o desastre anunciado: falas do ex-presidente estimulando a ocupação dos territórios indígenas e as queimadas que destroem a floresta amazônica; a autorização oficial de funcionamento de garimpos muito próximos às terras indígenas legais demarcadas; a inação dos órgãos governamentais responsáveis pela saúde das comunidades indígenas, mesmo sendo alertados por organismos nacionais e internacionais sobre os graves problemas, como a desnutrição severa, as doenças (diarreia, malária, etc.) e os óbitos; falas de autoridades, como o governador de Roraima, sugerindo a aculturação e a migração dos povos indígenas para as cidades (como se o Brasil já tivesse resolvido os altos índices de miséria e pobreza urbanas e rurais, bem como as suas decorrências); descuido frente ao acréscimo inusitado de implantação de

garimpos ilegais, e aproximação dos garimpeiros, que ocasionam poluição dos rios (fonte de alimentos), fome, doenças, prostituição e aliciamento de menores, bem como a corrupção das tradições e dos costumes milenares indígenas, além do desmatamento ilegal e outros prejuízos ambientais/ecológicos.

Tal tragédia humanitária, que lembra o holocausto nazista de extermínio do povo judeu e outras comunidades, como a os ciganos, é agravada pelo fato de apoiadores do governo brasileiro anterior (2018-2022) continuarem a defender tais ações em nome da sua crença (e interesses) no chamado “progresso”, “desenvolvimento econômico”, “evolução do índio” e outros argumentos que mostram, ou apenas escondem, a ganância pelo lucro em determinados grupos.

Para Bauman (id., *ibid.*, p. 23), a noção de relativismo moral serve para “amaciara as diferenças e sobretudo para eliminar todas as fontes ‘selvagens’ – autônomas, desregradadas e incontroladas – de juízo moral. Além disso o efeito global da ética omniana única “não é tanto a ‘universalização da moralidade’ como o silenciamento do impulso moral e a canalização de capacidades morais para alvos socialmente planejados que podem incluir e incluem propósitos imorais”.

Tais atitudes surgem em oposição mesmo aos estudos modernos de antropologia e sociologia, como ao pensamento ecológico, ambientalista e humanitário, presentes em uma economia sustentável, além das normas éticas já referendadas pela maioria da população, presentes na Constituição brasileira. A presença milenar do povo indígena na Amazônia contribui para a conservação da floresta, como comprovam diversos estudos científicos.



sensibilização

AGRADECIMENTO A UM CONFRADE

Airton Batista de Andrade | Cadeira nº 26

Artigo “3º de revitalização da AGML”, menciona o fato de que “nada interessa tanto ao homem, quanto o próprio homem, que continua a ser medida e razão de tudo” e que, para essas pessoas, “o ser humano é o destino de suas ações, pensamentos e realizações no mundo”. Essa linha de raciocínio é reinante na vida desse nosso confrade ora homenageado, onde ele busca imprimir nesse sodalício a propagação de ideias e aspirações saudáveis, fraternas e solidárias. Exemplos de virtudes, sentimentos e crenças que colaboram para o aperfeiçoamento moral e busca da felicidade humana.

Sua história de vida é fonte de inspiração e atitudes para a vida acadêmica e pessoal por colocar o conhecimento e talento em defesa solidária do ser humano. Possui sua trajetória de vida dedicada à Maçonaria, à cultura e ao saber. É excelente orador, dinâmico, envolvente, influente e de uma personalidade simples e inteligência privilegiada.

É atuante e comprometido com os assuntos e temas maçônicos. De suas colocações sempre brotam orientações e valores que estimulam

a caminhada maçônica em harmonia com os outros, difundindo, com serenidade mas com muito vigor, a sabedoria latente que carrega em seu ser.

Possuidor de excelente capacidade de agregar valores humanos às ideias e questões mais complexas, quando colocadas à mesa de uma discussão. Leva a sério mas de modo fraterno e comprometido os assuntos e temas abordados, sempre pautados com muita ética e respeito aos demais. Tem muito gosto pelos desafios e debates, busca-os e o desanimo nunca o faz desistir em seus propósitos.

Na Revista da GLEG, ano 1, edição 004, o autor do artigo “Ainda é tempo de agradecer” enfatiza que a Maçonaria “sempre foi uma sociedade de mudança, ela propõe primeiro a mudança interna de cada um de nós, e depois a mudança de grupo e depois a mudança do mundo”, entendendo essa visão como moderna e transformadora dos irmãos e da sociedade em geral.

Sente-se que, desde há tempos, essa percepção moderna e transformadora de Maçonaria também o é, por parte do irmão Absaí Gomes Brito, pois

sempre foi um combatente nas fileiras de frente da ordem maçônica, procurando compartilhar com os irmãos na inovação e renovação de conceitos e ideias voltadas à felicidade humana.

É assim que vejo o confrade Absaí. Daí tomar a liberdade de, ao homenageá-lo, publicar nesse artigo uma correspondência que me foi enviada, em 05/05/2000, portanto há 22 anos passados, onde faz referência sobre sua participação no I Encontro Nacional Acadêmico Rumo ao III Milênio, realizado no Estado de Alagoas, demonstrando entusiasmo e estímulo por assumir responsabilidades e funções em outros sodalícios localizados em SE, PB e AL.

Isto também é uma forma de reconhecimento por sua folha de serviços prestados à comunidade maçônica universal e à sociedade, através da cultura, ciência, letras e artes.

Ao confrade Absaí, titular da Cadeira de nº 18 da Academia Goiana Maçônica de Letras – AGML, que continua, até o momento, prestando excelentes trabalhos à cultura, letras, ciência e artes, o reconhecimento e gratidão pelo valoroso prestígio que concede a seus irmãos e acadêmicos desse sodalício goiano.

Você, confrade Absaí, é um modelo e exemplo de cidadão a ser seguido, uma fonte de inspiração para muitos irmãos. Obrigado por compartilhar sua visão e expertise literária em temas maçônicos em prol da família, da pátria e da humanidade.



artigo

A PSICOLOGIA EM PLATÃO E ARISTÓTELES – I

Paulo Marra | Cadeira nº 17

Pretende-se neste texto, apresentar as formulações da Psicologia Racional ou Filosófica, que se refere a área de conhecimento do intelecto, capacidade humana de perceber, pensar raciocinar em Platão e Aristóteles.

Psicologia é a disciplina que tem como objeto a alma, a consciência ou os eventos característicos da vida animal e humana, com o fim de determinar sua natureza específica. Às vezes, são considerados como puramente “mentais”, ou seja, como “fatos de consciência”; outras vezes, como eventos objetivos ou objetivamente observáveis, ou seja, como movimentos ou comportamentos, mas em todo caso a exigência a que essas definições correspondem é a de delimitar o domínio da indagação psicológica ao campo restrito dos fenômenos característicos dos organismos animais, em especial do homem. Do ponto de vista da **formulação conceitual** (que interessa à filosofia) podemos distinguir as seis correntes fundamentais: a) Psicologia Racional ou Filosófica; b) Psicofísica; c) *Gestalt*; d) Psicologia Comportamental; e) Psicologia das Profundezas; f) Psicologia Funcional.

Será abordada a Psicologia Racional ou Filosófica, fundada por Aristóteles, o primeiro a coligir em seu livro *De Anima* as opiniões que seus predecessores haviam expresso a respeito desse assunto, que pode ser considerada como estudo dedicado à natureza do ser vivo, sensível e inteligente, a primeira obra sistemática em Psicologia. Essa Psicologia tem por objeto “a natureza, a substância, e as determinações acidentais da alma”. Nesse sentido, a Psicologia é uma **ciência dedutiva da alma**, cujos fenômenos particulares só são considerados como confirmações ocasionais dos teoremas que a constituem. (ABBAGNANO, 2007).

Na simbologia grega, por oposição ao corpo material ou soma, *psiché* (alma, sopro), é a personificação do princípio da vida ou alma.

É fundamental repensar o objeto da Psicologia e sua linguagem, considerando a sua origem como uma ciência também da alma. Dessa forma as diversas abordagens técnicas são diferentes discursos sobre a alma. O termo *alma* pode ser considerado como uma metáfora da *psiqué*, pois os diversos discursos psicológicos seriam explorações desta metáfora, permitindo ampliar sua expressão e compreensão. A necessidade da verdade modifica-se para a necessidade de compreensão da experiência humana; continuam a conviver as diferentes linguagens da *psiqué*, pois a alma (ou *psiqué*) se manifesta de diversas maneiras. Os critérios de validade do conhecimento se modificam, permitindo-se a construção de campos de sentido ou de compreensão do sujeito e possibilitando-se o discurso de diversas qualidades da experiência humana. Este modelo aproxima-se de um novo paradigma científico que emerge em certas reflexões contemporâneas.

A partir da obra de Aristóteles, sobretudo a partir do período moderno, com a teoria do conhecimento desenvolvidas por empiristas e racionalistas, a psicologia da consciência adquiriu

grande importância. A contribuição para os processos psicológicos, através da análise da natureza e da estrutura da consciência, da origem das ideias nas sensações, do processo de abstração.

A fenomenologia é uma das principais correntes contemporâneas que desenvolve uma análise sistemática da consciência, sobretudo de seu caráter internacional, tendo assim uma grande interação com a psicologia.

A Psicologia de Platão

Platão (428/7-347 a.C.), nasceu em Atenas de família aristocrática, foi discípulo de Sócrates por dezenove anos. Ao refletir sobre a alma (*psiqué*), recorreu tanto ao mito como ao pensamento racional metódico. O mito aqui é considerado como uma estrutura fundamental da consciência humana e não no sentido comum, no qual é visto como uma alegoria, utopia, fantasia, distorção da realidade e mentira. Ele é anterior a qualquer outra forma de conhecimento, pois, “o mito está ligado ao primeiro conhecimento que o homem adquire de si mesmo e de seu ambiente; mais ainda, ele é a estrutura mesma deste conhecimento”. (SERBENA e RAFFAELLI, 2003).

Uma maneira de ilustrar a proposta de introdução histórica à psicologia é tomar a definição ontológica do que é psiquismo para diferentes autores. Platão partia de um entendimento de vida psíquica procedente de uma alma reencarnável, incorpórea, essencialmente moral; Aristóteles de um princípio de vida animal independente, mas com uma função de coordenação geral.

Portanto, as principais características do pensamento de Platão se baseiam, como já mencionado, em encontrar uma justificativa ontológica para as posições de Sócrates.

Suas teorias trazem um dos primeiros esboços dos principais temas psicológicos, como, o intelecto (via cognitiva), emoção (via afetiva), motivação e saúde mental (via ativa e grandes sínteses) e diferenças individuais.

Como na visão socrática, a origem do intelecto estava na alma. Era uma substância simples e indivisível, eterna, possuidora da verdade, princípio de todo o movimento, capaz de reminiscências de existências anteriores, nunca se decompõe, imortal.

Pode-se notar que através dos diálogos, Platão vai caracterizando essas causas inteligíveis dos objetos físicos que ele chama de *ideias* ou *formas*. Elas seriam incorpóreas e invisíveis, o que significa dizer justamente que não está na matéria a razão de sua inteligibilidade. Seriam reais, eternas e sempre idênticas a si mesmas, escapando à corrosão do tempo. Perfeitas e imutáveis, as ideias constituíram os modelos ou paradigmas dos quais as coisas materiais seriam apenas **cópias imperfeitas e transitórias**. Seriam, pois, tipos ideais a transcender o plano mutável dos objetos físicos.

Platão expõe a doutrina de que **o intelecto pode apreender as ideias porque também ele é, como as ideias, incorpóreo**. A alma humana, antes do nascimento, antes de prender-se ao cárcere do corpo, teria contemplado as

ideias enquanto seguia o cortejo dos deuses. Encarnada, perde a possibilidade de contato direto com os *arquetipos incorpóreos*, mas diante de suas cópias, os objetos sensíveis pode ir gradativamente recuperando o conhecimento das ideias. Portanto, conhecer seria então lembrar, reconhecer. A hipótese da reminiscência vem, assim, sustentar a hipótese da existência do mundo das ideias ou formas.

No entanto, Platão entendeu as funções da alma como organizadas em uma hierarquia, alma tripartida. No nível mais elementar a alma é simplesmente o princípio da vida, não apresentando nem percepção, nem memória e nem desejo. No segundo nível, a alma aparece em seu lado mortal, constituída pelas paixões, apetições e sensações irracionais. Este nível se apresenta em dois subníveis: o mais baixo formado pelos apetites e pela luxúria; e o mais alto pela emoções. No terceiro nível estava a parte imortal da alma que era a racionalidade e a inteligência. (GOMES, 2008).

O que predominou no entendimento dos filósofos que o sucederam, foi um conflito entre nostalgia de uma eternidade e as seduções da vida terrena que chegavam através das impressões sensoriais do corpo.

Para Platão, os processos de conhecimento não poderiam apoiar-se nas impressões sensoriais pois elas estavam em constante mudança. Portanto, o conhecimento verdadeiro não poderia sustentar-se em aparências.

A lógica do conhecimento, segundo Platão, provinha da habilidade de **raciocinar dialeticamente** através da **dedução racional** das formas; que seriam as estruturas eternas que organizam o mundo e que são conhecidas através da dedução racional.

As implicações éticas e morais se dão no sentido de uma psicologia prática. A noção de uma alma que contém em si mesma a sabedoria e a verdade, valoriza todo o esforço no sentido de alcançar esta “via de libertação” que é o bem absoluto e universal. No entanto, é quando examina-se os problemas da vida cotidiana que se defronta com a necessidade de melhor explicitar as relações entre corpo e alma. Essas relações são apresentadas por Platão na alegoria da “parelha de cavalos conduzidos por um cocheiro”, no diálogo *Fedro*. O cocheiro é comparado à razão, um cavalo a energia moral e o outro ao desejo. Tem-se então, talvez, o primeiro esquema tripartido da conduta humana.

Os problemas psíquicos seriam explicados como decorrentes de intemperança e uma boa saúde mental estava na moderação, no raciocínio e no cálculo, nas reflexões, no convívio com os outros, e no equilíbrio da realização dos desejos e também os exercícios físicos; ações preventivas para evitar o uso de medicamentos.

Platão foi muito interessado em Política e afirmava que por detrás dos problemas políticos está a natureza do homem, e explica que a filosofia política tem de trabalhar no comportamento humano, que segundo ele, provém de

três fontes principais: desejo, emoção e conhecimento. Desejo, apetite, impulso, instinto são uma só; emoção, espírito, ambição e coragem são uma coisa só; conhecimento, pensamento, intelecto, razão são uma coisa só. O desejo tem o seu centro no baixo-ventre, um explosivo reservatório de energia, fundamentalmente sexual. A emoção tem o seu centro no coração, no fluxo e na força do sangue; é a ressonância orgânica da experiência e do desejo. O conhecimento tem o seu centro na cabeça; ele é o olho do desejo e pode tornar-se o piloto da alma. Essas forças e qualidades estão todas em cada indivíduo, mas em graus variados.

A seguir, será abordada a Psicologia Racional ou Filosófica de Aristóteles.

A Psicologia de Aristóteles

Aristóteles – (384/3 – 322 a.C.), nasceu na Macedônia. Seu pai era médico da corte do rei. Aos 17 anos foi para Atenas estudar na Escola de Platão (*Academus*). Permaneceu em Atenas por 20 anos como estudante e também como professor. Após a morte de Platão em 347 a.C., mudou-se para Assos na Ásia Menor. Depois mudou-se para a Macedônia onde foi tutor de Alexandre o Grande. Quando Alexandre tornou-se rei, foi para Atenas e abriu sua escola chamada Lyceu. Foi nesta fase da vida que escreveu suas obras sobre biologia e psicologia.

Aristóteles foi gradativamente afastando das ideias de Platão e assumindo uma posição mais realista e naturalista em relação a alma e ao mundo. Fez críticas aos pitagóricos e platônicos por defender uma alma sobrenatural e não atentarem para as características reais, físicas e orgânicas do homem. No entanto, não aceitava o extremo materialismo dos atomistas – doutrina filosófica elaborada por Leucipo e desenvolvida por Demócrito e Epicuro, segundo a qual a matéria é composta de átomos, isto é, partículas elementares indivisíveis e tão pequenas que não podem ser percebidas a olho nu. Os átomos são eternos e possuem todos a mesma natureza, embora difiram por sua forma, pois, acreditava que as características humanas de poder escolher e pensar eram de outra ordem. Defendeu que o princípio vital difere dos componentes do mundo físico, que a relação entre alma e corpo era funcional, e que a alma não subsiste sem o corpo.

Aristóteles é considerado como o primeiro grande pesquisador sistemático. Definiu o objeto de estudo de várias ciências e foi o primeiro a oferecer uma teoria sistemática sobre a psicologia.

A sua preocupação com a observação, o seu gosto pelo concreto e seu interesse pelo individual, constituem as principais características de seu trabalho.

A história da psicologia inicialmente é descrita em três grandes vias: cognição (conhecimento, compreensão); afecção (espécie de emoção, paixão ou uma afecção por implicar uma ação sofrida) e conação (instinto ou tendência de todo ser à própria conservação). Destacou que estas três vias são priorizadas e enfatizadas de modos diferentes nas teorias psicológicas. Nos escritos de Aristóteles as três vias são tratadas em livros diferentes. Cognição e biologia são estudados em *De Anima* e em *Parva Naturalia*. Conação e afeto são tratados em *Ética e Retórica*.

Continua na próxima edição...



falando francamente

O ÚLTIMO SALTO DO PELÉ

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

Meus amigos,

Tenho quase a mesma idade do Pelé, farei 82 anos no próximo mês de março, se Deus me permitir. Portanto, acompanhei, como torcedor, toda a trajetória do Rei desde de a primeira Copa (1958) até agora, em sua morte.

Contar a história DELE seria chover no molhado literalmente, pois o Mundo inteiro a conhece mais e melhor do que eu. Mas como eu também sou filho de Deus, reservo-me o direito de também falar um pouquinho desta indescritível figura humana, mundialmente conhecida, respeitada e admirada chamada de REI PELÉ.

Pelé, considerado “O Rei do Futebol”; “O Atleta do Século”, a meu ver, foi muito mais do tudo isso. Ele parou de jogar futebol há quase 50 anos, tempo suficiente para uma ou mais gerações se esquecerem de suas jogadas, por mais mirabolantes que foram. Tanto é, que

outras estrelas de primeira grandeza do Futebol de sua época, não conseguiram manter-se em evidência, como o Garrincha, Tostão, Carlos Alberto Torres, Romário, Jairzinho, para dizer apenas alguns, mas há muitos, como o Pepe, Coutinho companheiros de Pelé no Santos, não conseguiram se manter na mídia. O Pelé conseguiu. Por que? Não sei. Mas há vários fatores a serem considerados: Pelé soube explorar, comercialmente, sua imagem criada em campo. Ele se transformou numa espécie de Embaixador Brasileiro sem credenciais de Governo. Um cidadão de respeito, disciplina, de linguagem simples e objetiva. Não me lembro de ter ouvido dele uma palavra vulgar, de baixo calão. Suas mensagens eram sempre em defesa das crianças. Adepto da Arte, da música, Cinema e até da Literatura (foi poeta, compositor, cantor e ator), coisa rara no mundo da bola.

Pelé circulava, com naturalidade, das Tribunas dos Estádios aos Gabinetes de Presidentes de vários Países e Palácios de Reis, Rainha; Monarcas mais famosos e poderosos do Mundo; Pelé foi um Sir, um Nobre, um Lorde; educado, fino, simpático e bem comportado.

Pelé virou Lenda, sinônimo de Futebol e imortalizou a Camisa 10, e como atleta, apaixonado pelo que fazia, Ele colocava emoção nas jogadas, era impetuoso, tinha vontade, sede de vencer e quando fazia um gol (e foram quase 1.300), Ele saía correndo e saltava o mais alto possível e socava o AR com a mão direita. Este Salto virou a Marca de Pelé, nas comemorações, sempre filmado pelas costa fazendo destacar o número 10 na camisa. Pelé repetiu este gesto por mais de 1.380 vezes pelos gramados do Mundo a fora e a dentro.

Mas agora, caros leitores, neste dia 29 de Dezembro de 2022, Pelé deu seu



ÚLTIMO SALTO, desta feita, sem bola, sem campo, sem aplausos, foi o Salto, talvez o mais alto e importante Dele: o Salto para a Eternidade, deixando milhões de fãs por todo Planeta a lamentarem e deixou milhões de desportistas brasileiros como órfão de seu Rei do Futebol.

A vida é sempre um SALTO NO ESCURO. Desta vez, não teve aplauso, mas lágrima.

É muito triste, tristíssimo,



ciência & saúde

CASOS DE DEMÊNCIA CRESCE NA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em saúde

Faz poucos dias que vem a público o caso do ator americano Bruce Willis, tendo o diagnóstico de demência frontotemporal aos 67 anos de idade. Mesmo com distúrbios de fala (afasia), apresentada pela família em 2022 afastando do trabalho, vale ressaltar que existem vários tipos da demência.

O mal de Alzheimer, que é incurável, é também a forma mais comum de demência, onde apresenta evolução lenta, começando com perda de memória e termina com danos cerebrais graves.

Como a prevalência brasileira média apresenta-se mais alta que a mundial, pesquisadores brasileiros, publicaram na renomada revista Lancet Regional Health: Americas em 2022, onde foi identificado o impacto de fatores de

risco potencialmente preveníveis para demência na população brasileira. O trabalho avaliou o percentual de casos de demência, que seriam evitados se esses fatores de risco fossem controlados na população.

Embora existem tipos de demência, neste estudo apontou ainda que há mais incidência, em negros, asiáticos, grupos minoritários e populações pobres. Diante disso, a desigualdade social e econômica, que envolve pobreza e discriminação racial, também foram incluídas como fatores de risco, sobretudo para estas populações.

Pois bem, dez fatores de risco foram apresentados em ordem decrescente de impacto na prevenção da demência no país: Perda auditiva: 14,2%,

Sedentarismo: 11,3%, Hipertensão: 10,4%, Baixo nível educacional: 9,5%, Depressão: 6,9%, Obesidade: 6,3%, Diabetes: 3,6%, Tabagismo: 2,9%, Isolamento social: 1,5% e Uso excessivo de álcool: 0,2%.

Se analisarmos muitos destes fatores de risco são reversíveis, o sedentarismo é um dos maiores problemas da sociedade moderna. A falta de exercício físico gera problemas importantes por todo corpo, incluindo o aumento do risco de demência. Especificamente, eliminar o sedentarismo reduziria em 11,3% os casos de demência no Brasil, e quase metade da população brasileira relata que não faz atividade física regularmente. O sedentarismo pode vir associado a outras condições que aumentam a chance de ter doenças, como alimentação inadequada, depressão e obesidade.

A escolaridade é importante para prevenir demência por causa da reserva cognitiva. Esse conceito é semelhante a uma "poupança cerebral", que é construída com os anos de estudo e de esforço cognitivo. Treinar o cérebro é muito importante.

A saúde mental também foi identificada como um determinante do

bem-estar dos idosos. A depressão está relacionada à maior mortalidade em idosos, além de piora da qualidade de vida. A influência da depressão no desenvolvimento de demência é bem caracterizada, e aumenta significativamente o risco de desenvolver perda cognitiva.

A perda auditiva foi o fator de risco com maior impacto na demência na população brasileira. Isso significa que, quando bem controlada, a perda auditiva tem um potencial grande de prevenir novos casos de demência no país. Ainda mais impressionante, quase um terço da população brasileira relatou nesta publicação, que tem algum tipo de perda auditiva.

Saber identificar os fatores de risco, prioriza o combate a demência e progressão na maioria dos casos da doença. Aprender evitar a demência é uma longa jornada a ser percorrida. Sendo essencial identificar quem são as pessoas com demência, quantas são, e estimar qual o impacto nacional desta doença.

Não esqueça, tratamento existe e uma equipe interdisciplinar é fundamental para reverter os fatores de riscos que levam a demência.



crônica

A LITERATURA DO TEMPO

Newton Agrela | Colaborador

As páginas do nosso livro continuam abertas. Estamos encerrando o capítulo 2022 que trouxe uma série de emoções que se traduziram em momentos de grande emoção. Alguns de uma felicidade incontida, outros que talvez mereçam cair no esquecimento. No final das contas contudo, foi mais um acúmulo de experiências que a vida nos ofereceu. E só nos resta agradecer.

Um novo capítulo começa ganhar seus esboços. Novos episódios nos aguardam no capítulo 2023. O

protagonismo humano será evidente, porém é claro, atrás da esperança de dias cada vez melhores. Os votos de um tempo mais próspero, de bem estar cada vez mais consistente e de uma qualidade de vida mais sustentável são o combustível que nos impulsiona e faz com que possamos entender a razão da Vida.

Sempre bom lembrar que existir é uma circunstância que nos envolve neste Universo, porém justificar a nossa existência é um exercício de aprendizado contínuo que nos leva a aprimorar o

nosso grau de Consciência. A fronteira imaginária do tempo é um exercício cronológico que estabelece os limites de um prazo de validade, do qual não somos donos nem locatários. Somos simplesmente passageiros de uma nave chamada Terra.

O livro continua aberto, na expectativa de que o que venha a ser escrito possa aquecer a nossa alma sob o energizante sabor do Sol e a aquietar nossas dores sob a perene serenidade da Lua.

É um novo Tempo !





crônica

PONTOS DESPREZADOS DA NOSSA GRAMÁTICA

Filadelfo Borges de Lima | Cadeira nº 08

Muito bonito é nosso idioma, mas nosso povo não lhe dá a devida atenção. Políticos, artistas, empresários falam AONDE quando se deve falar ONDE. O correto é adotar aquele quando se refere a movimento. Exemplo: AONDE VAMOS? Aciona-se ONDE no caso de não se

referir a movimento. ONDE ESTÁ MINHA CANETA?

Os pronomes ESTE e ESSE são usados aleatoriamente como se não houvesse regras pertinentes. ESTE é admitido quando se trata do passado ou a coisa da qual se fala está junto ou próximo. O presidente Lula sempre fala

ESSE PAÍS ou DESSE PAIS, mas o certo é NESTE PAIS e NESTE PAÍS porque ele indica o país no qual se acha ou ao qual se refere. ESTE, ESSE, AQUELE.

Caso complexo, sem dúvida, é o hífen. Adjetivo derivado de substantivo composto o solicita. Assim sendo, o torcedor do VILA NOVA é VILANOVENSE, porém, em Goiás, a imprensa escreve vilavovense. Reclamei, me disseram que os veículos locais de comunicação entenderam que sem o hífen ficaria mais prático. Na minha opinião, tal procedimento não poderia ser tomado.

Outro erro muito comum se dá quando o substantivo próprio se converte em adjetivo. Exemplos: CARLOS



É O RUI BARBOSA DESSA TURMA; AQUELE JOGADOR É O PELÉ DO SEU TIME. Forma correta, no primeiro exemplo, é o rui barbosa (adjetivo, inicial minúscula) desse time. No segundo exemplo temos o pelé (adjetivo, inicial minúscula).



artigo

NAPOLEÃO BONAPARTE E SUA FORTE INFLUÊNCIA NOS DESTINOS DA MAÇONARIA DE SEU TEMPO

Hélio Pereira Leite | Colaborador

Quem foi Napoleão Bonaparte?, acredito que todos sabem quem ele foi, o que ele fez, onde ele chegou e qual foi o fim dele numa ilha, mas com certeza poucos sabem a forte influência que ele exerceu na maçonaria francesa, em sua consolidação e em sua expansão, inclusive para o Brasil.

Segundo César Vidal em seu livro *Los Maseson*, traduzido por Maria Alzira Brum Lemos, para *Os Maçons* – a sociedade secreta mais influente da história, publicado pela editora Relume Dumará, em 2005, poucos souberam extrair melhor as lições pertinentes da Revolução Francesa que um general de origem corsa chamado Napoleão Bonaparte.

"Existem especulações sobre uma possível iniciação de Napoleão na maçonaria, que teria ocorrido em 1798, na ilha de Malta e no seio de uma loja maçônica formada majoritariamente por militares. As provas não são de todo conclusivas, mas não há dúvida de que Bonaparte utilizou conscientemente a maçonaria como um instrumento político.". Senão vejamos!

Quatro dos irmãos de Napoleão – bem como seu pai – foram maçons. José, que seria rei da Espanha; de Luís, rei da Holanda; de Luciano, príncipe de Cannino; e de Jerônimo, rei de Westfália. E ainda, General Joaquin Murat, seu cunhado e seu enteado Eugenio de Beauharnais também foram maçons. Também vinte e dois entre os marechais mais importantes de Napoleão eram maçons.

Quando Napoleão tomou o poder, a maçonaria francesa encontrava-se dividida entre o Grande Oriente e o Rito Escocês. Como ele tinha o firme propósito de controlar as lojas maçônicas, conseguiu que José Bonaparte fosse eleito Grão-Mestre do Grande Oriente, enquanto Luís assumiu o mesmo cargo no Rito Escocês, as quais se fundiram em 1804 tendo José como Grão-Mestre. E não satisfeito, Napoleão obrigou a aceitação de mulheres nas lojas maçônicas para conceder a Josefina o cargo de Grã-Mestra.

O sonho de Napoleão era dominar a Europa, utilizando a maçonaria. Esta lhe

permitia contar com um exército que lutava "contra o papa", manter com vigor, as forças armadas sob seu controle e a política em suas mãos, além de proporcionar-lhe um instrumento de captação e propaganda favorável ao domínio francês da Europa.

Napoleão expandiu o ideário da Revolução Francesa, tendo como instrumento de apoio todas as lojas maçônicas, tendo como única exceção uma loja no Cantão de Genebra, que tinha sido invadida em 1798 por tropas francesas.

As forças invasoras de Napoleão foram criando em seu caminho lojas maçônicas, para as quais recrutavam as elites nacionais, que, desta forma lhes ficavam submetidas. Foi assim, pelas mãos dos invasores franceses que a maçonaria chegou à Espanha.

Até 1787 não existiam lojas maçônicas em Espanha devido a proibição papal, imposta pela Inquisição desde 1738. Havia notícia de maçons ali estabelecidos, em geral estrangeiros, como o pintor veneziano Felipe Fabris, processado pela Inquisição.

Os primeiros maçons espanhóis foram iniciados na França e faziam parte da frota espanhola que, aliada da francesa, atracou em Brest em 8 de setembro de 1799. Pertenciam a lojas maçônicas francesas, mas, em agosto de 1801, fundaram uma loja espanhola que recebeu o nome de *A Reunión Española*, com vinte e seis membros, entre eles padres capelães. Loja que deixou de existir em 23 de abril de 1802 com a volta à Espanha.

A primeira Loja maçônica fundada na Península pelos invasores franceses foi a de San Sebastian, em 18 de julho de 1809. A esta se seguiram outras em Vitória, Zaragosa, Barcelona, Gerona, Figueras, Talavera de la Reina, Santõna, Santander, Salamanca, Sevilha e Madri, onde se instalou a Grande Loja Maçônica Nacional de Espanha.

Em 1813 Napoleão foi derrotado e foi exilado na ilha de Elba. Em 1º de março de 1815, Napoleão desembarcou na França depois de fugir da ilha de Elba.

Todos sabem que Napoleão foi vencido em Waterloo e seu sonho imperial

ruiu definitivamente. Menos conhecido é que, por um desses paradoxos, a vitória sobre Napoleão foi conseguida por um britânico, Arthur Wellington, que tinha sido iniciado na maçonaria em 7 de dezembro de 1790 numa loja maçônica situada em Trim, condado de Meath.

A Maçonaria no Brasil

As primeiras sociedade secretas do Brasil também foram impulsionadas pelos franceses. Uma destas sociedades foi a dos Cavaleiros da Luz, criada na Bahia pelo maçom francês Dupetit-Thouars em 1791. Sua finalidade explícita era estender os postulados da Revolução Francesa no Brasil. Dupetit retornou ao seu país de origem e em 1797 foi sucedido por outro maçom francês Larcher, que tinha como missão provocar uma rebelião contra a Coroa Portuguesa.

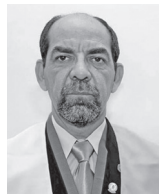
As denominadas academias, das quais as mais relevantes estavam estabelecidas em Pernambuco tiveram papel similar, destacando-se a Academia Suassuna fundada por Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, um padre católico – Frei Caneca, e pelo chefe da Justiça da Província de Pernambuco, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, irmão de José Bonifácio de Andrada e Silva. Surgiu também a Academia do Paraíso, cujo nome é uma homenagem à Nossa Senhora do Paraíso, tendo com fundador o padre João Ribeiro Pessoa.

Contudo, a mais importante de todas elas foi a sociedade secreta o Areópago de Intambé, fundada pelo botânico Manoel de Arruda Câmara, que tinha por objetivo livrar o Brasil do domínio português e estabelecer uma república sob a direção de Napoleão. Porém, descobertos seus objetivos foi desarticulada, frustrando com isto os planos napoleônicos de controlar o Brasil.

No Livro *Maçônico do Centenário*, editado em 1922 pelo Grande Oriente do Brasil, na página 112 e seguintes, encontra-se o seguinte comentário:

"Ninguém acreditaria, por exemplo, que o gênio de Napoleão a tivesse tolerado e, mais do que isso, dado todo o apoio a sua ação, si não estivesse

Membro fundador da Academia Cearense de Literatura Popular, e correspondente das Academias Maçônicas de Letras da Bahia e de Mogi das Cruzes



artigo

A HISTÓRIA DO CARNAVAL

Francisco Feitosa | Colaborador

Grande Bibliotecário do Supremo
Conselho do Grau 33 do REAA da Maçonaria
para a República Federativa do Brasil

Você conhece a origem do Carnaval? Não? Pois bem! Aproveitando esse breve receso do Carnaval e pesquisando sobre o tema, com base em textos de historiadores como Renato Roschel, Hiram Araújo e Claudia M. de Assis Rocha Lima, produzimos esse breve trabalho, a fim de melhor entendermos as origens da festa mais popular do mundo.

Há relatos de que há cerca de dez mil anos antes de Cristo, homens, mulheres e crianças já se reuniam, no verão, com os rostos mascarados e os corpos pintados, com o intuito de espantar os demônios da má colheita. As origens do carnaval têm sido buscadas nas mais antigas celebrações da humanidade, tais como as Festas Egípcias que homenageavam a deusa Isis e o Touro Apis. Os gregos festejavam, com grandiosidade, nas Festas Lupercais e Saturnais, a celebração da volta da primavera, que simbolizava o Renascer da Natureza. Mas, num ponto, todos concordavam: as grandes festas, como o carnaval, estão associadas a fenômenos astronômicos e a ciclos naturais. O carnaval se caracteriza por festas, divertimentos públicos, bailes de máscaras e manifestações folclóricas.

Em Roma, glorificando o deus Saturno, comemoravam-se as Saturnais. Esses festejos eram de tamanha importância, que tribunais e escolas fechavam suas portas durante o evento, escravos eram alforriados, as pessoas saíam às ruas para dançar. A euforia era geral. Na abertura dessas festas ao deus Saturno, carros, buscando semelhança a navios, saíam na "avenida", com homens

e mulheres nus. Esses eram chamados os "carrum navalis". Muitos dizem que daí saiu a expressão "carnevale", originando carnaval.

A história do carnaval começa no princípio da nossa civilização ariana, na origem dos rituais, nas celebrações da fertilidade e da colheita nas primeiras lavouras, às margens do Nilo. Os primeiros agricultores exerciam a capacidade humana, que, já nas cavernas, distinguia-se em volta da fogueira, da dança, da música, da celebração...

Foram na intenção da Deusa Isis, no Egito Antigo, as primeiras celebrações carnavalescas. Com a evolução da sociedade grega, evoluíram os rituais, acrescentados da bebida e do sexo, nos cultos ao Deus Dionisus, com as celebrações dionisiacas. Na Roma Antiga, bacanais saturnais e luperciais festejavam os Deuses Baco, Saturno e Pã. A Sociedade Clássica acrescenta, ainda, uma função política de distinção social às celebrações, tolerando o espírito satírico: a crítica aos governos e governantes nos festejos.

A civilização judaico-cristã, fundamentada na abstinência, na culpa, no pecado, no castigo, na penitência e na redenção, renega e condena o carnaval, e, muito embora seus principais representantes fossem contrários à sua realização, no século XV, o Papa Paulo II contribuiu para a sua evolução, imprimindo uma mudança estética, ao introduzir o baile de máscaras, permitindo que, em frente a seu palácio, na Via Lata, se realizasse o carnaval romano. Como a Igreja proibira as manifestações sexuais no festejo, novas manifestações adquiriram forma: corridas, desfiles, fantasias, deboche e morbidez. Estava reduzido o carnaval à celebração ordeira, de caráter artístico, com bailes e desfiles alegóricos.

Depois do Egito – o primeiro, do segundo – em Grécia e Roma Antigas, e do terceiro, no Renascimento Europeu, particularmente, em Veneza, o Carnaval encontrou no Rio de Janeiro, o seu quarto centro de excelência, resgatando o espírito de Baco e Dionísio, isso, na tese

de Hiram Araújo, estudioso do carnaval e do samba, ao contar uma história, que, segundo ele, completa seu sexto milênio e que acompanha a própria história da humanidade, a história do carnaval, considerando os seus Centros de Excelência, dividida em quatro períodos: o Originário (de 4.000 anos a.C. ao século VII a.C.); o Pagão (do século VII a.C. ao século VI d.C.); o Cristão (do século VI d.C. ao século XVIII d.C.); o Contemporâneo (do século XVIII d.C. ao século XXI).

Esses Centros de Excelência são responsáveis pela criação e irradiação dos modelos da festa. Cada Centro de Excelência do Carnaval age como verdadeira usina de forças centrípetas, absorvendo as culturas dos povos, e de forças centrífugas, irradiando os modelos de carnaval para o mundo. Os padrões de carnaval irradiados sofrem adaptações nas cidades em que os carnavales ocorrem.

O carnaval foi chamado de "Entrudo", palavra, que vem do latim "introitus" e que designa as solenidades litúrgicas da Quaresma, por influência dos portugueses da Ilha da Madeira, Açores e Cabo Verde, que trouxeram a brincadeira de loucas correrias, melamele de farinha, água com limão, no ano de 1723, surgindo, depois, as batalhas de doces e serpentinas.

Bem, depois de tomarmos conhecimento da origem, história e seu significado, os simpatizantes da festa mais popular do mundo poderão, de forma consciente, saber o que, de fato, estão comemorando!



crônica

INICIADO

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

Ao sermos iniciados nos mistérios maçônicos o irmão Venerável Mestre, Orador, Secretário 1º Vigilante, 2º Vigilante, Mestre de Cerimônias, Cobridor, chanceler, Expertos, mestre de harmonia, companheiros, aprendizes ou, seja todos os irmãos da loja e visitantes são guiados pelo ritual de aprendiz maçônico, livro esse que recebemos quando somos iniciados. O candidato acredita que já sabe de tudo sobre a maçonaria, pois não suportando a curiosidade fez pesquisas na internet, mas na verdade ele não sabe de nada, é um ser humano que nasceu, cresceu e vai morrer sem nada saber.

Com o candidato para ser maçom é a mesma coisa, não é a loja, a potência maçônica que diz, mas sim

a maçonaria que exige que o candidato tenha que ser livre, de bons costumes, tem que ser limpo e puro, então porque o ódio, a mágoa, a vaidade e o desejo de ser mais que o irmão? Existem muitos homens que não entram para a ordem por medo, outros por saberem que têm que pagar mensalidades, irem às sessões, trabalhar sem remuneração, outros por curiosidade e na esperança de ficarem ricos. Outros não entram por não serem convidados, pois são livres de bons costumes, mas não possuem posses, não são autoridades, não tem um emprego relevante ou, seja não são pessoas importantes, mas se observados tem perfil, bons pais, ótimo marido, responsáveis fraternos e melhores maçons que uns existentes.

Se você sabe mais, ensina se já está fazendo os graus filosóficos mostre para os irmãos a importância de ser um maçom de respeito, e não é ter cargos, ser maçom é ter humildade liberdade, igualdade e fraternidade. O pássaro mesmo dentro da gaiola canta, gorjeia e não pede nada, mas ele canta, canta bonito e não sensibiliza seu suposto dono para abrir a gaiola e deixá-lo liberto, o maçom que agride o irmão com palavras profanas se esquecendo do juramento feito na sua iniciação é tão perverso quanto aquele que aprisiona um pássaro indefeso.

Na iniciação mesmo com os olhos vendados ouve-se o irmão Orador dizer que a maçonaria proclama que os homens são livres e iguais em direitos e que a tolerância constitui o princípio cardeal nas relações humanas para que sejam iguais, respeitadas as convicções e dignidade de cada um, iniciamos como aprendizes isso quer dizer que vamos aprender ninguém nasceu sabendo, na maçonaria o

verdadeiro maçom é aprendiz por mais colorido que seja o avental estamos sempre aprendendo e não sabemos de nada. A maçonaria defende a plena liberdade de expressão do pensamento como direito fundamental do ser humano, admitida responsabilidade, a maçonaria determina que os maçons estendam e liberalizem os laços fraternais que emanam a todos os homens esparsos pela superfície da terra, recomenda a divulgação de sua doutrina pelo exemplo da palavra e combate terminantemente da força e violência

É comum vermos irmãos se digladiarem em função de cargos maçônicos, terem desentendimento no mundo profano e por muitas vezes esses problemas vão para o interior das lojas, e por não conseguirem resolver acabam afetando o templo e quem foi iniciado, sendo que ele ouviu o orador dizer que os maçons são tolerantes e que todos são irmãos. Ser maçom é ser correto, tolerante não ter ódio nem vaidade, ser maçom é ser diferente.

galeria poética



PRINCESINHA DO CERRADO

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

Humanismo e progresso, lado a lado,
Caminham nestas ruas e avenidas
Que, como artérias vivas, coloridas,
Cortam teu lindo corpo desenhado.

Flores, jardins e bosques, o esmerado
Proveito das paisagens mais queridas...
O teu céu, tuas praças, quanto agrado
A enfeitar nossas vindas, nossas idas...

A cultura, a ciência, a arte, o esporte,
O todo que perfaz teu meigo porte:
A reta, as curvas, teu perfil amado,

Tudo proclama o amor, a paz, o gosto
Pela vida, estampado no teu rosto,
Goiânia, princesinha do cerrado!



DO RESULTADO

Adilson Zotovici
Contribuição

Ouço um tanto consternado
O despreço ao fundamento
Que não pode ser demudado
Do levado ao renascimento

Qual um labirinto cruzado
Das provas com
enfrentamento
Amargor experimentado
O esplendor pós sofrimento

Tudo a ser considerado
E se obter desse momento
Do profano, “um iniciado”

Tragicômico aceitamento
Que randômico o resultado...
Do inefável e sublime evento!



A LUTA CONTRA AS PALAVRAS

Antônio Victor | Colaborador

Nas amarras dos meus versos
as palavras ficarão
atadas, quais bichos brabos,
prontas para me engolir.

Derrubarei as palavras,
sojigarei uma a uma,
qual fossem touro selvagem
em duro embate comigo.

Comigo trago a espada
e trago o pano vermelho.
Desafiarei na arena
a indomável palavra.

E ao final do combate,
do sanguinário duelo,
os dois, tombados, vencidos,
cairemos sobre a areia.

Sobre a areia, aquiescidos,
cansados e ofegantes,
meio inimigos e amantes
nos abraçaremos, tontos,
num abraço cúmplice, trágico,
e eternamente rival.



COM ALEGRIA

João Batista da Silva Paiva
Colaborador

Se nós que já existimos
E temos o Dia a ser bom
Não custa se exprimimos
O Bom Dia, em bom tom
Com grande Entusiasmo
Até para mim, isso serve
Sai de mim o de Miasmo
Do que nocivo me enerve
E pode estragar o meu Dia
Se eu recebo de alguém, repriso
Se eu sorrio alegre e sadia
É a Saudação vista num Sorriso
Que afugenta todas Tristezas
O Bom Dia, vai ser uma Beleza



POEMA DA INICIAÇÃO

Glauber Rogeris Nunes
| Colaborador

Vendado foste posto
Da caverna nasceste
Medo encrudece seu rosto
Um lugar entre irmãos mereceste

Sou teu guia e nada temeis
Disseste teu guia fiel
Aos perigos a coragem ergueis
Para ser iluminado pela luz que vem do céu

Foi purificado pela água
Foste elevado pelo ar
Renaceste pelo fogo
Mas ainda cego está a andar

Do doce provaste o sabor
Das armas ouviste o som hostil
Do amargo o gosto tragar
No seu semblante o temor se viu

Após todas as andanças
Juraste silenciar
Como irmãos ainda sois crianças
Três anos por muito tempo terá

Agora que recebeste a luz
O maçom então nasceu
A instituição que lhe conduz
Celebras seu jubileu

Hoje morreste para o mundo
Nasceste
para maçonaria
No coração sentimento profundo
No seio da loja bateria incessante de alegria



QUANDO FICARES VELHA

Anderson Lima da Silveira
Cadeira nº 02 | colaboração

Quando ficares velha, grisalha e sonolenta
E te aqueceres à lareira, pega neste livro
E lê-o devagar, sonha com o olhar meigo
E com as sombras profundas outrora nos teus olhos;

Quantos amaram os teus momentos de feliz encanto
E a tua beleza com amor falso ou autêntico,
Além daquele homem que amou em ti a alma peregrina
E as tristezas que alteravam o teu rosto;

E curvando-te mais sobre a lareira ao rubro
Murmura, um pouco triste, como o Amor se foi
E caminhou sobre as montanhas lá no alto
E escondeu o rosto numa multidão de estrelas.

(Texto de William Butler Yeats)



BECOS DE GOIÁS

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador

Becos da minha terra...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce fugidia,
e sementes polmes dourados no teu lixo pobre,
calçando de ouro a sandália velha, jogada no monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
Descendo de quintais escusos sem pressa,
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce
Na frincha de teus muros empenados,
e a plantinha desvalida de caule mole
que se defende, viceja e floresce
no agasalho de tua sombra úmida e calada.

(Texto de Cora Coralina)



crônica

CÂNTICO PARA MINHA MÃE

Getúlio Targino Lima | Cadeira nº 13

Achou naquele rapaz iletrado mas muito trabalhador a pessoa com quem deveria viver o resto de sua vida. Sabia de todas as dificuldades que haveria de enfrentar, mas não era mulher de ir assim fugindo da luta e se dando por derrotada, antes da peleja começar.

E se casou, num ato cerimonial muito simples, porque nem uma família nem a outra tinha condições de quaisquer gastos. Aliás, tanto pelo lado da noiva quanto pelo lado do noivo, a situação era idêntica: ambos tinham ficado órfãos de pai e mãe antes de saírem da idade infantil.

E quando é irmão que cria irmão o peso fica muito significativo e não há dinheiro para festas: é só a assinatura dos papéis mesmo.

Dias difíceis, mas a esperança permanente.

Filhos chegando... foram seis, mas um faleceu com poucos meses, de modo que se contaram mesmo cinco.

Marido sem leitura e sem profissão definida, ia onde o serviço estava. Não tinha essa de rejeitar serviço. Família estava aí para não permitir isto.

E a mãe ali, no batente da casa, olhando menino, dando comida para menino, curando menino com remédio do mato, cuidando que filho aprendesse a ler e escrever.

Ver filho mais velho crescer e acompanhar o pai nas andanças dele como tropeiro, garimpeiro, passando uma semana em casa e seis meses desaparecido neste mundão de meu Deus dos garimpos do norte e da região central do país foi algo com que teve de se acostumar logo.

Viajando qual família cigana, esta mulher cuidou dos filhos lutando contra a fome, o frio, a doença e sempre sem dinheiro. Recebeu a notícia do filho mais novo ter sido assassinado por um desconhecido bêbado, e nem pode assistir ao seu enterro, dada a enorme distância...

Mas viu suas duas filhas alcançarem o curso superior, formando-se em filosofia e o filho do meio se tornar advogado. Quando este recebeu o título de cidadania honorária, na cidade de Anápolis (Goiás) o brilho de seus olhos amorosos de mãe ficou mais intenso.

Até minoraram-se os efeitos do mal que a acometera muitos anos atrás e a tornara um pouco distante das luzes da vaidade humana.

O seu quartinho era o recanto sagrado para onde sempre ia a rezar, fosse qual fosse a notícia: tragédia ou felicidade.

Não se lamentava, não rogava qualquer tipo de impropério ou praga. Apenas rezava.

Viu morrerem, depois, o filho mais velho e o esposo, mas aguentou firme, sustentando os três filhos sobreviventes com a força do seu amor, de sua fé em Deus e de sua esperança na vida, sem nunca reclamar, conforme o conselho do Mestre Divino: Quem quiser seguir a Mim que tome a sua cruz e siga-me, mas sem lamúrias ou reclamações.

Um dia aquele coração já fraco parou.

Foi assim, simples, foi assim...e seu corpo foi embora, dona Benedita... Benedita... Bendita....

Mas a senhora ficou aqui conosco, para sempre, minha querida mãe BENEDITA TARGINO LIMA.

E como creio que a verdadeira vida é eterna, escrevi-lhe este soneto que também dedico a todas as mães, estas heroínas anônimas da existência planetária, cada uma com sua história, cada uma com sua linha de jornada, mas todas com o mesmo fervor, o mesmo sentimento de sacrifício, o mesmo e inigualável amor de mãe.

MÃE

*Não se define mãe. Mãe se respira,
Pelos poros do corpo, da existência.
Imponderavelmente, a mãe inspira,
E, o dom do amor, traduz, por excelência.
Não há cor ou beleza que refira
A grandeza da mãe, mesmo em falência,
Pois, por mais que se morra, inda suspira
Em nós, de nossa mãe, a quintessência.
Mãe é o mar e a terra; a morte e a vida;
É o carinho do unguento na ferida;
É o amor sem limite ou evasiva.
É por isto que digo: mãe não morre
E, mesmo sendo a vida a que mais corre,
Eternamente, toda mãe é viva!*



reconhecimento

ÍCONE GOIANO É CONDECORADO

Antônio Leite | Colaborador

Há alguns dias, soube da entrega da maior condecoração da maçonaria Brasileira ao maçom Hélio Moreira. É o reconhecimento a uma vida dedicada à Ordem Maçônica e à sociedade. Esta homenagem, há muito merecida, veio extemporânea, deveria ter sido outorgada há muito mais tempo. A vida maçônica do Irmão Hélio há muito o fazia merecedor desta distinção e esta circunstância era por demais reconhecida.

À esta longa história, que começou há 50 anos, com seu ingresso na Sublime Ordem, é fundamental que se junte também uma vida inteira dedicada ao humanismo, à humanidade e à sociedade. Homem multitalentos, Hélio Moreira

conseguiu a difícil construção em paralelo, de uma biografia marcada pela dedicação às causas às quais abraçou.

Nos seus mais de 80 anos de vida, o menino nascido no seio dos morros do Sul de Minas, no distrito de Gaspar Lopes, deixou sua cidade natal de Alfenas e foi seguir o sonho de ser médico. Com determinação e muita força, venceu, uma a uma, os obstáculos que lhe foram colocados pelas circunstâncias existenciais e, saindo de uma família de poucos recursos financeiros, concluiu, com hercúlea luta, o curso de medicina em Curitiba, de onde seguiu para São Paulo, a fim de especializar-se em colo proctologia, ciência em que passou de aluno a professor e foi coroada com a presidência sociedade mundial de sua especialidade, reconhecimento dos colegas do mundo todo ao seu trabalho e capacidade.

As mãos invisíveis do destino o levaram para Goiânia, onde ao lado da Sra. Marília, aquela que é sua esposa e companheira de uma vida toda, frutificou sua existência, dando a Goiás, a natividade de seus 3 filhos e oito netos. Os três filhos e dois netos, guiados por seu exemplo, abraçaram arte de Hipócrates como profissão. Neste lapso temporal, seu idealismo e sua dedicação aos projetos que traçou, renderam obras e marcos que o ligam para sempre à história de Goiás, tanto na medicina, quanto nas letras, nas obras sociais, no convívio em sociedade, na benemerência e, claro, na maçonaria.

Esta face de Hélio Moreira pode ser, e é melhor contada por

ele mesmo, em seu livro "Entre o Sonho e a Realidade" que, numa mistura de romance e auto biografia, mostra com leveza e lirismo, os momentos fundamentais de sua profícua carreira, nos mais diversos setores da vida pessoal, familiar, médica, intelectual, maçônica e como agente transformador da sociedade à sua volta. Sua pena falará melhor ao leitor que se interesse por conhecer sua vida e sua obra.

Permito-me, nesta oportunidade que tão generosamente me é dada pela Academia Maçônica de Letras, dizer um pouco do convívio que tive com ele. As mesmas mãos invisíveis do destino, que tecem as linhas de nossa existência, aproximaram-me de Hélio Moreira, fazendo com que pudéssemos compartilhar uma parte de nossas vidas.

A visita à terra natal, Gaspar Lopes, pelos idos de 1997, da qual fui testemunha e guia, talvez tenha sido um raro momento em que a emoção sobrepujou os sentimentos sempre contidos e, num instante fortuito, fez com que a lágrima solitária rolando em silêncio pela face, permitiu-me testemunhar uma tempestade de emoções e reminiscências, numa "volta ao passado", em que os olhos do homem feito deram vazão à saudade do menino de calças curtas e pés no chão. Posso dizer que ouvi, naquele instante, Manoel Bandeira sussurrando aos seus ouvidos, "a casa era por aqui... Onde? Procuo-a e não acho". A usura fez tábua rasa da velha pensão Santo Antonio.

Depois, minha vinda para Goiânia, o começo profissional nesta Capital, as orientações, as dificuldades do dia a dia, a mão estendida, juntamente com D.

**Delegado Litúrgico
e Membro Efetivo do Supremo
Conselho do Brasil do Grau 33
para o Rito Escocês Antigo e Aceito**

Marília, nos momentos extremos, pela qual sou sempre grato pelo gesto fraterno e pelo apoio. Nesta retrospectiva pessoal, há dois pontos em destaque. O nascimento dos netos, pelos quais nutro indisfarçável admiração e nossa dedicação, cada qual à sua maneira, pela Ordem Maçônica.

Aqui, cabe uma referência especial, uma vez que vivenciei de perto muitos momentos importantes de sua atividade como maçom. Dedicação e discrição são marcas, como em todos os outros múltiplos polos de trabalho do Irmão Hélio Moreira. Em silêncio, ajudou e ajuda a quem quer que precise (o mesmo se deu ao longo de seus mais de 50 anos de exercício da medicina, o que é reconhecido por toda sociedade goiana).

Escritor multitalentos, membro desta Academia Maçônica de Letras e da Academia Goiana de Letras (entre outras instituições congêneres), soube, através de seus texto claros e precisos, levar à população em geral, uma noção clara e precisa do que seja a maçonaria e de seus objetivos e trabalho na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Bastava apenas esta fração do trabalho maçônico de Hélio Moreira para que já fosse merecedor da láurea ora recebida, que chega com atraso.

Esse não pretendeu ser um texto biográfico, muito menos laudatório. Quer sim, render um preito de agradecimento e reconhecimento a um irmão, amigo que, como disse, as mãos invisíveis do destino nos aproximaram e a ele devo estas palavras para que saiba, que lhe tenho apreço, reconhecimento e gratidão. Receba, meu fraterno abraço.





opinião

LEMBRANÇAS MAÇÔNICAS DA CIDADE DE GOYAZ – V

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

As 7:10 horas de uma terça-feira, 29 de março de 1887, falecia, aos 42 anos de idade, o Desembargador Dr. Antônio Felix de Bulhões Jardim, causando grande comoção e tristeza na Cidade de Goiás. Um número nunca visto de pessoas acompanharam seu sepultamento.

No sétimo dia de seu falecimento, às sete horas manhã, a Loja Azilo da Razão acompanhada por grande multidão e de uma banda de música, prestou homenagem ao Irmão falecido.

A cova, ainda sem monumento, estava coberta por um pano preto preso em cada canto, por castiçais. Coroas ornavam a sepultura, à cabeceira erguia-se o pendão do centro Abolicionista. O orador da Loja, Antônio José Pereira, fez um eloquente discurso.

Antônio Félix de Bulhões, nasceu na Cidade de Goiás, no dia 28 de agosto de 1845. Poeta, jornalista e político, filho do Major Inácio Soares de Bulhões e Antônia Emília de Bulhões Jardim.

Após ter estudado no Liceu, em 1857, vai para São Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito de São Paulo onde depois de 8 anos, com 20 anos, conclui o curso de Direito.

Em 1865, de volta à Cidade de Goiás, foi professor de História Sagrada e Eclesiástica no Seminário Episcopal de Santa Cruz, na Cidade de Goiás e é nomeado promotor público na comarca

pelo vice-presidente da província, o Desembargador João Bonifácio Gomes de Siqueira.

Juntamente com Antônio José Inácio de Azevedo e a tipografia Bastos e Irmãos, funda o jornal Monitor Goyano, que circulou entre os anos 1866 e 1869, sendo seu redator.

Em 1872, é nomeado juiz de direito da comarca do Rio Paranã. Sucessivamente é removido para a comarca de Santa Cruz, Rio das Almas e, em 1877, para a 2ª vara de órfãos da capital.

Há pedido da Loja Azylo da Razão, funda o jornal Tribuna Livre, que circulou de 20 de fevereiro de 1878 a 24 de dezembro de 1884, com a finalidade de defender a Loja dos constantes ataques da Igreja, sendo seu editor juntamente com o grande e ainda desconhecido José do Patrocínio Marques Tocantins.

Também fundou o jornal Goyaz, que circulou a partir de 1884, órgão do Partido Libertador; o jornal O Libertador, em 1885 e o Província de Goiaz, Neles defende as liberdades públicas, fulmina os opressores das garantias constitucionais do cidadão. Dele diz o Dr. Jerônimo de Moraes: “muitas vezes os seus períodos eram cortantes como o bisturi dos cirurgiões, quando esvurmava as chagas sociais, ou se convertiam em látigos cruéis com que fustigava os adversários desleais...”



Estes jornais foram um importante instrumento de luta política e legitimação do poder dos grupos políticos, como os Bulhões Jardim. Em oposição ao governo, defendia o abolicionismo (com a formação de diversas sociedades emancipatórias), a obrigatoriedade do ensino e do papel da instrução como promotora do desenvolvimento social da nação. Sua voz despertou a opinião pública que, aos poucos, germinou na insignificante classe média goiana da época, os seus ideais.

A família Bulhões, não uma família de latifundiários e sim de bacharéis, iniciaram sua ascensão política por volta de 1878 e consegue impor sua forte influência até meados de 1910.

A Província de Goiás teve a frente de sua administração, por sete anos, um único presidente: Antero Cícero de Assis. A província não tinha uma organização partidária, nem representantes na Assembleia Geral. É então, que Antônio Félix de Bulhões intensifica sua luta para a emancipação política da província, na esperança de formas uma consciência política regional.

Antero de Assis e os Bulhões entraram em choque e registrou-se, em sua

longa administração, uma cadeia de brigas e insultos recíprocos.

Funda-se o Club Liberal, tendo como presidente o Desembargador João Bonifácio Gomes Siqueira e como secretário, Antônio Felix de Bulhões.

Os partidos políticos estruturaram-se entre os anos de 1878 e 1881. O primeiro a se firmar foi o Liberal dirigido por Antônio Felix de Bulhões, tendo como companheiro Antônio José Caiado, o Cônego Joaquim Vicente e o Desembargador Bonifácio Siqueira.

Em 1878, é removido para comarca do Rio das Mortes, sob o pseudônimo de Anhanguera, escreve artigos na imprensa do Rio de Janeiro, tratando das questões férreas da província e da reforma do poder judicial.

Residindo na cidade de São João del Rei, é apresentado como candidato à deputado do 1º distrito. O eleitor, receoso por sua ferrenha luta pela abolição da escravidão, o rejeita.

Após a sua morte, sua mãe reuniu os seus versos e, em 1906, publicou Poesias do Desembargador Félix de Bulhões.

Em 1995, quando da comemoração do sesquicentenário do poeta, a Fundação Cultural Pedro Ludovico, editou uma segunda edição do livro.



artigo

A contribuição do educador universitário do Século XXI à sociedade brasileira, por meio da inserção de valores em sua disciplina – VII

Carlos Augusto F. de Viveiros | In memoriam (Texto escrito em dezembro de 2020)

Portanto, o educador universitário do século XXI exercer papel importante na mediação do conhecimento e poderá contribuir com a sociedade brasileira contemporânea por meio de inserção de valores em sua disciplina, mas para que ele possa compreender a sua importância neste contexto, faz-se necessário que o mesmo tenha uma formação mais humanista, já que maioria não possui licenciatura que lhe daria uma visão que a educação é uma prática social que proporcional ao indivíduo conhecimentos e habilidades ao seu convívio em sociedade.

Considerações finais

Como apontado pelos autores acima mencionados, a educação poderá contribuir de forma positiva para o resgate dos valores que estão sendo deixados para trás pela nossa sociedade contemporânea e nesse processo tem papel fundamental o educador do século XXI, através dele pode-se construir uma nova sociedade mais justa, igualitária, e fraterna, e neste contexto, entra o elemento importante que é o professor universitário que conforme evidenciado pelos autores acima poderão contribuir com as mudanças de paradigmas em que vive a atual sociedade brasileira.

O professor universitário dos tempos atuais deve estar atento ao seu papel de agente transformador e colaborador das exigências que a sociedade brasileira tanto almeja, dispendendo-se a ser um elemento comprometido com a necessidade de destacar os valores éticos

e morais de nosso povo, pretende ser um agente corresponsável pela busca desta cultura através de exemplos e da educação, em busca da formação de profissionais comprometidos com os elementos de valores éticos e morais como princípios norteadores de suas condutas profissionais.

O educador universitário contemporâneo com o emprego dos meios adequados para inserção de valores éticos, o que é bem e o que mal, o que deve fazer e o que não deve fazer, podem contribuir de forma positiva com a consciência ética na formação de educando em cidadão engajados nas suas comunidades, tal como acontece com a aplicação do programa educativo do Movimento Escoteiro, que além de proporcionar conhecimentos e habilidades, também proporciona consciência de valores éticos que certamente contribuirão na formação do comportamento moral dos homens em suas sociedades. E também como ocorrem com algumas profissões que possuem os seus códigos de ética profissional as que os profissionais devem observar.

Afim, de atender os objetivos almejados desenvolver estratégias educacionais que garantam o reconhecimento da educação pela relevância do papel e pelo impacto gerado pela mesma na sociedade e conscientes dos seus papéis.

Percebemos, portanto, que os educadores universitários do século XXI devem, também, educar para a liberdade e procurar desenvolver a capacidade de

pensar criticamente, mais do que a transferência de informações e ou conhecimentos ou habilidades específicas, deve contribuir para que os seus alunos sejam pessoas do mundo, a fim de contribuírem como cidadãos responsáveis que compreendam a dimensão da sua participação na vida da sociedade em que está inserido e que desempenhem um papel construtivo em suas comunidades.

Em face do exposto, que as instituições de ensino brasileiro, tenham como premissa a formação de profissionais com conhecimentos e habilidades técnicas, bem como, com conhecimentos humanistas e quando ocuparem os cargos nas esferas de Poderes, que possam emitir decisões que realmente sejam de interesse da sociedade, como verdadeiros representantes da sociedade brasileira formada pelo índio, negro, branco e pelos imigrantes e não apenas por interesses pessoais e/ou de grupos.

Por fim, pelos relatos acima podemos constatar que a sociedade brasileira, de uma forma geral, acredita que a educação poderá contribuir de forma positiva na formação de uma nova mentalidade na nossa sociedade, com a contribuição do professor universitário por meio da inserção de valores morais e éticos na transmissão e mediação do conhecimento em sua disciplina e podemos, ainda, dizer que a educação exercer papel importante na formação de uma sociedade.



crônica

MISTÉRIOS!!!

Hélio Moreira | Cadeira nº 27

O famoso escritor francês, Alexandre Dumas (pai), no seu livro “Memórias de um médico – José Bálamo”, escrito entre 1846 e 1853, e publicado no Brasil pela primeira vez em 1935, descreve a cerimônia de uma possível aceitação de um candidato na Ordem maçônica.

O local escolhido pelo narrador é um antigo Castelo (da época das cruzadas), no Monte Trovão, localizado à margem esquerda do rio Reno, perto da cidade Imperial de Worms. Após descrever o ambiente, com a magia que caracterizou a escrita do nosso frate e provável companheiro da Arte Real e que, por oportuno, transcrevo um pequeno trecho:

“Quando a noite torna mais espessa a sombra dos carvalhos, e os últimos raios do sol vem, já a morrer, dourar as cumiadas dessa família de gigantes, dir-se-ia que o silêncio desce pouco a pouco desses sublimes degraus do céu até a planície, que um braço poderoso e invisível lhe tira dos ombros para o estender sobre o mundo, cansado dos trabalhos e do tumulto do dia, esse grande véu azul em que cintilam as estrelas da noite. Então tudo passa insensivelmente da vigília ao sono, tudo adormece na terra e no espaço.”

O narrador nos apresenta o possível candidato: – Parecia ser um homem de 30 a 32 anos de idade, estatura mediana, musculoso e ágil nos movimentos, vestia uma sobrecasaca de veludo preto com botões de ouro. Quanto ao rosto, tinha os traços dos tipos meridionais – mistura de força e fineza.

De repente, continua o narrador, no meio da mata, surgiu um Castelo, alguém passou a caminhar na sua retaguarda, segurando uma fonte de luz e disse-lhe: Não olhe para trás, não fales; mas se tens medo, disse uma terceira voz, torne a tomar o caminho da planície, isto significará que renuncias. Deixaremos que volte para o lugar de onde vieste.

O viajante fez um gesto com a mão e continuou seu caminho rumo ao Castelo, taparam-lhe os olhos com lenço molhado e ele, parecendo que sabia o que estava acontecendo, não fez nenhum gesto para retirar a venda, apenas estendeu a mão, como se fora um cego que procurava um guia; imediatamente outra mão, mais fria, pegou nos dedos do viajante e iniciaram a caminhada, rumo ao interior do Castelo; antes encontraram alguns degraus que foram galgados um por um, neste momento as portas de entrada do Castelo foram fechadas.

O que conduzia a cerimônia estava ladeado por seis outros homens (três de cada lado) perguntou ao viajante: – O que desejas?

– Ver a luz, respondeu o viajante

Os caminhos que tem que percorrer são ásperos e terríveis, não receias entrar neles?

– Não receio nada!

– Se deres mais um passo para frente, não será permitido retroceder. Pensa bem!

– Não hei de parar senão quando chegar ao fim

– Estás pronto a jurar?

– Dita-me o juramento e repeti-lo-ei.

Dois fantasmas aproximaram-se do desconhecido, que inclinou a cabeça; um deles colocou-lhe uma fita de seda vermelha com emblemas de prata, tendo ao centro uma imagem de Nossa Senhora de Loreto; o outro atou-lhe as duas pontas da fita sobre a nuca, depois afastaram-se.

– Que pedes? Perguntou-lhe o Presidente

– Três coisas, respondeu o neófito

– Quais são?

– A mão de ferro, a espada de fogo, as balanças de diamantes.

– Para que desejas a mão de ferro?

– Para esmagar a tirania

– Para que desejas a espada de fogo?

– Para expulsar da terra o que não for puro e de bons costumes

– Para que desejas as balanças de diamante?

– Para pesar os destinos da humanidade

– Estás preparado para as provas?

– O forte está preparado para tudo

– Provas, Provas! exclamam muitas vezes!



opinião

A MAÇONARIA E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA – I

Michael Winetzki | Colaborador

De modo diferente do que ocorreu na Independência do Brasil e na Lei Áurea, que foram processos conduzidos com importante participação da maçonaria, a Proclamação da República, embora tenha tido a participação de, maçons não foi um evento patrocinado pela Ordem, mas por uma reunião de forças vivas, políticas, econômicas e religiosas.

Havia também irmãos monarquistas, ricos e nobres, opondo-se as ideias republicanas, mas talvez a principal razão para deflagrar o movimento tenha sido a bela senhora Maria Adelaide de Andrade Neves Meireles, filha do Barão de Triunfo e por quem Deodoro da Fonseca havia se apaixonado, quando comandava a tropa no RS, embora fosse casado. A viúva Maria Adelaide preferiu ficar com o político gaúcho Gaspar Silveira Martins, e isso criou uma inimidade feroz e permanente entre ambos que seria cristalizada na Proclamação da República. Não foi a primeira, nem será a última vez que o amor por uma mulher decide o destino de uma nação.

Os ideais republicanos vicejavam na Europa há pelo menos um século e eram trazidos pelos brasileiros que estudavam em Portugal, na França e na Inglaterra. Com a finalidade de lutar pela independência a Loja Comércio e Artes se dividiu em três e em junho de 1822 criou Grande Oriente Brasílico, a primeira obediência maçônica.

Com o retorno de D. Pedro I a Portugal, a luta da maçonaria passou a ser a antecipação da maioria de D. Pedro II, para evitar o caos político da

nação que poderia resultar na formação de muitos estados independentes, como aconteceu em toda a América Latina, mas a partir da consolidação da monarquia se estabeleceram duas correntes políticas, conservadores e liberais, monarquistas e republicanos, e em ambas atuavam ilustres maçons.

Eclodiam movimentos separatistas por todo o país, fundamentados em ideias republicanas. O governo imperial combatia esses movimentos, muitos deles organizados por maçons e também combatidos por maçons. Assim foi com a Guerra dos Mascates em 1710, com a Inconfidência Mineira em 1788, com a Revolução Pernambucana de 1817, com a Confederação do Equador em 1824, com a Sabinada em 1837 e a Revolução Farroupilha de 1835 liderada pelos maçons Bento Gonçalves e Davi Canabarro. Em 1842 o maçom Caxias combateria o também maçom Padre Diogo Antônio Feijó, que liderava uma revolução em São Paulo apesar de ter sido regente de D. Pedro II. Três eventos foram determinantes para a queda do Império: a Guerra do Paraguai e a revolta dos militares, a Questão Religiosa e a Abolição da escravatura.

A REVOLTA DOS MILITARES

Em 1870 a Tríplice Aliança vencia a Guerra do Paraguai que matou cerca de 480.000 pessoas, sendo mais de 300.000 paraguaios. O exército vitorioso retornou com grande força política, mas foi calado pela aristocracia imperial. O imperador proibiu a manifestação pública das opiniões dos militares.

A punição do Ten. Cel. Sena Madureira, que era amigo do Imperador, por ter discutido com o Ministro da Guerra que era um civil, criou uma corrente de protestos nas Forças Armadas e levantou a Questão Militar, que acabou incluindo a reivindicação por melhores salários e equipamentos mais modernos e o ideário positivista que levava à reivindicação de um Estado laico e republicano e da escolha de um governante que conduzisse o país atendendo às reivindicações populares

Na Escola Militar o Professor Ten. Cel. Benjamin Constant, maçom e positivista, que era adorado pelos oficiais mais jovens, inculcava as ideias republicanas na oficialidade.

A QUESTÃO RELIGIOSA

Também na década de 1870, finda a Guerra do Paraguai, com o exército lutando por uma fatia de poder, outra grave crise afeta o Império. Foi o enfrentamento entre a Igreja Católica e a Maçonaria que acabou-se tornando uma questão política e uma queda de braços entre o Imperador e a Igreja.

Na época associações, civis ou religiosas, eram autorizadas e regidas pelo governo. Dois bispos ultraconservadores, Dom Vital de Oliveira de Olinda e Dom Macedo Costa do Pará, interditarão irmandades que funcionavam legalmente porque tinham membros maçons. Os dois Grandes Orientes na época se uniram contra a ação da Igreja e os seus Grão-Mestres, Visconde do Rio Branco e Saldanha Marinho protestaram publicamente e também no

Legislativo, onde maçons tinham forte presença. O Imperador se sentiu afrontado com a atitude dos religiosos, que desrespeitavam a Constituição e desafiavam a sua autoridade e mandou que levantassem os interditos. Ao se negarem a fazê-lo os bispos foram presos e condenados a trabalhos forçados.

Embora até aquele momento a Igreja conservadora fosse um dos esteios do Império, responsável por grande parte das instituições de educação e saúde, a crise tomou grandes proporções e a D. Pedro II teve comprometido o apoio que as autoridades religiosas lhe proporcionavam. D. Pedro II não era maçom e não tinha simpatia especial pela Ordem, mas no Governo havia maçons em altos cargos que devem tê-lo aconselhado nesta atitude. Ao confrontar a Igreja e perder o seu apoio o Império enfraqueceu ainda mais.

A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

Na mesma época uma outra questão estava sendo discutida nas Lojas Maçônicas e nas reuniões políticas, a fim da escravidão. Na maçonaria o ideal da Abolição caminhava ao lado da campanha republicana, conduzida por uma geração de jovens e brilhantes maçons e intelectuais como José do Patrocínio, Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva, Luiz Gama, Castro Alves e outros, sem títulos de nobreza, mas com grande prestígio popular.

A maçonaria defendia nas Lojas as leis antiescravistas como a lei do Ventre Livre de 1871, a dos Sexagenários de 1885 e finalmente a Lei Áurea de 1888, cujo texto foi redigido por José do Patrocínio e assinado pela Princesa Isabel. Diversas Lojas como a Vigilância e Fé, de São Borja – RS, Loja Independência e Regeneração III, ambas de Campinas – SP, aprovaram e difundiram um manifesto contrário ao Terceiro Reinado e a favor da abolição. Outras Lojas como a Perseverança III de Sorocaba realizavam coletas para adquirir cartas de alforria para escravos.

Continua na próxima edição...



tempo de estudo

O CARVÃO PODE TORNAR-SE DIAMANTE, MAS A LAPIDAÇÃO É O QUE DÁ O BRILHO

Em química aprendemos que existe uma propriedade das substâncias ditas simples chamada Alotropia. Essa substância está associada ao fato de duas substâncias simples (formadas pelo mesmo e único elemento químico) serem totalmente diferentes nas características físicas e químicas. A exemplo dessa propriedade temos o carbono, elemento do grupo dos ametais que existe naturalmente nas formas de carvão (chamado de grafite) e diamante.

Em relação as propriedades físicas temos que o grafite é um mineral escuro, mole, ótimo condutor de eletricidade e com alto ponto de fusão, por isso muito usado em componentes eletrônicos. Por outro lado o diamante é um mineral transparente, não condutor de eletricidade, sendo o mineral mais duro que existe. O curioso é que ambos são constituídos exclusivamente por átomos de carbono que diferem entre si na forma em que estão organizados e ligados.

O curioso dessa relação entre eles é que um se converte em outro, isto é, o carvão se converte em diamante, naturalmente e artificialmente pela ação de altas temperaturas, cerca de 800 °C e pressões equivalente a 50000 vezes a pressão atmosférica, sendo ainda que esse processo é muito lento, levando milhares de anos para ocorrer em camadas profundas da crosta terrestre. No entanto isso pode ser feito de forma artificial, submetendo o grafite a pressões e temperaturas maiores em um equipamento por cerca de uma semana, assim podemos forçar o fenômeno a ocorrer.

Claro que as características do diamante artificial não são tão especiais quanto a do natural que teve o tempo necessário para a conversão acontecer, ou seja, não terá a mesma beleza e perfeição daquele natural.

Fazendo uma analogia com nossa ordem é possível tirarmos muitos e sábios ensinamentos com essa transformação.

Ao iniciarmos na maçonaria somos a pedra bruta, o carvão escuro, sem forma e sem brilho, no entanto alguém viu em nós, em nosso interior, um brilho ainda modesto e ofuscado, mas com capacidade de surgir e encantar. Esse foi o nosso padrinho, aquele que enxergou o que nem nós sabíamos que poderia existir, e

assim surgiu o convite. E assim começamos nossa caminhada e vamos construindo nossa estrada na maçonaria.

No nosso processo de aprendizagem a mestre, e depois nos altos graus, e paralelamente a isso os cargos que vamos ocupando, temos nossa transformação interior, esse é o tempo necessário para forjar o diamante que estava oculto (V.I.T.R.I.O.L.), começar a mostrar seu verdadeiro brilho, sua verdadeira identidade de maçom, não aquela de papel ou plástico que carregamos nas carteiras, afinal nossa verdadeira identidade é aquela que mostramos aos outros na forma de tratar as pessoas, viver em loja, na sociedade e na família.

A verdadeira transformação leva tempo, na maçonaria o carvão se transformará em diamante com o tempo e as condições certas. Assim como na natureza deveremos passar pelas altas temperaturas simbolizadas pelas paixões ardentes que não devemos deixar nos consumir, não as paixões da carne, mas as paixões do espírito, nossas convicções que acreditamos ser a verdade absoluta e que por vezes temos que abandonar para poder seguir em paz e felizes, paixões essas que nos faziam arder nas altas temperaturas do egoísmo, da autoconfiança e certeza de que éramos os únicos certos frente a toda uma assembleia de errados. Essas ardentes convicções do espírito e da alma queimam nosso orgulho, e quando as deixamos sobram as cinzas, os restos que finalmente entendemos ser necessário deixar para trás para seguir a frente.

E combinado com as altas temperaturas temos as altas pressões, essas sim completarão a transformação do homem maçom. As pressões são todas as dificuldades que passaremos, todas as questões que nos farão por vezes sofrer, aquelas que em determinados momentos serão o maior peso que sentiremos sobre nós, como se o mundo todo estivesse a nos pressionar. Conflitos familiares, problemas do nosso trabalho e dificuldades que enfrentaremos nas nossas lojas. Sim, teremos problemas e dificuldades nas nossas lojas, pois não devemos nos esquecer que lá estão nossos

irmãos aos quais teremos que confrontar por vezes, encontraremos neles as personalidades que nos desafiarão, que farão, em alguns casos, termos a vontade de lá não voltar e que até criará a nefasta vontade de sair da ordem. Essas pressões servirão para dar o acabamento do carvão em diamante, nos fazendo resistentes aos golpes dos malhos da vida e, por fim, completar a transformação.

No entanto todo diamante bruto não tem brilho, não tem a beleza completa até que seja lapidado, e o curioso é que quem pode fazer isso é somente outro diamante, pois terá a mesma dureza capaz de cortar e lapidar, ou seja, somente seremos realmente transformados pela lapidação de um mestre que também passou pelas lutas, pressões e temperaturas. O brilho final é sabedoria daqueles que verdadeiramente aprenderam na vida e com ela, daqueles que após a experiência sabem como as dores são capazes de criar o corte preciso que produzirá o reflexo da luz que poderá brilhar para outro mostrando o caminho. E assim, teremos concluído nossa transformação e agora poderemos projetar a luz a guiar aos novos que chegarão.

Portanto devemos buscar a sabedoria do alto e dos mais sábios, espelhar-nos nos verdadeiros mestres, que muitas vezes não terão os aventais mais brilhantes e ornados, para ter o discernimento que nem tudo que parece ruim o e de fato, que são essas temperaturas altas e essas pressões que conseguirão fazer em cada um de nós a verdadeira transformação de carvão em diamante, de profano em maçom. Não podemos desprezar as dificuldades e as lições, afinal sem elas o aprendizado não acontece. Maktub! Se não acontecer, não se completará.

Maktub é uma palavra de origem árabe que significa "estava escrito" ou "tinha que acontecer".



opinião

IMPrensa MAÇÔNICA – IV

Absai Gomes Brito | Cadeira nº 18

Dando sequência ao trabalho sobre Imprensa Maçônica, vamos comentar sobre uma Revista de circulação já cinquentenária, a saber: Revista Maçônica A TROLHA, com as seguintes características:

Ano 1 nº 1 – Abril de 1971.

Redator: Assis Carvalho.

Nome de Boletim Informativo da Loja "Fraternidade Jandaiense", de Jandaia do Sul – Paraná, com 4 páginas e Patrocínio do Centro de Estudos Maçônicos.

A TROLHA, como Boletim Informativo Maçônico "Alécio José Gomes", funcionou até os nºs 8, 9 e 10, ano 9, mês de Dezembro de 1979, com 32 páginas. O nº 11 – Junho de 1980, com o mesmo nome, porém já Revista Maçônica, circulou normalmente.

Na sequência, saiu o nº 12, ano 4, Dezembro de 1980, com 46 pgs e índice variado de matéria.

O nº 13 – Setembro de 1981, considerado Edição Nacional, surgiu com capa

colorida e editorial assinado por Assis Carvalho, analisando os 10 anos de circulação e artigo do então Presidente da Academia Brasileira Maçônica de Letras, Morivalde Calvet Fagundes, com 3 laudas e título de O Dever de Propor, além de trinta e cinco materiais de assuntos diversos, como o do Pe. Valério Alberton, S. J. e título "Ferrer Benimeli e a Ordem Maçônica", dizendo no primeiro parágrafo: "O Pe. José Antônio Ferrer Benimeli, da Providência de Aragão, Espanha, é um especialista em assuntos maçónologos, já muito conhecido...", seguindo-se outras matérias interessantes, como: MASSONERI A CHIESA CATTOLICA IERI, OGGI EDOMANI, escrita por José A. Ferrer Benimeli, Giovanni Caprile – Roma – Edizioni PAOLINE, 1979, 8º, 256 páginas."

Com a edição nº 54, de Abril de 1991, a Revista chegou aos vinte anos de circulação, e o editor, no início de sua fala, disse: "meu Irmão, peço-lhe permissão

para um "bate-papo" mais prolongado. Estou eufórico, pois chegamos aos vinte anos, e isso, na Imprensa Maçônica é uma grande vitória. Para alguém fora do ramo, isso não representa muito, todavia, para mim que palmilhei essa estrada dia a dia, semana a semana, mês a mês, ano a ano, foi uma longa jornada. Por isso, hoje, aqui neste meu recanto, neste pedaço de página, vou fechar os olhos e voltar para abril de 1971...".

Na edição comemorativa de 20 anos, vários trabalhos foram publicados, destacando-se: "Usos e Costumes" – irmão José Isola; "Pedra Bruta" – irmão Murillo McMurray Lopes; "Verdade ou Mentira" – irmão Walson Antonio Gardelin; "Pitágoras" – irmão Humberto Fernandes, e outros mais.

Com a edição nº 174, de Abril de 2001, a Revista Mensal circulação Internacional, chegou aos 30 anos, com o editorial: "Como diz a canção: "Eu hoje acordei sorrindo", vendo o mundo de outro jeito, tudo ao redor estava lindo, inundando de alegria meu velho peito. Pois minha filha querida, tesouro e sonho da minha vida, marcava em seu calendário mais uma data festiva – seu trigésimo aniversário".

Matérias de grande relevância foram publicadas, entre as quais: "Rituais

de Aprendiz do Rito Escocês Antigo e Aceito – do irmão Joaquim da Silva Pires; "El Judaísmo de Pessoa" – irmão Antonio José Escudeiro Rios e Joaquim Ledo; "A 47ª Proposição de Euclides" – irmãos Nilton Rudolfo Silva Jr. e Rui Jung Neto e vários outros.

Com a Pandemia e alguns transtornos como Caixa Postal fechada e outras, a última Edição que nos chegou às mãos, é a de nº 426, de Abril de 2022, correspondente aos 51 anos da Revista A TROLHA, já com nova Direção, com excelentes trabalhos publicados, em destaque: "Maçonaria e Iluminismo" – irmão Castellani; "Graus Superiores do Rito Escocês Antigo e Aceito" – irmão Marcos A.D. Noronha; "Louvando a Paz", irmão Antônio do Carmo Ferreira; "Virtude" – irmão Luiz Roberto Vasconcellos; "Significância da morte na Maçonaria Simbólica" – irmão Lúcio Antônio Neves Furtado; "Templários e Maçons, uma Conexão Escocesa?" – irmão Eugenio Tschelakon; "A Catedral de Chartres" – irmão Joaquim Roberto Pinto Cortez.

Fizemos apenas uma rápida abordagem sobre a Imprensa Maçônica, pois muitas outras publicações estão circulando pelo Brasil afora.

Voltaremos ao assunto em futuras edições.

...Continua na próxima edição.





crônica

LOJA MAÇÔNICA ASILO DA RAZÃO

Waltercílio Gonçalves | Colaborador

Em 21 de agosto de 1835, há 186 anos passados (2021), portanto, era lançada às margens do lendarário Rio Vermelho, em Vila Boa de Goiás, a primeira semente do ideal maçônico em nosso Estado. Oriunda da Loja Maçônica “Razão”, do Oriente de Cuibá MT., foi fundada pelos maçons: Sêneca, Bion e Fenelon. Tais pseudônimos escondiam a verdadeira identidade daquela idealistas, para escaparem à implacável perseguição moda contra a Maçonaria naquela época.

Iniciava-se então, uma luta sem tréguas contra os escravagistas que teimavam em manter cativos a seu serviço, maculando os princípios de liberdade, ferindo a dignidade mínima da condição humana; reduzindo-a ao estado de barbárie, e dos irracionais.

Asilo da Razão proibia terminantemente que qualquer membro de seu quadro tivesse escravos sob seu jugo, estabelecendo a indispensável coerência entre o que se prega e o que se pratica. Numa atitude corajosa, quanto altruísta, passa a arrecadar numerário entre

seus membros com a finalidade de amealhar fundos para a compra de “cartas de alforria”, propiciando a liberdade de muitos escravos.

Quando Maçons da cidade de Goiás receberam cerca de vinte dias depois, a notícia da assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, alegravam-se com a constatação de que para a antiga Vila Boa, aquela lei tornara-se sem efeito. A maçonaria havia libertado todos os seus escravos. Conta-se que os últimos receberam sua liberdade à beira do túmulo de um valente Maçom que muito lutou em prol do ideal abolicionista, tendo sido colocados junto a seu esquife, os derradeiros grilhões que mantinham cativos na capital deste Estado, nossos irmãos de cor negra.

Finalizamos repetindo uma estrofe do HYMNABOLICIONISTA, de autoria de F. Bulhões, com música de J. M. Tocantis. Este hino foi cantado na festa que marcou a instalação do Centro Libertador da Maçonaria Vilaboense, no antigo Teatro São Joaquim, em 01 de janeiro de 1885. Sua terceira estrofe diz:

Historia da Loja Maçônica Asilo da Razão no ideal abolicionista da Cidade de Goiás



(Retirado do Portal Virtual Maçonaria Ensina)



tempo de estudo

OS ASTROS E OS CARGOS ADMINISTRATIVOS EM LOJA – I

João Paulo Abinagem | Colaborador

Todos sabem que nenhuma alegoria em Loja é em vão, são todas carregadas de significado. E não é diferente com os astros da abóbada celeste, isto é, as imagens insculpidas sob o teto da Loja. Conforme CARLOS SOUSA ensina, os cargos seguem a seguinte disposição:

– Venerável Mestre – assimilado ao planeta Júpiter, no panteão dos deuses babilônicos simbolizava a sabedoria. Rege a visão, a prosperidade, a misericórdia, a liturgia, o sacerdócio, o mestre e a felicidade. Felicidade neste caso vista como plenitude.

– Orador – está relacionado com Mercúrio, o planeta que rege a expressão da Verdade, pois é o “enviado de Deus”. Mercúrio tem asas nos pés e é o porta-voz, aquele que dá as boas vindas e domina os escritos. Por outro lado, segundo CASTELLANI, o Orador associa-se mesmo ao Sol, pois dele emana a Luz, como guarda da lei maçônica e responsável pelas peças de arquitetura, ou seja, discursos.

– 1º Vigilante – é associado ao planeta Marte, que era o senhor da guerra, simbolizando a força. Marte rege o início, a coragem, o pioneirismo e o impulso. Alguns estudiosos maçônicos afirmam que Marte deveria encontrar-se no átrio da loja, ou, em sua falta, na Sala dos Passos Perdidos, haja vista no interior da Loja só haver espaço para a paz, nunca para a guerra.

– 2º Vigilante – é assimilado ao planeta Vênus, feminilizado na mitologia babilônica e, sendo a deusa mágica da fertilidade e do amor, simboliza a beleza. Vênus rege a harmonia, o prazer, a alegria, e a beleza como reflexo da manifestação do GADU.

– Secretário – relaciona-se com o planeta Saturno. É ele o responsável por

gravar para a eternidade os fatos de forma fria e exata. Ele é o controlador rígido da ordem dos processos e cioso pela documentação dentro das normas. Já segundo CASTELLANI, o Secretário assimila-se na verdade com a Lua, pois reflete as conclusões legais do Orador, que se assimila ao sol na definição do autor.

– Tesoureiro – associado a Cronos (Saturno, para os romanos), pai de Zeus e filho de Úrano, um dos deuses primordiais, que, com Gaia (a Terra) estava no início de todas as coisas, simboliza a riqueza. Recebe a simbologia da Lua em sua atividade. A atividade de receber os metais e de organizar o movimento financeiro da Loja é considerada por lidar com a frieza dos números. A Lua rege a família, a cidade, o lar e o corpo; portanto rege o Templo.

– Mestre de Cerimônias – assimilado ao planeta Mercúrio, o deus veloz e astuto. Está relacionado ao planeta Sol. O Sol caminha diariamente pelo Céu, levando e trazendo a existência, a verdade e a justiça. É ele que anima a vida e que circula no oriente e no ocidente.

Quanto às estrelas da abóbada celeste, interessante notar que a Constelação do Cruzeiro do Sul está incluída na abóbada dos templos do Rito Brasileiro, certamente para simbolizar a origem do Rito no nosso hemisfério sul, aqui no Brasil.

Contudo, no hemisfério norte a constelação visível a olho nu é diferente, razão pela qual nele se inclui a Ursa Maior ao invés da Cruzeiro do Sul.

Adotado pelo Grande Oriente do Brasil, o Rito Brasileiro segue uma disposição estelar baseada na simplicidade. Eis a instrução do seu ritual:

O teto de uma Loja do Rito Brasileiro é azul e demonstra a universalidade da

Maçonaria. É côncavo e nele podem ser vistas grandes constelações e estrelas isoladas de ambos os hemisférios celestes. A decoração é livre. Apenas deve ter o Sol no centro do Oriente, em um céu claro, bem iluminado; a Lua bem no Ocidente, em um céu onde já predomina a noite; e, no centro do Templo, mais para o Sul, o próprio Cruzeiro do Sul. O Ocidente é também pintado de azul-celeste, com dois frisos superiores brancos.

Sobre a Cruzeiro do Sul não há do ponto de vista mitológico nenhuma história. No entanto, historicamente foi muito importante para a humanidade no Século XVI, no período das grandes navegações. Navegantes como Américo Vespúcio, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Fernão de Magalhães, iniciados na Escola de Sagres, quando ultrapassavam a linha do equador buscavam a “cruz” no céu para seguirem a direção sul.

Fernão de Magalhães foi o primeiro navegador a realizar a circunavegação da Terra, guiado exatamente pelo Cruzeiro do Sul. João Esmenelau, ou Mestre João, o astrônomo da expedição de Pedro Álvares Cabral em 1500, foi a primeira pessoa que fez a descrição da representação da cruz no céu.

A Escola de Sagres fundada pelo infante Dom Henrique não era simplesmente uma escola de navegação, mas também uma escola de misticismo. Com a dissolução da Ordem do Templo, esta se dividiu em outras, como a Ordem de Avis, a Ordem de Calatrava, a Ordem de Cristo e a Ordem de Malta, cuja símbolo da cruz atribuído a Vasco da Gama figurava nas caravelas de Cabral e outros navegantes. O descobrimento do Novo Mundo foi resultado das viagens desses navegantes em direção ao ocidente, respaldados pelas ações dessas ordens ligadas à Maçonaria. Se o Polo Norte tem a Polaris como sua estrela guia, que faz parte da Constelação da Ursa Menor, o Polo Sul na falta de uma estrela guia, tem na sua constelação guia a Cruz Australia ou Constelação do Cruzeiro do Sul como é mais popularmente conhecida.

No tocante aos aborígenes, os índios tupis-guaranis se utilizavam do

Cruzeiro do Sul para determinar os pontos cardeais.

A Constelação do Cruzeiro do Sul é formada por 56 estrelas, das quais 5 são vistas a olho nu. Uma delas, chamada Intrometida, está fora dos eixos das outras que se chamam Estrela de Magalhães, Mimosa, Rubídea e Pálida, ocupando uma posição acima delas que formam a cruz, configurando desse modo um formato de pirâmide ou pentagrama. O pentagrama ou estrela de cinco pontas simboliza o Homem na tradição iniciática.

A relação do Cruzeiro do Sul com o Brasil é profunda, provinda desde o descobrimento quando em razão do misticismo derivado do conhecimento que as Ordens Secretas tinham sobre o Cruzeiro do Sul e o Brasil, a terra recebeu o nome de Ilha de Vera Cruz, mudado posteriormente para Terra de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz.

O Cruzeiro do Sul se faz presente na bandeira do Brasil, como no pavilhão de mais 4 países: Austrália, Nova Zelândia, Papua-Nova Guiné e Samoa. A bandeira brasileira mostra as estrelas vistas na manhã do dia 15 de novembro de 1889, dia em que o Império foi substituído pela República.

Como visto, apesar do esforço da legalidade dos ritos, há divergências doutrinárias profundas na correspondência entre os astros e os cargos ocupados, porém, em suma o mais importante é notar que assim como o universo trabalha de forma justa e perfeita segundo a utilidade de cada astro que o compõe, também é a Loja com os irmãos que ocupam cada cargo que a compõe. Cada cargo requer um estilo, uma personalidade e atitude específicos, assim como cada planeta é extremamente diferente entre si. Assim é o mundo, assim é também o universo. E com a Loja não poderia ser diferente.

Vários diferentes fazem o todo funcionar, se o trabalho for justo e perfeito, sem ocasionar reparos. É claro que isso beira à utopia, pois erros sempre existirão, todavia, o exemplo a seguir nunca deve ser o errado, mas sim o perfeito. A inatingível perfeição é o Cruzeiro do Sul a nos guiar.



tempo de estudo

TOLERÂNCIA – II

Célio César de Moura Gomes | Colaborador

Assim a história da humanidade vai se desenrolando, enquanto aqui no Brasil, além da Pandemia, estamos vivenciando e tolerando, desde os anos de 1980, crise sócio-política e econômica decorrente de desvios na conduta ética nos três poderes da república – executivo, legislativo e judiciário –. Isto está caracterizado como um processo corruptivo, com desvios principalmente de valores do erário público, para satisfação de desejos especialmente pessoais. Este processo está sendo considerado o mais grave entre as nações democráticas no mundo, segundo a mídia nacional e internacional, até então: envolvendo Presidentes da República, Ministros do STF, Senadores e Deputados vários do Legislativo além de servidores públicos, empresas estatais, como a Petrobras, e a sociedade civil, através inclusive de grandes empresas privadas nacionais, como amplamente divulgado pela mídia oficial e nas redes sociais digitais, com destaque especial da operação conhecida como Lava-Jato.

Dentro deste contexto, a sociedade brasileira mostra, a todo instante, seu interesse em resolver este imbróglio através dos caminhos da Justiça, lenta e falha também, tendo-a como o melhor guia protetor da sociedade, para

minimizar as perdas consequentes. Decorrem deste ambiente de desconforto, altamente estressante, insegurança, desesperança, desemprego e várias incertezas sobre o futuro, inclusive de natureza política pela acirrada disputa entre, principalmente, extremos conhecidos como de esquerda e direita (a pergunta é: ao sair desta crise nacional e global, seremos um país comunista ou democrático. Creio, só Deus sabe!).

Dentro desta realidade que vive o país, há alguns anos, fomos atingidos também pela Pandemia identificada como Covid-19 pela OMS, a partir de 2020. Agrava a situação desconfortável que já vivenciávamos, especialmente por intervenções políticas querendo tirar proveito para si em detrimento da oposição. A ponto de se intervir na condução das ações na área da Saúde, com correntes criando barreiras contra a aplicação do tratamento imediato ou precoce, desconsiderando, principalmente, várias práticas da medicina baseada em evidências¹².

Como podemos perceber sem grandes dificuldades, a situação no Brasil e no mundo é muito estressante, e isto trará ônus elevado para toda a população não só aqui mas para a humanidade em seu todo.

Considerando que: “embora a Maçonaria não seja uma religião e proclame a liberdade absoluta de consciência, crê no Ente Supremo, o G.: A.: D.: U.:, que é Deus, e os Maçons não se empenham em empresa importante sem primeiro O invocarem”. E levando em conta que a abertura da porta de saída desta crise não é tarefa para uma única mente humana, é hora da Maçonaria, que forma universalmente esta cadeia de união de irmãos, comprometida com seus fins supremos de LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE se colocar à disposição da nossa sociedade e da humanidade para o reencontro das melhores condições deste novo bem-estar para o Brasil e a humanidade, promovendo virtudes e “cavando masmorras aos vícios”. É hora pois de se unir em busca deste novo bem-estar, ajustando-o a cada realidade social considerando suas culturas de formação e que até então trouxeram, cada uma destas comunidades a existência a mais digna possível, aos dias de hoje.

Agora um pequeno e grande detalhe: hoje 16 de novembro é o Dia Internacional para a TOLERÂNCIA instituído pela ONU, como segue: “A intolerância manifesta-se em diversas áreas. Com o intuito de combater a falta de respeito e estimular a não violência, a Organização das Nações Unidas, ONU, instituiu o Dia Internacional da Tolerância em 16 de novembro de 1995, em referência à Declaração de Paris, Resolução nº 51. Dados da intolerância

e do ódio são alarmantes.” E ontem dia 15 completou-se 132 anos da proclamação da República, em 1889.

O Brasil desde o processo da abertura política na década de 1980, mencionado, vem enfrentando crise sócio-política e econômica decorrente de desvios na conduta ética nos três poderes da república – executivo, legislativo e judiciário – tendo optado a enfrentar este imbróglio via Justiça, como falado. Esta opção antecede a instituição do Dia Internacional da Tolerância, citada acima, e se serviu de exemplo para tal fim, não sei, mas até então estes tipos de conflitos mundialmente costumavam ser resolvidos através de embates armados. A tolerância é um convite para a solução deles na tábua redonda (um símbolo de igualdade).

Nos tempos atuais de globalização de várias atividades, pouco a pouco vem circulando mensagens que há recursos, praticamente, suficientes para atender a todas as necessidades humanas e não humanas. Em linguagem popular traduz-se de uma forma simples: “há cama, comida e roupa lavada para todos. Difícil, às vezes, é fazer estes recursos chegarem onde há carências”. Na prática leva ao entendimento de que não há mais espaço para solução destes conflitos através de confrontos armados, seja através de guerras, guerrilhas e ou através de quaisquer práticas violentas como terrorismos, etc. e nem de práticas institucionais de ordem política que promovam escravização de forma dissimulada. ■



artigo

A SOMBRA DAS IMPRESSÕES – I

Gleisson Ferreira | Colaborador

O Brasil foi visto por muito tempo, externa e internamente, através da ótica de viajantes europeus que percorreram diversas regiões do país e registraram suas experiências e impressões. Entre essas regiões está o atual Estado de Goiás e as Lavrinhas de São Sebastião.

Assim a região de Lavrinhas foi também descrita por viajantes europeus que registraram aspectos geográficos, ambientais e sociais, ainda que brevemente. Mas a região foi também objeto da atenção de brasileiros, alguns dos quais ainda pouco conhecidos nos círculos acadêmicos. Entre esses está o paulista Carlos Pereira de Magalhães, em cuja obra “Cartas de Goiás”, registra visões de mundo e alteridades que denotam fronteiras culturais, especificamente em relação às sociedades de Lavrinhas de São Sebastião. Magalhães tem uma visão de mundo singular sobre o sertanejo goiano que, escapa ligeiramente e, até contrasta com a ideia de decadência que vigorava a respeito de lugar e sociedade.

Nesse trabalho, portanto, os conceitos de fronteira e alteridade são discutidos em análise às visões e

impressões que Magalhães denota em seus escritos sobre Goiás, especificamente em relação à história e memórias que registra em Lavrinhas de São Sebastião.

Na região em questão desenvolveram-se comunidades negras que se reconhecem como remanescentes de quilombos. A região em questão situa-se no município de São Luiz do Norte e dista cerca de 250 km da capital, Goiânia. Embora nesse trabalho não é nosso objetivo discutir tais comunidades na atualidade, mas situá-las historicamente, na análise de uma documentação que pode atestar tais reivindicações.

Encarregado de fazer a regularização das terras de Lavrinhas, o advogado paulista Carlos Pereira de Magalhães esteve na região e registrou os relatos que ouviu dos moradores. Entre 1918 e 1925, além das impressões que registrou sobre Goiás e teceu considerações sobre os relatos memorialísticos da região. Os relatos que coletou constituem memórias que dão conta da existência de antigos quilombos dentro das terras da antiga sesmária de Lavrinhas e/ou em suas proximidades. Toma depoimentos que

relatam fugas de escravos e aquilombamento, em um testemunho distante no tempo, que pode atestar reivindicações identitárias atuais na região.

Os depoimentos que tomou foram registrados em cartas cujas cópias cuidou em salvaguardar e que ora nos servem de fontes para o desenvolvimento deste trabalho. Através do conteúdo dessas cartas é que analisamos as visões de mundo em conflito, isto é; as do autor e as dos grupos que observa, seja o sertanejo goiano, de modo geral, e o lavrinhense, de forma particular. Dessa forma visamos analisar as visões de mundo de Carlos Pereira de Magalhães e dos sertanejos goianos da região de Lavrinhas de São Sebastião, confrontando-as para estabelecer um entendimento capaz de compreender os limites e especificidades que envolvem a “visão de si” e a “visão do outro”.

Assim buscamos compreender também os limites que envolvem a visão de mundo (forjada por valores e símbolos) do homem letrado (de estirpe europeia e religião protestante; provavelmente influenciado pelo positivismo) e do homem sertanejo (analfabeto, moldado pela natureza

História, memória, fronteira e alteridade nas cartas de Goiás de Carlos Pereira de Magalhães.

agreste do Cerrado) cujas lições de vida retira da observação da natureza.

As visões de mundo em questão são forjadas a partir do contato com o outro, ou pelo menos, a partir dele se evidenciam. Momento em que são externadas, pelo que lançamos mão também do conceito de alteridade.

Tanto pelo relato de Carlos Pereira de Magalhães quanto pelos relatos (que coletou) dos próprios habitantes da região, Lavrinhas foi palco de conflitos diversos ao longo do tempo, por constituir um espaço de fronteira. Assim, acaba por remeter-nos, nesse trabalho, a uma delimitação cultural baseada em visões de mundo que, por sua vez, remetem à questão das identidades e alteridades.

Em um período em que ações afirmativas ganham campo, e direitos são auferidos por comunidades remanescentes de escravos/quilombos, por parte de organismos governamentais, acreditamos ser de grande relevância o desenvolvimento de trabalhos como este, por ampliar o debate sobre temas desse jaez.

Continua na próxima edição...



artigo

A CONSCIÊNCIA CÓSMICA E OS MAÇONS

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

Ao rebuscar a mente procura-se qualificar a subjetividade, a auto-consciência, a leniência, a sapiência e a capacidade de perceber a relação em cada um dos seres humanos e o ambiente, assuntos que foram desenvolvidos por psicólogos neurologistas e ou cientistas, conforme registros citados em compêndios e dicionários.

Ao pesquisar em compêndios o conceito ou mesmo a definição dialética do termo consciência é possível verificar que se trata da forma que revela a noção de estímulo que norteia um indivíduo e que confirma seu existir, agora um enunciado bastante relatado nos ramos da medicina.

No universo místico, a temática sobre a consciência tem sido objeto de pesquisas com vistas entender de uma maneira mais profunda como interpretar o conhecimento sobre a espiritualidade em todos os matizes, o que pode se levar ao entendimento com foco disciplinado no aperfeiçoamento moral e na ascese do saber.

Com destaque nas religiões e de forma especial no cristianismo, via estudos pode-se observar que a noção do termo “consciência” está descrito como sendo

no “Espírito que acontece a comunhão com Deus”, o que em outras palavras quer dizer que consciência humana é parte da Alma, pois a partir dele pode ser definido o que é certo e o que é errado.

“O estudo dos problemas fundamentais relacionados ao conhecimento, à lógica, à existência, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e outros”, traduz-se como conceito de filosofia, e por meio desta pode se afirmar que a consciência permite ao ser humano pensar e interpretar o mundo ao seu redor e nele vislumbrar a ligação do sentimento de existir e de morrer, e assim conhecer ou pelo menos entender a lógica sobre a verdade absoluta.

Para entender o significado sobre a consciência cósmica, e quanto à necessidade de explicá-la, vários estudos foram desenvolvidos por grandes estudiosos e escritores sobre misticismo, os quais procuraram de forma eficiente discorrer sobre o assunto. Entre estes estudos, cita-se a importante obra de Richard Maurice Bucke, M.D. Antigo Médico Superintendente do Asylum for the Insane, London, Canadá, “A Consciência

Cósmica”, escrita em 1901, com a primeira edição realizada, em língua portuguesa, pela AMORC, em novembro de 1996.

Em sua obra, “A Consciência Cósmica”, Bucke (1996), responde a pergunta sobre o que significa o termo consciência cósmica, que em linguagem simples traduz-se como sendo a “consciência mais elevada do que a do ser humano comum e a autoconsciência, é a faculdade sobre a qual repousa toda a vida humana, seja a subjetiva ou a objetiva”. Assim, ao se afirmar que a consciência cósmica está acima da autoconsciência, entende-se que ela pode estar acima de qualquer consciência, ela está no cosmo, num plano superior de vivência e de elevada unidade com um Ente Universal.

A Maçonaria, com seus ritos, parte da ideia de que segundo a filosofia da ordem maçônica o homem antes de abordar as grandes leis cósmicas, deve buscar primeiro ter conhecimento de si mesmo, de sua natureza profunda e intrínseca de sua consciência ao descobrir na origem de seu pensamento que não deve deixar se enganar pela ilusão, mas marchar em

direção ao absoluto na busca da verdade, princípio último e a perfeição final.

Na filosofia maçônica o homem maçom é aquele que pretende alguma realidade, que busca alcançar a virtude, a sabedoria e para isto ele também procura o modelo gerador mediante um movimento espiritual, uma consciência maior. Na lenda de Salomão, quando este construiu o templo ao Deus Único, o fez como simulacro do cosmo e, neste sentido, a construção do próprio universo cabe ao maçom, na qualidade de pedreiro operativo e especulativo, o que se assemelha à construção do próprio indivíduo.

Os maçons operativos construíram igrejas em louvor ao Grande Arquitecto do Universo e os maçons especulativos constroem templos sagrados do caráter humano, sob cujos auspícios se reúnem em Lojas para “cavar masmorras ao vício e erguer templos à virtude”, parábola que se traduz no fato de que a verdadeira sabedoria é a prática das virtudes que fazem do homem um operário de Deus, construindo o universo através de suas ações, quando se tem uma ampliação de consciência, até chegar à consciência cósmica.

E desta forma, a exemplo da Lenda de Salomão, na maçonaria enquanto filosofia impõe à mente dos maçons que não basta ter sabedoria para construir obras, mas que estas possuam espírito, uma vez que nele repousa a justificativa da grandeza de se construir, o que o leva “comunhão com Deus”, à “Consciência Cósmica”.



tempo de estudo

PAVIMENTO MOSAICO E ORLA DENTEADA – III

Herbert de Melo | Colaborador



Piso mosaico e a corda de 81 nós em um templo maçônico¹³.

Entretanto a acusação de especulação poderá ter sua intensidade um ‘pouco’ dirimida, não se isentando, é claro, a necessidade de argúcia dialética. Pois há relatos lendários de que o povo hebreu que Moisés liderava para a Terra Prometida (Canaã), a “terra que mana [emana] leite e mel” (Êx 3, 8; Dt 26, 9), te-ria em seu Tabernáculo um revestimento de pedras coloridas, obra realizada pelo próprio Moisés.

O Pavimento Quadrículado recebeu o nome de Pavimento Mosaico, em virtude da lenda existente, onde Moisés durante o êxodo, em determinada ocasião, teria assentado no chão do Tabernáculo (que era o templo portátil dos hebreus durante a sua peregrinação pelo deserto em direção à Palestina), pequenas pedras coloridas.

Contudo mais uma vez pode-se rechaçar tal hipótese! A narrativa bíblica diz apenas sobre ‘tábuas do Tabernáculo’, revestindo todo o espaço, con-forme o texto bíblico “tábuas para a banda do meio-dia, ao sul”, “para banda do norte”, “para o ocidente” (Êx 26, 15-30).

Muito menos teria o ‘Lugar Santíssimo’, ou como queira alguns teólogos e estudiosos do tema, ‘Santo dos Santos’, um revestimento em mosaico. No Templo de Jerusalém havia também tal espaço, mas coberto,

tanto o Tabernáculo com o Templo, como já acima descrito, em sua grande parte de madeira de cedro.

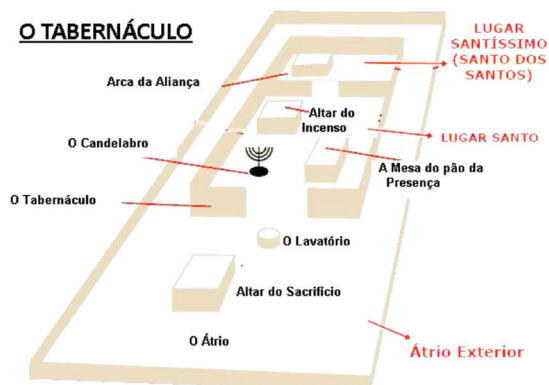


Imagem representativa dos espaços e utensílios do Tabernáculo

No entanto pode-se perceber que a confusão ideológica pode ter um toque histórico. A Bíblia de Genebra editada a pedido do rei inglês Henrique VIII, trás uma novidade à época, ilustrações! Uma das ilustrações era o ‘Templo de Jerusalém’, mas como a tecnologia disponível não permitia uma policromia o piso do Templo foi desenhado representando quadrados intercalados alvinegros.

[...] até o final da Idade Média não se tinha conhecimento das cores dos antigos Pavimentos Mosaicos, e somente a partir do século XVI, o Rei Henrique VIII autorizou a confecção de um Bíblia em inglês, surgindo então a chamada “Bíblia de Genebra”, por ter sido feita naquela cidade. Essa versão traduzida trazia como novidade diversas ilustrações. Entre elas, a do Templo de Salomão, que era ilustrado com um Pavimento Mosaico de quadrados intercalados em preto e branco. É evidente que não havia outra forma de ilustrar um pavimento colorido, pois a impressão na época era

apenas em preto e branco. Porém, com pouco tempo a visão do Pavimento Mosaico do Templo de Salomão em preto e branco firmou-se como realidade. Dessa forma, quando do surgimento dos templos maçônicos, inspirados no Templo de Salomão, o Pavimento Mosaico em preto e branco foi adotado.

Desta forma a consolidação do pavimento mosaico nos templos maçônicos, baseado em ilustrações medievais, se consolidou. Um hodierno costume maçônico representado em Lojas de todo o mundo, sendo um dos ornamentos do templo maçônico de elevada conotação filosófica. Embora não tendo uma relação história-real com o Templo de Jerusalém, nem por isso perde seu significado para a Maçonaria, pois representa um símbolo de implicação filosófico-moral pertinente à cultura maçônica.

Irrelevante é a contumácia de diversos doutrinadores maçônicos em associar o vocábulo ‘mosaico’ à ‘Moisés’. Ou até mesmo realizar digressões linguísticas evidenciando a distinção entre ‘adjetivo’ e ‘substantivo’ do termo ‘mosaico’ quando associado a ‘pavimento’. Para aqueles que assim fazem apologia a está causa, ao considerar como substantivo referir-se-á ao pavimento de pedras apresentando uma aparência ou forma de desenho; já se considerado como adjetivo será indicativo do autor bíblico escritor do Pentateuco.

Castellani falou também da etimologia da palavra, dizendo o seguinte: “o vocábulo mosaico quando usado como substantivo significa pavimento feito de pequenas pedras, ou de outras peças, que, pela disposição de suas cores, dão aparência de desenho; por outro lado, quando usado como adjetivo, ele é alusivo a Moisés e, por extensão ao Judaísmo e ao Hebraísmo.

Todavia não se reconhece esta posição doutrinária e linguística como essencial. A verdade é que o termo ‘pavimento’ é substantivo, e quando associado ao termo ‘mosaico’, este se apresenta como adjetivo daquele. Pavimento é o mesmo que piso, chão, soalho, revestimento sobre o qual se pisa, e, mosaico associado a pavimento representa a arquitetura, forma ou desenho que se utiliza de fragmentos (pequenas peças multicoloridas) de ladrilhos justapostos em um ligante. Pode-se, ainda, completar que ‘mosaico’ é o fruto da criatividade e imaginação humana, buscando uma estética visual agradável, podendo ser representativo da cultura, história e sociedade de um povo.

Continua na próxima edição...



artigo

JURAMENTO: COMPROMISSO MORAL OU EPÍTETO FIGURATIVO

José Eduardo de Miranda | Colaborador

Discurso em primeira pessoa sobre o entendimento simbólico do juramento do aprendiz e da tenacidade daquilo que jura

Vejo-me consternado... Sinto-me néscio do sofrimento alheio, quando me debruço sobre a Narrativa da Perseguição, de Hipólito Costa, e deito os olhos na esteira do tempo, para aquiescer a compreensão sobre os traumas que Irmãos de outrora enfrentaram, antes da Ordem encontrar-se no apogeu de sua Universalidade.

Costa foi um gênio precoce. Filho de Ana Josefa Pereira, com o militar Alferes Félix José da Costa, nasceu no dia 13 de agosto de 1774. Três anos após seu nascimento, e por conta da assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, no ano de 1777, Hipólito Costa migrou, com a família, para as proximidades de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, e depois para Porto Alegre. Aos 19 anos viajou para Portugal, para cumprir estudos superiores. Hipólito Costa formou-se em Filosofia, com 22 anos, em Direito, com 23 e em Letras, com 24. Imediatamente após formar-se no terceiro curso de graduação, desempenhou missão diplomática nos Estados Unidos, como membro da Corte Portuguesa. Durante sua instância na América do Norte, filiou-se à Ordem da Framaçonaria, iniciado Maçom aos 25 anos de idade, em 12 de março de 1799, na loja George Washington, nº 59.

Já de regresso a Portugal, Hipólito da Costa, em meados do mês de julho de 1802, foi autuado por um Corregedor de Crime, que se apresentou em sua casa para apreender documentos e localizar sua insígnia maçônica. Mantido incomunicável, sob cárcere da Inquisição, até o ano de 1805, Hipólito fugiu, exilando-se na Inglaterra. Durante o exílio, criou, em Londres, o Correio Braziliense, ainda reconhecido como o único jornal privado

que circulou no Brasil durante o período colonial.

Hipólito José da Costa Pereira Furtado Mendonça, hoje reputado o Pai da Imprensa nacional, faleceu no dia 11 de setembro de 1823, distante de casa, longe da sua pátria, e na condição de expatriado, perseguido pela condição de homem livre e de bons costumes, que enaltecera a justeza e a perfeição como atributo das atitudes desenvolvidas pelos Maçons. Hipólito Costa não foi o único Maçom encaçado.

A história franqueia, com robustez, o elenco de irmãos, como John Coustos, Francisco Ferrer, André Rebouças, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Domingos Martins, Hermes da Fonseca, que foram perseguidos, detidos, e extintos em decorrência do importante papel que desempenharam na preservação intacta das colunas de sua respectiva Loja.

É fato, incontestável, que junto com seus membros, também a Maçonaria foi esmagada por participar dos mais significativos processos de transformação sociopolítica, soerguendo a bandeira do humanismo, da tolerância e do liberalismo.

Por tudo isso, não posso ocultar-me de assinalar que aqueles irmãos que foram espezzinados, acossados e privados de sua liberdade, apenas foram por preservarem-se fiéis ao juramento enaltecido durante o rito iniciático.

Neste sentido, e distante de percorrer, sensorialmente, pelas viagens realizadas no decurso do caminho que antecede o momento em que o Neófito recebe a Luz da Verdade, detenho-me ao fato de que cumprida a sua jornada de experimentação, ele profere um juramento sagrado, sob o testemunho do G.: A.: D.: U.:

É pelo juramento que o iniciado acolhe os valores e os princípios da Suprema Ordem, comprometendo-se por lutar pela igualdade, mostrar o amor fraterno aos seres humanos, oferecer assistência aos seus irmãos, aceitar e cumprir os preceitos da Maçonaria, elevando o sentido da confiança, resguardando a frequência no comparecimento das sessões em Loja, e preservando o segredo sobre tudo o que acontece no Templo.

Inadmissível, portanto, cogitar a ideia de que o juramento maçônico perfaça um epíteto figurativo, que representa a materialização de uma alegoria estatuída por um singular roteiro esotérico. Se assim o fizesse, provocaria, naturalmente, uma ruptura entre o suposto filosófico de Parmênides, inumando a essência sobrenatural que sustenta a figura do ser, como essência da existência, e do não ser, enquanto aparência e ilusão.

Assim sendo, soterro toda e qualquer possibilidade de prostração atitudinal que conspurque a sublimação do juramento maçônico, corroendo o sentido sublime de representar um compromisso moral.

Impossível deslustrar que o juramento maçônico, “prestado diante do Livro da Lei, sintetiza uma promessa de vida austera, comprometida com a verdade e a justiça, jamais podendo ser esquecido por quem o fez solenemente, na presença espiritual do G.: A.: D.: U.:, criador de todas as coisas.” (Vieira, 2019, p. 8) O juramento traduz a promessa que o Maçom faz, de perseguir o progresso espiritual, a elevação moral, a prática da fraternidade e da solidariedade, o desenvolvimento do bem-estar da humanidade, o apoio aos seus irmãos, o exercício formativo, e

a participação frequente das sessões de sua Loja.

Deste modo, solevo que para o Maçom, o juramento reflete dois aspectos: “el honor y el deber. El masón nunca ha de perder de vista esos dos faros, porque indicaría para él seguro naufragio; el masón que pierda de vista el honor y el deber viola su juramento y está perdido, se hunde en el mar del deshonor y muere sin ser sentido, ni llorado.” (Zenit, 6.004 v. 1, p. 1). Observo, rotundamente que o Maçom “nunca ha de perder de vista esos dos faros, porque indicaría para él seguro naufragio; el masón que pierda de vista el honor y el deber viola su juramento y está perdido, se hunde en el mar del deshonor y muere sin ser sentido, ni llorado.” (Zenit, 6.004 v. 1, p. 1).

Na condição de um compromisso notadamente moral, o juramento não pode ser violado, sob pena daquele que o fizer subsumir-se num processo de degradação completa, eis que abjurar à Ordem, é renegar a própria alma. E outra hipótese não há para a atitude daquele Maçom que infringe o seu juramento, menosprezando o compromisso com a Loja, e desdenhando a responsabilidade com a Maçonaria.

Ressalto, então, que ao descumprir aquilo que declarou de viva voz, em alto e bom tom, com a M.:D.: estendida sobre o L.: da L.:, e espiritualmente abrigado pela aprovação do G.:A.:D.:U.:, o Maçom sentencia sua derrocada moral tanto no epicentro da Ordem Maçônica, como no ponto nuclear de vida profana. Além disso, rasga as páginas de história da Maçonaria, corrompendo suas conquistas, e combatendo a dignidade daqueles que pereceram fiéis ao compromisso que ele subestimou.



crônica

NA CASA DO LÍDER – I

Licínio Leal Barbosa | Cadeira nº 01

A casa de José Porfírio é pequena e rústica. Não há assento para todos, apenas quatro cadeiras. Destas, os três companheiros que já estavam na sua residência ocupam-nas, e a quarta cadeira José Porfírio me estende.

– Cadê a outra cadeira, Dorina? - indaga José Porfírio.

– Não trouxe, ainda, - retruca sua mulher. E tomara que não traga, - completa.

– Pois eu não faço esses votos, torna José Porfírio. Minha proposta é de V.V., vai e volta.

Brinco: — V. V. pode ser vai, vai... Minha proposta é V.V., vai e volta, reafirma Porfírio.

Dona Dorina fala, lá de dentro da cozinha:

– Tomara que não volte, p’ra ver se o dono toma mais cuidado com os trem dele.

– Toma jeito, como? - indago. Ele não é o líder? José Porfírio senta-se, à falta de uma cadeira, numa mesinha. Ele já andou pela sala à procura de algo, vai à porta da rua, e volta a sentar-se.

– Agora, vamos falar de política, diz-me, compenetrado. O senhor que está lá por cima sabe melhor do que nós, qui tamo pur cá...

– Modéstia do senhor, - interrompo-o. Aqui, o senhor tem rádio, lê jornal, recebe revista... Inclusive, O Cruzeiro, a maior revista semanal brasileira, se interessou pelo senhor, a ponto de mandar sua melhor equipe de jornalistas para uma reportagem, e entrevistá-lo.

– É modéstia do sertanejo... - reafirmo.

Conversamos. José Porfírio me pergunta sobre o que se está decidindo, no âmbito nacional. Digo-lhe que Juracy Magalhães, um dos donos da UDN, está vendendo caro seu apoio à candidatura Jânio Quadros, inclusive negociando seu nome para vice do homem da vassoura. Fala-se, também, numa terceira força, que seria composta por ele, Ademar e Plínio. Doutro lado, Jango está querendo obter amplas vantagens para dar seu apoio à candidatura do general ou marechal Lott, o candidato do PSD, imposto pelas Forças Armadas. Doutra parte, há uma certa paralisia nas negociações políticas, eis que Jânio ainda não voltou de sua viagem à Europa. Tudo indica que ele disputará a presidência com o marechal.

José Porfírio me assevera que confia na vitória da coligação PTB-PSD. E se refere à campanha passada, quando esses dois partidos se uniram para eleger Juscelino Kubitschek. Elogia o governo do presidente Juscelino, que

considera realizador. Está contente com o atual governo, porque, segundo ele, a Nação tem dado passos largos no caminho da reconquista da liberdade, após a derrocada da ditadura Vargas.

Vem o café. Dona Dorina serve-o num prato com duas xícaras desmaltadas, reservando a xícara de louça para o marido. Peço água, que me é servida num caneco de alumínio, com asa. Sorvo alguns goles, e derramo o resto no terreiro que dá para a rua.

Cadê as outras xícaras, mulher? indaga Porfírio, já agora sentado a meu lado, porque um dos companheiros se levantou, e se recostou à janela.

– Estão quebradas - responde Dorina.

José Porfírio derrama café nas xícaras.

– Prefiro a de esmalte, para me lembrar do meu tempo de criança, - confessa.

Continua na próxima edição...



artigo

A VAIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS – I

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

Era outono do ano de 1995, dezessete horas e trinta minutos de um dia de sábado. Aquela data e hora estavam marcadas para celebração da cerimônia de casamento de um amigo meu numa cidadezinha do interior de Goiás. Momentos antes, a Igreja já se encontrava repleta de convidados, todos bem vestidos e aguardando com ansiedade o início da cerimônia. Depois de meia hora de atraso, eis que surge a noiva à porta da igreja onde permaneceu por alguns instantes antes de adentrar o templo. Como manda a tradição, estava ela vestida de branco, usando véu e grinalda, enquanto o seu futuro esposo a esperava ante o altar. Os dois, bastante jovens, não eram de famílias ricas. Aparentemente tensos, mas entre sorrisos, buscavam transmitir aos presentes a satisfação que ambos sentiam por estarem prestes a realizar o sonho, que há tempos alimentavam, de um dia se casarem. Muitos eram os convidados e, entre eles estava Ruth, a mulher que, pela exagerada preocupação em merecer a atenção dos outros, havia se tornado o símbolo da vaidade naquele lugar e foi lá que eu a vi pela primeira vez.

Na continuidade dos anos que sucederam aquele dia, minha mente se fez povoada das lembranças de outros fatos também não menos importantes e, mesmo assim, não me esqueci das cenas que meus olhos testemunharam no transcorrer daquela celebração religiosa, vez que, além de convidado, lá eu me fazia presente porque era fotógrafo e fora incumbido de registrar todos os momentos daquele cerimonial.

Lembro-me que, enquanto o ato não se iniciava, fiquei à procura de um lugar dentro da igreja, que me

oferecesse condições para também começar o meu trabalho. Enfim acabei me posicionando ao lado de algumas mulheres que se encontravam ocupando os últimos assentos do lado esquerdo de um dos bancos mais próximos do altar. Em um dos ângulos escolhidos, quando eu já me preparava para dar início ao meu trabalho, senti que alguém tocava em meu braço como se quisesse dizer-me alguma coisa.

Atendo-me àquele toque sutil que mais parecia um chamado, volvi o rosto para trás a fim de certificar se alguém realmente me chamava. Eis que, inesperadamente, deparei-me com Ruth. Foi quando algo me chamou a atenção naquela mulher, que até então não me era conhecida. Observei-a por um instante. Sua aparência, imaginei, era de uns cinquenta anos de idade. Seus traços fisionômicos, de cor branca, de estatura mediana, de corpo perfeito e rosto com delicados traços esculturais deixaram-me convicto de que Ruth teria sido no passado uma mulher de singular formosura e que mesmo com o passar dos anos boa parte de sua beleza angelical não havia desaparecido. Seu rosto e seu corpo ainda eram atraentes. Fiquei a admirá-la por alguns instantes e logo lhe perguntei:

– Quer falar-me?

Ao que me respondeu:

– Sim! Gostaria que você me fotografasse ao lado dos noivos. É possível?

Concordando em satisfazê-la no que era de seu desejo eu lhe disse:

– Por gentileza, nesse caso, vá com quem estiver em sua companhia para o lado de lá que é por onde eles irão passar quando a cerimônia acabar e aí será o

momento propício para os noivos serem fotografados com os parentes e amigos.

Ela se explicou:

– Por favor, aqui sou apenas uma convidada amiga do casal, por isso gostaria de deixar minha presença registrada neste evento.

Desculpei-me e, momentaneamente, não compreendi por que uma mulher, que na mocidade fora sem dúvida tão bela, pudesse chegar aos supostos cinquenta anos de idade, desacompanhada, pelo fato de ainda se encontrar solteira, como ela própria me revelou minutos depois. Quem a observava logo percebia tratar-se de mulher que, apesar das evidentes provas de sua maturidade, mas ainda com tanto fascínio, continuava buscando conservar sua beleza através de excessiva vaidade, ou então, estaria deixando que os seus desejos, simplesmente, extravasassem daquela forma na ânsia de recuperar a parte da formosura que os anos nitidamente já lhe haviam tirado.

Expunha com muito orgulho através das mãos, orelhas e pescoço, todas as jóias que possuía, o que a deixava com um visual diferente e sobre o que meu olhar, surpreso, se prendia.

Naquele instante, alguém por perto, percebendo o meu espanto ante o quanto se encontrava embelezada aquela mulher, aproximou-se mais de mim e murmurou aos meus ouvidos:

– Noto que você está bastante surpreso com o visual dessa mulher! E com razão, pois ela é tida como o símbolo da vaidade neste lugar. Além de permanecer maquiada o tempo todo, ou seja, de segunda a segunda, dizem por aí que ela já se submeteu a várias cirurgias corretivas. Mexeu no rosto, na barriga, no bumbum, só não mexeu nos seios. Mas olhe, se alguém me perguntar se é verdade o que estou lhe dizendo não poderei confirmar, pois não tenho provas. Sou apenas mais um que a admira.

Ante o que aquele convidado me acabara de dizer eu apenas balancei a cabeça como sinal de que houvera compreendido tudo.

Continua na próxima edição...



opinião

A SUA PALAVRA TEM PESO?

Joás de França Barros | Cadeira nº 29

Imagine que você tenha morado muito tempo sozinho em um pequeno apartamento, com sua comodidade e práticas próprias e por algum motivo precisa compartilhar seu espaço com outra pessoa. Algumas coisas que fazia pode continuar fazendo e não atrapalham em nada a sua convivência, já outras causarão conflitos. Partindo da premissa de que toda convivência tem que dar chance igual de felicidade àqueles que convivem, você não poderá mais fazer exatamente como fazia morando sozinho.

Chamamos de ética a diferença entre o que você faria se estivesse sozinho no mundo e o que você faz porque tem alguém do seu lado que possui tanto direito de uma convivência feliz quanto você. Caberá a ambos identificar quais valores fundamentais para que possam ter chances iguais de felicidade e viver de maneira feliz convivendo naquele espaço. Isso vale para amigos família, turma em sala de aula, população em uma pequena cidade, país e toda humanidade.

A ética é preceito da convivência e respeito a chances iguais de felicidade para todos aqueles que interagem. Os valores são contraditórios e a transparência tem um valor fundamental para a convivência porque destrói a mentira, hipocrisia e a desigualdade. Todavia, o sigilo e a confidencialidade que são o contrário da transparência, também são fundamentais pra nossa convivência.

Sem a confidencialidade, o sacerdote não confessa, o contador não contabiliza, o auditor não audita, o professor não aplica prova, o concurso público não se realiza, o psicanalista não analisa, o juiz não julga.

Então perceba: se a transparência é fundamental, o sigilo que é o seu contrário, também é. Somos todos convidados para que haja uma formação ética mais importante, refletir de maneira lúcida sobre o tipo de sociedade e comportamentos que queremos pra nós. Claro que haverá angústia, dúvida sobre o que é mais valioso, o que é mais importante, portanto, toda vida ética é inseparável do medo do arrependimento, do

medo de não ter pensado direito, medo de não ter contribuído para construção da sociedade mais justa. E somente assim identificar com clareza os limites de nossas ações.

Os valores são contraditórios e complexos e a ética é a identificação do mais fundamental pra nós. Por exemplo, o divertimento é valor, mas não é o único valor a pautar as nossas vidas. Algo que está escasso em nossa sociedade é a fidelidade. Fidelidade é sempre a si mesmo, uma coerência entre a sua prática de agora e os discursos de ontem. É um alinhamento entre o que você prometeu ontem e o que você decide fazer hoje. Como resultado, confere integridade à sua trajetória.

Então, é muito difícil às vezes respeitar aquilo que prometemos. E como fazer? Quando as promessas surgem tem alguém ouvindo e é possível que tenha alguém que acredite em nós. É esse alguém deposita confiança, certeza de que no futuro respeitaremos o que está sendo dito, cria expectativas, sonhos,

faz investimentos, muda trajetórias de vida e tudo em função da promessa e da confiança que ela tinha em que eu e você seríamos fieis ao que estávamos prometendo.

Assim, se resolvemos mudar de ideia para poder levar uma vantagem, levaremos essas pessoas à desconfiança e não somente isso porque passarão a desconfiar de todos. Então haverá uma espécie de desconfiança generalizada, em que a palavra de ninguém vale nada. E é mais ou menos esse tipo de sociedade que, nas últimas décadas, temos construído para nós.

Somos absolutamente fiscalizados em todas nossas falas e ações.

Por essas e por outras, devemos escolher continuar contando com a confiança das pessoas, contribuindo assim para uma sociedade em que ainda acredita-se no que é dito ou então fazer parte de uma espécie em que só a verificação é garantidora de alguma certeza.

A fidelidade é a integridade da sua trajetória que desperta a confiança em nós e a sustentabilidade de um valor da vida de agora que projeta um futuro legal de viver e de conviver, limitando a conduta de hoje para que se possa continuar vivendo feliz amanhã e que seja possível continuar valendo a pena interagir, ouvindo as pessoas e levando a sério o que elas dizem.

Nesse momento percebemos que nos encontramos entre levar aquela vantagem imediata e de circunstância, ou então abrir mão de uma vantagem, assumir a perda em nome da integridade, confiança, fidelidade e da sustentabilidade. Portanto, faça os seus cálculos. Se esta for a meta, construiremos uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais digna de deixar para nossos filhos.





artigo

A QUESTÃO DA MORAL NA ÉTICA MAÇÔNICA

Luiz Signates | Cadeira nº 09

O debate sobre a moral é um dos mais antigos da filosofia e um dos mais problemáticos das ciências sociais. A filosofia tem para seu estudo nada menos do que um de seus campos fundamentais, além da ontologia e da gnoseologia: é na parte da filosofia que se denomina “Ética” que os filósofos, desde a antiguidade, debruçam-se sobre os problemas morais da Humanidade.

É preciso, portanto, antes de entrar propriamente nas questões da moralidade maçônica, efetuar uma distinção importante, entre Ética e Moral. A moral é o âmbito dos hábitos, regras e costumes de um grupo social qualquer; e a ética é o estudo filosófico da moral. Assim, este é um trabalho de ética, pois busca debater uma moral específica, a moralidade maçônica. Há vários autores que conceituam diferente esses vocábulos, mas, para efeito deste trabalho, manteremos esta distinção, que, a nosso ver, torna mais claros os conceitos e suas definições, ao permitir que não se confunda a adoção de critérios de bem e mal, de certo e errado, que configuram a moral, com o debruçar reflexivo da razão sobre tais critérios, a que chamamos de Ética.

Adotada essa disjunção conceitual, fica fácil compreender que os famosos “Códigos de Ética” das profissões não são, na verdade, códigos de ética, e sim códigos morais, embora o debate que os cria, os mantém ou os modifica, seja, sem dúvida um debate ético, desde que não descaça para a guerra moral, na qual busca-se, às vezes à força, impor regras e preceitos aos outros.

Essa distinção igualmente facilita que adentremos o desafio kantiano básico, cuja pergunta era pela possibilidade de fundamentar racionalmente a moral. Em outras palavras, Kant se indagava até que ponto decisões morais, ou seja, decisões sobre o bem e o mal, o certo e o errado, podem ser decisões éticas, isto é, podem ser tomadas pela razão, e não pelas emoções ou pelos instintos. É de conhecimento comum que

o grande filósofo moderno fracassou nessa busca, não encontrou a resposta à instigante pergunta sobre os fundamentos racionais da moral, mas construiu uma filosofia portentosa enquanto tentou respondê-la. O conhecimento vale pela busca, é uma viagem cujo valor está muito mais nas paisagens que descobrimos do que nos objetivos que alcançamos.

Outro ponto importante, que eu gostaria de enfatizar, é o caráter coletivo, social, das questões morais. Não é incomum fazer-se atribuições meramente individuais às questões morais, mas isso só é pertinente quando estamos discutindo as escolhas morais – estas sim efetuadas no âmbito da psicologia da intimidade. Entretanto, mesmo aí o debate individualista não reúne condições de se aprofundar, afinal, mesmo as escolhas morais mais individuais são, invariavelmente, apresentadas pela dinâmica social e decididas a partir de exigências culturais.

O livre arbítrio humano está, pois, indissolúvelmente atrelado às condições sociais em que se encontra a pessoa que se pretende livre para decidir. É em sociedade que aprendemos o que é certo e o que é errado; é com os outros e, não raro, em direção a outrem, que refletimos nossas ações e escolhas, quaisquer sejam elas; e, de ordinário, também, nossas opções morais trazem consequências às vidas alheias, de cujos efeitos não podemos nos furtar, nem jurídica, nem eticamente. A liberdade moral, portanto, constitui-se não somente como decisão livre, mas, também, como responsabilidade ética.

Sendo a moral uma construção coletiva, que se aprende e se pratica na relação social, a responsabilidade ética que ela estabelece está, obviamente, relacionada ao grupo social que a instaura e a exige, de seus membros. Ao assumirmos uma identidade cultural ou social qualquer, comprometemo-nos com as regras morais da comunidade à qual essa identidade se vincula, razão pela qual o grau de exigência moral desse grupo será tão maior

quanto for a ligação entre a moralidade estabelecida e a identidade em questão. Agrupamentos com menor poder vinculatório e no qual os membros se relacionam entre si por critérios mais racionais ou instrumentais exigem menos fidelidade moral do que grupos, cujos integrantes se vinculem de forma mais emocional e, assim, constituem um alto poder vinculatório e identitário. Como exemplo, nesse sentido, poderíamos afirmar que as academias científicas são moralmente menos exigentes do que as instituições religiosas.

Tais considerações básicas possibilitam uma reflexão que nos parece relevante, a respeito da moralidade maçônica, que nos une neste momento.

Defendemos aqui a tese de que a Maçonaria Universal tem peculiaridades éticas que a tornam uma comunidade extremamente específica e diferenciada, em seu caráter moral. Apesar de não ser uma ordem nem religiosa, nem científica, a maçonaria é uma instituição ao mesmo tempo ancorada em uma severa racionalidade de seus princípios, mas também com alto poder vinculatório de seus membros. Como isso se explica? É que, mesmo sem ser religião (muito ao contrário, tendo participado ativamente, desde as revoluções liberais e republicanas, do processo de racionalização da sociedade e de laicização do Estado, no que ganhou forte oposição da Igreja Católica), a Maçonaria exige de seus membros a convicção num G.:A.:D.:U.:, não importando a filiação religiosa, e, a partir desse princípio básico, prescreve aos maçons que se tratem como irmãos, desenvolvendo assim um elevado senso de fraternidade entre eles.

Deste preceito fundamental, deriva a eterna busca de cada maçom pela lapidação pessoal de seu caráter, isto é, pelo seu aperfeiçoamento moral. Eis o que garante à Maçonaria sua condição universal: fundamentar-se na universalidade moral do vínculo afetivo básico da Humanidade, inscrito no centro do ensino do Maior dos Mestres, Jesus Cristo.

O Amor é um sentimento subjetivo, mas não apenas isso: é também uma condição moral de relacionamento social e, se e quando compartilhado, torna-se um ambiente social, no qual a convivência passa a caracterizar uma sociedade civilizada, fraterna e justa que, convertida em cultura, pode implantar a tradição da felicidade típica das utopias das sociedades paradisíacas. A formulação simples do Cristo, assumida universalmente pela maçonaria, aponta, portanto, para a perfeição.

Assentada nesse ponto de apoio central e universal, a Maçonaria passa a lecionar a moralidade superior em cada um de seus ritos e símbolos, desde a Iniciação. Aliás, a cerimônia magna da Iniciação maçônica está completamente revestida de valores morais. Despojado dos metais, tomamos consciência da nudez original da alma humana, antes das vaidades ancoradas nas posses materiais. Ao seguirmos do Oc.: para o Or.: e depois do Or.: para o Oc.:, experimentamos desde o caos das paixões e dos excessos e os riscos da ambição e dos combates, até a paz da confiança e da coragem e a luz da sabedoria e da experiência. E isso o vivemos nas diferentes viagens purificadoras da Iniciação maçônica, logo em seguida à inesquecível e silenciosa estada na Câmara das Reflexões, onde somos colocados diante de nossa própria finitude, ao escrevermos de próprio punho o nosso testamento, e assim somos alertados para as graves responsabilidades que assumimos uns para com os outros e para com a Ordem Universal.

Desde então, aprendemos que adentrar a Ordem maçônica não é um simples filiar-se a um clube ou associação, e sim prontificar-se a renascer moralmente. Um renascimento que compromete o maçom consigo mesmo, com sua família, com seu povo e, sobretudo, com seus irmãos – e não apenas os Irmãos maçons, mas os irmãos em Humanidade, especialmente os pobres, os esquecidos, os injustiçados.

O verdadeiro maçom rasga-se a si próprio, imola-se, se preciso for, pela causa da justiça, do amor e do bem. E, como fizeram os primeiros pedreiros-livres, sacrifica-se ao custo da própria vida, se necessário, pela causa da democracia, da justiça social, da paz e do amor-ágape que nos deve caracterizar como civilização voltada para a felicidade de todos.



ciência & saúde

SAÚDE E BEM ESTAR

Paulo Ricardo Arantes de Brito | Colaborador

Hoje meus irmãos venho falar sobre a saúde e atividade física para os irmãos e suas famílias. Devemos tratar bem o nosso corpo, o cérebro, o coração, todos os nossos órgãos, vísceras e células, para nos dar saúde, requerem um bom tratamento e cuidados especiais. A prática de atividade física gera um aumento da qualidade de vida, aumenta a imunidade e principalmente pode aumentar sua expectativa de vida por pelo menos 15 anos. Temos como hábito acreditar que a prática de atividade física deve ser feita com grande volume gerando dor e até mesmo desconforto ao corpo e ao cotidiano.

A atividade física deve gerar conforto, bem estar e a melhoria da vida cotidiana do praticante de atividade física. Sabemos que, mesmo com todo o zelo, muitas moléstias, fogem do nosso controle e nos surpreendem quando menos esperamos, não é assim? Todavia, se elas encontrarem um corpo forte e preparado, a batalha pelo retorno à saúde nos será bastante favorável e a luta não será tão desigual e como benefício da

atividade física temos a prevenção de doenças como diabetes, obesidade, câncer entre outras. Cuidar da saúde não basta apenas tomar remédio a prática da atividade física deve ser feita regular como prevenção e aumento da qualidade de vida.

A nossa Saúde é o nosso maior e melhor patrimônio, e precisa ser cuidada vinte e quatro horas por dia. Já paramos para pensar que a nossa vida não pertence somente a nós, e que é também patrimônio das pessoas que amamos e que nos amam? Cuidemos, sim, e muito, do nosso corpo, da aparência e, principalmente, do espírito, dando a nós mesmos a disciplina que nos permitirá uma vida regrada, mas proveitosa. A maioria esmagadora das pessoas não está preparada espiritualmente para encarar com alma limpa as provações das enfermidades do corpo físico. Ninguém desconhece que sem a saúde, os maiores tesouros do mundo valem pouco, ou mesmo nada, porque não há como apreciá-los. Debilitar a nossa saúde, ou mesmo perdê-la, por causa de excessos, é algo

que, se permitirmos, lamentaremos por toda a vida. O corpo e o espírito devem estar sempre em sintonia, pois, a saúde de um depende da saúde do outro.

Devemos, além do cuidado físico, alimentarmos sempre o nosso espírito com vibrações positivas de paz, de esperança e de muita fé nas nossas habilidades para, assim, obtermos plenas condições de uma saúde física e mental que nos possibilite melhor qualidade de vida a cada dia. Vivemos numa era em que todos querem “qualidade de vida”, mas muita gente não percebe que o desregramento e a indisciplina na comida, na bebida, no lazer e até no sono indormido, são os nossos maiores inimigos para uma vida saudável e feliz. Portanto comece hoje com calma buscando a qualidade de vida e bem estar, seu corpo sua mente e seu espírito agradece. Um bom dia e uma ótima prática de atividade física.





opinião

ORIGEM DO CARNAVAL

Francisco Ribeiro de Souza | Colaborador

Embora o Carnaval tenha uma comemoração brasileira, sua origem não é nacional e sim na Grécia antiga. Basicamente, o Carnaval consiste em um festival do cristianismo ocidental que acontece antes da estação litúrgica da Quaresma. Portanto, comemora-se usualmente durante fevereiro ou início de março.

Curiosamente, esse período chama-se de Tempo da Septuagésima ou pré-quaresma. Ademais, é comum que envolva festas públicas ou desfiles que combinem elementos circenses com máscaras e uma festa de rua pública. Contudo, pode-se ainda encontrar pessoas especialmente trajadas para a celebração, criando um senso de individualidade e unidade social por meio da cultura.

No geral, utiliza-se o termo carnaval em áreas com grande presença católica. Sendo assim, países luteranos como Suécia e a Noruega celebram um período semelhante com o nome de Fastelavn. Apesar disso, compreende-se o Carnaval moderno como fruto da sociedade vitoriana do século XX, em especial na cidade de Paris.

O termo Carnaval vem do latim *"carnis levale"*, que significa algo como "adeus à carne". Isso porque, desde o ano 590 d.C, a celebração passou a ser adotada pela Igreja Católica como um marco inicial da Quaresma, período antes da Páscoa, marcado por grande jejum. Não é à toa, aliás, que o dia seguinte à terça-feira de Carnaval é a Quarta-feira de Cinzas.

Mas, segundo dados históricos, os festejos de Carnaval antecedem essa época. A origem real da folia está relacionada aos rituais de fertilidade da terra, que eram organizados anualmente no início da Primavera.

Os bailes de máscaras típicos da Europa, por outro lado, só foram criados por volta do século XVII, na França e rapidamente se espalharam por outros países, inclusive o Brasil.

Em resumo, o Carnaval no Brasil consiste em um importante elemento da cultura nacional, fazendo parte de incontáveis feriados católicos e datas de comemoração aguardada no país.

Por fim, encontram-se diferentes manifestações culturais da comemoração a depender da região. Portanto, enquanto no Rio de Janeiro costuma-se cultivar os desfiles de escolas de samba, pode-se encontrar blocos de carnaval em Olinda e grandes trios elétricos em Salvador.

(Excerto de texto extraído da Revista Wiki, artigo escrito por Thamyrís Fernandes)



tempo de estudo

ESQUADRO E COMPASSO

Paranahyba Santana | Cadeira nº 25

Os maçons devem enquadrar as suas ações pelo quadrado da virtude e aprender a circunscrever os seus desejos e manter as suas paixões, dentro dos limites, para toda a humanidade.

ESQUADRO – Instrumento com que se formam ou medem ângulos retos e se tiram as linhas perpendiculares;

COMPASSO – Instrumento que serve para traçar circunferências para marcar medidas dos tempos em música; cada uma das porções de igual valor de trecho musical, movimento regulado; medida, regra, constelação austral.

Para nós, os maçons, são os símbolos do pedreiro e do arquiteto.

Simbolicamente, na vida maçônica, esses dois instrumentos estão sempre associados. O **esquadro**, cuja propriedade é tomar os corpos quadrados. Com ele seria impossível traçar um corpo redondo. Simboliza a matéria e o equilíbrio resultante da união do ativo com o passivo. O **esquadro** é formado pela reunião da horizontal e da vertical. Cabe observar que a cruz e o quadrado podem ser considerados como formados por dois ou quatro **esquadros** de braços desiguais.

O **compasso**, que se compõe essencialmente por dois braços articulados e ligados por um eixo, é o símbolo do espírito e descreve círculos cujo centro ele indica nitidamente, assim como os raios e o diâmetro. Intelectualmente, o **compasso** é a imagem do pensamento nos diversos círculos que ele percorre. O afastamento de seus braços e sua aproximação, representam os diferentes modos do raciocínio que, de acordo com as circunstâncias, devem ser abundantes e amplos, ou precisos e estreitos, mas sempre claros e persuasivos. O **compasso** é o símbolo do relativo. Lembra a figura humana, já que tem cabeça e dois braços que se afastam à vontade. Eles medem o domínio que o gênio humano pode atingir do conhecimento.

Reunidos, o **compasso** e o **esquadro** formam a mais antiga e comum representação da instituição maçônica. Juntos, representam o único símbolo identificador da maçonaria. Atualmente, de tanto ser apresentado, é prontamente reconhecido até pelos profanos.

Entre nós, esotericamente, representa a *"Justa Medida"*.

A *"Justa Medida"* representa a Retidão. Leva-nos lembrar a cada instante que todas as nossas ações deverão ser plantadas com serenidade, bom senso e espírito de justiça. Faz recordar o compromisso solene assumido pelo iniciado de sempre agir dentro de uma escola de perfeita honestidade e retidão.

Ambos, **esquadro** e **compasso**, estão no cotidiano da vida do maçom desde a sua iniciação, pois que no momento de nossa iniciação, quando formulamos nosso juramento nos ligando à Sublime Ordem, apoiamos sobre o peito nu uma das pontas do **compasso** que, como sede da consciência, nos faz lembrar a vida passada, durante o qual os objetivos e iniciativas nem sempre, talvez, se tenham regrado por esse símbolo de exatidão e que daquele instante em diante deverá dirigir seus pensamentos e suas ações tendendo a ascensão de alguns degraus da escada de Jacó.

O sábio Salomão, foi iniciado nos mistérios do Egito, no seio da grande pirâmide de Kufu, renomeada de Quéops pelos Ptolomeus, onde se procuravam compor o livro da sabedoria da humanidade, prevendo a decadência espiritual e intelectual pela qual esta vem passando.

De sua iniciação, o grande Salomão aprendeu conceitos secretos sobre os mistérios da vida e da morte, da magia natural e da física oculta, sabedoria imutável e valorosa que ele resolveu encerrar em suas célebres *"claviculas"*. Seu emblema, chamado *"Selo de Salomão"*, compõe-se de dois triângulos equiláteros, perfeitos, sobrepostos um ao outro, um com a ponta voltada para cima, outro com a ponta para baixo, de modo de que seus vértices se encontram.

Assim dispostos, expressam a analogia dos contrários, a lei das correspondências, dizendo o que está em cima é como o que está embaixo.

Na maçonaria, os misteriosos emblemas do **esquadro** e do **compasso**, representarão, analogicamente, um triplo símbolo, com três significados: o **material**, que expressa uma utilidade; o **filosófico**,

que expressa uma ideia; e, o **metafísico**, que expressa um conceito.

No plano material, o **compasso** e o **esquadro** são ferramentas do construtor. Com o **compasso**, ele traça círculos, curvas, que o orientarão no corte de certos materiais. O **compasso** serve para medir e construir formas. **Compasso** provém do latim *compassare*, que significa *"medir"*.

No plano filosófico, o **compasso** é o símbolo do espírito de ação, do qual deve estar imbuído todo pedreiro-livre, e dos limites do maçom, aos quais ele deve obedecer por era ligado à fraternidade por um juramento. Apoiado na ponta, o compasso pode ser aberto em vários ângulos, formando círculos. Tais círculos serão a delimitação do trabalho maçônico na sociedade e, internamente, construindo um templo.

Metafisicamente, a haste na qual o compasso na qual o compasso é apoiado para traçar o círculo representa o absoluto e a origem imaterial do homem. Lembra que todas as coisas visíveis são feitas a partir do invisível. Arquiteto, no grego, significa *"construtor primordial"*. Daí que, em maçonaria, Deus é chamado de G.: A.: D.: U.:

Hermes, para os egípcios; Mercúrio, para os gregos; e, enoque pelos hebreus, tinha o postulado que *"assim como é acima, está embaixo"*, frase incompreensível para o profano, encerra a Verdade que brilha clara como um puríssimo diamante.

O *"Selo de Salomão"* ou *"Estrela de Davi"*, podem ser formados a partir de um círculo, onde, sobre certos ângulos um hexágono é traçado. A partir desse hexágono, ligamos as pontas de cima às pontas de baixo e obtemos o grande emblema que expressa materialmente a frase de Hermes.

No grau de Ap.:, as pontas do **compasso** estão sob o **esquadro**, significando que o neófito não tem consciência plena de todas as suas capacidades. Sua ação intelectual está ainda inibida por uma predominância dos instintos animais, que ele vai trabalhando e equilibrando na medida de sua evolução no caminhar. Da mesma forma o significado do porque a abeta de seu avental branco estar dobrada. Significa dizer que ela está tampando e protegendo o ponto de energia epigástrica, onde os instintos animais estão concentrados, onde depositamos os alimentos que ingerimos, até que a digestão mecânica e química os venha tratar.

Desta forma, temos que o **compasso** é o símbolo espiritual, posto que

representa o triângulo com o vértice para cima, o **esquadro** é a união do céu com a terra, do espiritual com o material, da consciência subjetiva com a consciência objetiva, do estado de êxtase com o estado de razão, dos olhos da alma com os olhos da carne.

É prudente o maçom que obra preocupado tanto com o mundo perceptível pelo intelecto, o mundo das formas, quanto com o supra-mundo, perceptível apenas através da alma. É no primeiro que, efetivamente, ele encontrará os instrumentos físicos para sua evolução.

O conhecimento da verdade nos liberta da ilusão. Os fantasmas do medo, do fanatismo, da fé cega, da superstição, são afastados pela sabedoria.

O triângulo apontado para baixo no *"Selo de Salomão"*, representado analogicamente pelo **esquadro** no simbolismo maçônico, exorta-o à busca incessante do conhecimento, do uso inflexível da razão.

O iniciado não se deve deixar levar pelo entusiasmo, mas, ao contrário, deve meditar cuidadosamente acerca das novas ideias.

Se colocado em forma de "L", fazendo com o solo um ângulo de 90°, o **esquadro** simbolizará, através de sua linha horizontal, a senda reta que o homem iniciado precisa percorrer na Terra, aplicando praticamente no cotidiano, os conhecimentos secretos que adquiriu. A linha vertical representará sua caminhada rumo ao cosmo, ao infinito, a Deus.

Com o **compasso**, a luz ganha forma, transforma-se em matéria, torna-se o homem. Mas, é com o **esquadro** que ele cresce.

A união de ambos realiza a criação. Na ordem geral das coisas, a união do triângulo superior com o inferior, cria as formas, realiza a natureza. No plano microcósmico, ou seja, no homem, a união do **compasso** com o **esquadro** dá-lhe a divindade.

No sinal de ordem e na saudação, as esquadrias estão presentes de uma forma a lembrar a retidão de caráter que deve orientar os obreiros da paz.

O homem não sabe nada, mas é convidado a tudo conhecer. Não é prudente limitar o conhecimento, desde que este seja buscado de forma honesta e aplicado de maneira útil.

Ao encararmos a luz, nossos olhos se ofuscam, mas, com o passar do tempo, nossas retinas habitam-se a contemplá-la e ficamos livres dos grilhões da ignorância, das marcas da superstição.



E-books disponíveis no portal da AGML. Acesse pelo link: <https://agml.com.br> ou pelo aplicativo do QR Code

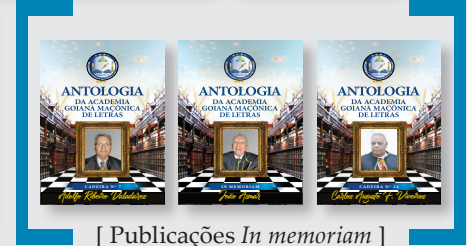
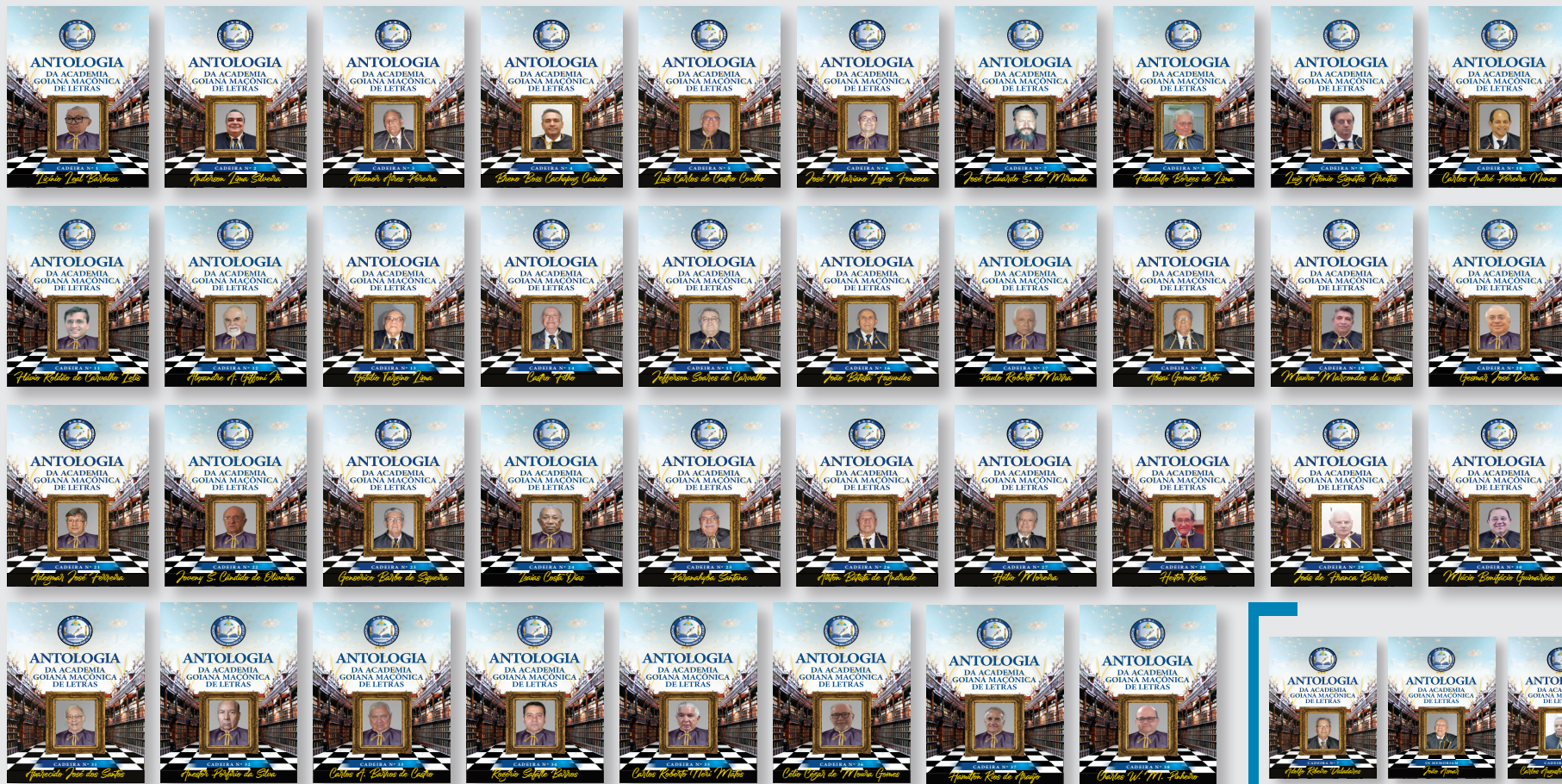


Jornal – O Confrade

Antologia Escritores

Antologia Confrades

Antologia dos Confrades escritores da AGML



[Publicações In memoriam]



noite solene

POSSE DA NOVA DIRETORIA DA AGML

Carlos Roberto Neri Matos | Cadeira nº 35

Em noite esplendorosa, no último dia 09 de fevereiro de 2023, tomou posse a nova Diretoria da Academia Goiana Maçônica de Letras - AGML, que tem agora como Presidente o Confrade José Mariano Lopes Fonseca e Vice-Presidente o Confrade Adegmar José Ferreira. Tivemos também a elevação à condição de patrono da cadeira 7, do nosso saudoso Confrade Adolfo Ribeiro Valadares e a investidura de 3 (três) novos acadêmicos, os Confrades José Eduardo Souza de Miranda – Cadeira 07, Flávio Roldão de Carvalho Leles – Cadeira 11 e Célio César de Moura Gomes – Cadeira 36.

Para abrilhantar ainda mais o evento foi feita uma apresentação do Coro Italiano Toscanelli da Associazione Italiana Di Goiás, que apresentou com esmero vários clássicos do cancionero da “velha bota”. Se fez presente no evento o Eminentíssimo Grão Mestre da Grande Loja maçônica do Estado de Goiás – Mario Martins de Oliveira Neto.

Sempre que posso falo sobre a Ordem Maçônica, e já desmitificando para aqueles que não a conhecem, não é uma sociedade secreta e sim discreta. Não aceita entre seus membros ateus, é preciso que o maçom a ser iniciado acredite no Ser Supremo, o qual chamamos de Grande Arquiteto do Universo, que é Deus. Então não existe nem um culto satânico ou algo do gênero no meio maçônico. Em todas nossas sessões existe a presença do Livro da Lei, a Bíblia Sagrada. Buscamos desenvolver-se intelectual e espiritualmente com estudos de nossos simbolismos e das ciências como: a aritmética, matemática, geometria, física, astrologia, letras, entre outras. Tudo isso tendo o objetivo de



combater a ignorância, a tirania, os preconceitos e os erros e defender o direito, a justiça e a verdade, para que assim possamos promover o bem-estar da pátria e da humanidade e possamos ao evoluir desbastar a nossa pedra bruta.

A Academia é composta por Confrades das duas potências amigas, Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás e Grande Oriente do Brasil – Goiás, e das mais diversas áreas do conhecimento e formações e aperfeiçoamentos, temos no nosso seio doutores e pós-doutores, mestres e especialistas, professores, escritores, profissionais da ativa e aposentados dos mais altos e relevantes cargos dos 3(três) poderes e das 3(três) esferas de governo. Para ilustrar tão nobre ambiente, cito trecho do nosso saudoso Confrade Adolfo Ribeiro Valadares, que resume bem o espírito da Academia: “Ambiente profícuo de ideias e

pensamentos, congrega membros Acadêmicos e Colaboradores; é seara fértil onde se semeia e se colhe; ensina e aprende; doa e recebe. Onde se pauta sempre, e antes de tudo, uma permuta crescente e harmoniosa de gentilezas, respeito mútuo, fraternidade, enfim, de conhecimentos edificadores, tanto da Ordem quando do mundo profano.”

A Academia tem crescido exponencialmente em termos de produção, criatividade e abrangência, pois temos os vários livros lançados e publicações nas mídias escritas por partes dos seus membros e, destaca-se o Jornal: O Confrade, que já ultrapassou os muros do Estado de Goiás, com citações honrosas em diversos outros meios acadêmicos maçônicos e não maçônicos, nacionais e até internacionais. Bem como, o livro Academia Goiana Maçônica de Letras – História e Antologia. O nosso novo Presidente José Mariano Lopes Fonseca nos concita a elevarmos ainda mais a qualidade de nossas produções e está cheio de ideias inovadoras. Sucesso a você Confrade e Presidente e a toda sua nova Diretoria. Parabéns ao Presidente João Batista Fagundes e sua equipe que com muito zelo e dedicação findam seus misteres.



GALERIA | SOLENIDADE DE POSSE



registro ABIN



confraria celestial

Mas – o que é um pormenor de ausência. Faz diferença? “Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta” – KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita. A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!” – desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas. [GUIMARÃES ROSA]



GRANDE ORIENTE DO BRASIL-GOIAS



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
01	Lícínio Leal Barbosa	
02	Anderson Lima Silveira	andersonlimadasilveira3@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	aidenoriaires@hotmail.com
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luís Carlos de Castro Coelho	luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	José Eduardo Souza de Miranda	jemiranda@mirandacorrealima.com
08	Filadelfo Borges de Lima	filadelfoborgesdelima@gmail.com
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com
10	Carlos André Pereira Nunes	carlosandre@carlosandre.com.br

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
11	Flavio Roldão de Carvalho Lelis	flavio.roldao@fg.edu.br
12	Alexandre Avelino Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gtargino@hotmail.com
14	Sebastião de Oliveira Castro Filho	castrofilho.o@gmail.com
15	Jefferson Soares de Carvalho	jcarv57@yahoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	mauromarcondes.costa@gmail.com
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	Adegmar José Ferreira	degmarferreira@uol.com.br
22	Joveny Sebastião Cândido de Oliveira	jaqueline5oficio@gmail.com
23	Gensérico Barbo de Siqueira	irt.d.anapolis@gmail.com
24	Isaias Costa Dias	isaiascdmc@hotmail.com
25	Paranahya Santana	paranasan@gmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
26	Aírlton Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	drhmoreira@gmail.com
28	Heitor Rosa	heitorrosas@gmail.com
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Mucio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio da Silva	silvaanestor001@gmail.com
33	Carlos Alberto Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogeriosafatle@gmail.com
35	Carlos Roberto Neri Matos	carlosnerim@gmail.com
36	Célio César de Moura Gomes	celio2004mg@hotmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gleg.com.br
38	Charles Wellington de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br